



Campus Universitário de Almada
Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada

A Importância da Música no Desenvolvimento – um enfoque nos processos relacionados com o comportamento

Alexandra da Costa Marquez

Nº de aluno: 56169

**Mestrado em Ensino da Música
Prática de Ensino Supervisionada**

Orientadora institucional: Mestre Ana Leonor Pereira

Orientadora cooperante: Professora Natália Monteiro

Entidade Cooperante: Conservatório de Música de Sintra

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

Relatório final, apresentado com vista a obtenção do 2º ciclo de Estudos, conducente ao grau de Mestre em Ensino de Música, ao abrigo do Despacho nº 15045/2011 e de 7 de novembro (Diário da República, 2.ª série – N.º 213 – 7 de novembro de 2011).

Dissertação de Mestrado em Ensino de Música

Orientador: Professor Domingos Rasteiro

Docente: Alexandra da Costa Marquez

Almada, 2021

Índice

Índice de Anexos	i
Índice de Tabelas	ii
Declaração de Autenticidade	iv
Agradecimentos	vi
Resumo	viii
Lista de Abreviaturas	xii
Introdução	1
Parte I – Prática de Ensino Supervisionada	3
1. Estrutura e Objetivos da Prática de Ensino Supervisionada	5
1.1 Estrutura	5
1.2 Objetivos	7
2. Ensino da Música em Portugal	9
2.1 A evolução do Ensino da Música em Portugal.....	9
2.2 Ensino Artístico Especializado na Música	13
2.3 Objetivos do Estágio	15
3. Instituição de Acolhimento	17
3.1 Descrição e Caracterização da Instituição de Acolhimento e do Meio Envolvente	17
3.2 Métodos de Avaliação	19
4. Desenvolvimento Profissional e Educativo	21
4.1 Influência do Orientador Cooperante	25
5. Participação na Escola	29
6. Reflexão sobre a PES	31
Parte II – Investigação	33
Introdução	35
1. Apresentação da Investigação – Problemática e Objetivos	37
1.1 Contextualização da pesquisa.....	38
1.2 Objetivos da Investigação	39
2. Revisão da Literatura	40
2.1 Música no Âmbito do Desenvolvimento.....	41
2.2 Música e o Desenvolvimento de Crianças e Jovens.....	53
2.3 Desenvolvimento Humano e Distúrbios Comportamentais	63
2.4 Utilização de atividades musicais nos processos educativos	77
3. Metodologias de Investigação	81
3.1 Objetivos do trabalho de campo.....	81

3.2 Público-Alvo	82
3.3 Procedimentos Utilizados.....	83
3.3.1. 1ª Fase De Investigação – Observações Narrativas.....	84
3.4. 2ª Fase de Investigação - Entrevistas	87
4. Apresentação e discussão dos resultados.....	95
5. Conclusões.....	97
5. Bibliografia /Webgrafia	107
Anexos	119

Índice de Anexos

Anexo A - Questionário 1ª Fase de investigação

Anexo B – Guião de Entrevistas 2ª Fase de investigação

Anexo C – Diário de Bordo

Anexo D - Análise de Conteúdo e Categorização das Entrevistas

Anexo E – Transcrição das entrevistas

Índice de Tabelas

<i>Tabela 1 - Contabilização de horas realizadas durante a PES</i>	<i>6</i>
<i>Tabela 2 - Critérios de Avaliação, Conservatório de Música de Sintra</i>	<i>20</i>
<i>Tabela 3, Participação nas atividades escolares e administrativas</i>	<i>29</i>
<i>Tabela 4, Participação na escola em projetos escolares e acadêmicos</i>	<i>30</i>
<i>Tabela 5, Análise Comparativa - Encarregado de Educação.....</i>	<i>99</i>
<i>Tabela 6, Análise Comparativa - Professora Iniciação Musical</i>	<i>100</i>
<i>Tabela 7, Análise Comparativa - Professora de Classe.....</i>	<i>101</i>

Declaração de Autenticidade

A presente dissertação foi realizada por Cláudia Sofia Martins Varino do Ciclo de Estudos de Mestrado em Ensino de Música, no ano letivo de 2018/2019.

O seu autor declara que:

- i. Todo o conteúdo das páginas que se seguem é de autoria própria, decorrendo do estudo, investigação e trabalho do seu autor.
- ii. Este trabalho, as partes dele, não foi previamente submetido como elemento de avaliação nesta ou em outra instituição de ensino/formação.
- iii. Foi tomado conhecimento das definições relativas ao regime de avaliação sob o qual este trabalho será avaliado, pelo que se atesta que o mesmo cumpre as orientações que lhe foram impostas.
- iv. Foi tomado conhecimento de que a versão digital deste trabalho poderá ser utilizada em atividades de deteção eletrónica de plágio, por processos de análise comparativa com outros trabalhos, no presente e/ou no futuro.
- v. Foi tomado conhecimento que este trabalho poderá ficar disponível para consulta no Instituto Piaget e que os seus exemplares serão enviados para as entidades competentes e prevista na legislação.

Setembro, 2021

Assinatura

Agradecimentos

Na conclusão deste meu projeto final de Mestrado em Ensino da Música, tenho em primeiro lugar de agradecer ao meu orientador, Professor Doutor Domingos Rasteiro por toda a ajuda, conhecimento, sabedoria e paciência. Sem a sua ajuda não conseguiria ter realizado este trabalho. Devo-lhe muito.

Em segundo, à minha orientadora cooperante, Natália Monteiro que me ajudou e acompanhou ao longo de todo o meu estágio profissional, me enquadrou na escola e com os restantes colegas e esteve sempre disponível para qualquer dúvida e/ou ajuda.

Agradecer também à minha orientadora institucional, Mestre Ana Leonor Pereira por todo o apoio na realização do Portefólio e Relatório de Estágio e sempre toda a disponibilidade mostrada para ajudar.

Por fim, relevar a importância dos meus pais e todo o seu apoio ao longo deste Mestrado, à minha irmã por todos os conselhos, ajudas e horas de companhia durante todo o processo e à minha “família” de Lisboa.

Resumo

O presente Relatório Final foi elaborado no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES), inserida no Mestrado em Ensino de Música do Instituto Piaget – ISEIT Almada. Este documento está dividido em duas partes principais.

Na primeira parte será apresentado a parte de todo o relatório da Prática de Ensino Supervisionada, uma pequena introdução sobre a escola onde foi realizado o estágio, revisão das planificações criadas pela docente e por fim, uma análise e reflexão de todo este projeto e aprendizagem.

Na segunda parte é apresentado o trabalho de investigação intitulada “A Importância da Música no Desenvolvimento – um enfoque nos processos relacionados com o comportamento”.

Esta temática surgiu devido a uma aluna que acompanhou no estabelecimento da Prática de Ensino Supervisionada, que demonstrou comportamentos incorretos para a sala de aula. A mestranda já tinha curiosidade em saber mais sobre as influências e valências positivas da música para as crianças. Conjugou-se então este tema com os vários tipos de comportamento.

A aprendizagem da música tem imensos benefícios tanto para idades mais novas como mais velhas, sendo que para quem começa numa tenra idade consegue ter benefícios a nível motor, cerebral, intelectuais e emocionais. A musicoterapia fala exatamente sobre de como a música consegue ajudar todos os tipos de pessoas.

Além de toda esta parte de investigação, esta experiência fez a mestranda pensar na sua docência de forma muito mais organizada, planeada, pensada e realizada de uma forma muito mais analisada. Ter de avaliar aula a aula (da aluna em específico), criar tipos de metodologias diferentes, ajudou a entender de uma forma muito mais concreta o quão importante é cada aula e a forma como nos adaptamos conforme a necessidade e até personalidade de cada aluno.

Palavras-chave: música, ensino da música, prática individual, flauta, distúrbios comportamentais, benefícios, aprendizagem musical;

Abstract

This present final report was elaborated within the ambit of the curricular unit of Supervised Education Practice, “Prática de Ensino Supervisionada” (PES), inserted in the Master’s in Music Teaching of the Instituto Piaget - ISEIT Almada. This document is divided in two main parts.

In the first part, it will be presented all the report of the Supervised Teaching Practice “Prática de Ensino, a short introduction about the school where the internship was held, a review of the plans created by the teacher and, finally, an analysis and reflection of this entire project and learning.

In the second part is presented the research work, entitled “The Importance of Music in Development - a focus on behaviour-related processes”

This theme arose due to a student who i accompanied in the establishment of the Supervised Teaching Practice, who demonstrated incorrect behaviour in the classroom. The master's student was already curious to know more about the positive influences and values of music for children. She then combined this theme with the various types of behaviour.

Learning music has immense benefits for both younger and older ages, and for those who start at a young age can achieve benefits at motor, brain, intellectual and emotional levels. Music therapy talks exactly about how music can help all kinds of people.

In addition to all this research part, this experience made the master’s think about their teaching in a much more organized, planned, thought out and carried out way and in a much more analysed way. Having to evaluate class by class (this student in particular), to create different types of methodologies, helped to understand in a much more concrete way how important each class is and how we adapt according to the needs and even personality of each student.

Key-words: music, music teaching, individual practice, flute, behavioral disorders, benefits, learning music

Lista de Abreviaturas

CMS – Conservatório de Música de Sintra

FCG – Fundação Calouste Gulbenkian

ISEIT - Instituto de Estudos Interculturais e Transdisciplinares de Almada

PES – Prática de Ensino Supervisionada

ECD – Estatuto da Carreira Docente

PIF – Plano Individual de Formação

Introdução

O presente Relatório Final foi elaborado no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES) pertencente ao período conclusivo do Mestrado em Ensino de Música do Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares (ISEIT), do Campus Universitário de Almada. A sua conclusão confere habilitação própria necessária ao exercício da profissão de docente neste setor.

Esta parte inicial é composta por seis capítulos e resume tudo o que foi feito durante o estágio profissional, o desenvolvimento pedagógico aprendido e uma conclusão e reflexão sobre todo o processo.

No primeiro capítulo falamos na estrutura e os objetivos da PES, e que tipo de atividades foram realizadas durante este tempo na instituição de acolhimento.

No segundo e terceiro capítulos irei falar mais sobre a evolução do Ensino da Música em Portugal, o Ensino Especializado de Música, os objetivos do estágio realizado e um pouco de enquadramento da instituição de acolhimento escolhida e a razão dessa mesma escolha.

No quarto e quinto capítulos, um pequeno resumo sobre o contexto social e ético do estágio e a participação da escola com a comunidade. Todas as atividades envolvidas com o público e a importância dos conservatórios realizarem este tipo de atividades.

Por fim no sexto capítulo, uma pequena conclusão sobre o desenvolvimento pessoal e profissional e uma reflexão sobre a PES, as influências que teve na vida de uma pessoa que está prestes a tornar-se um docente e a sua importância para o futuro desta profissão.

Parte I – Prática de Ensino Supervisionada

1. Estrutura e Objetivos da Prática de Ensino Supervisionada

1.1 Estrutura

O portefólio tem subjacente na sua organização o perfil geral de desempenho profissional dos professores dos ensinos básico e secundário, definido pelo Decreto-Lei n.º 240/2001 de 17 de agosto, que assenta em quatro dimensões: dimensão profissional, social e ética, dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, dimensão de participação na escola e de relação com a comunidade, e dimensão de desenvolvimento profissional ao longo da vida.

Este processo inclui a escolha da instituição onde o estágio foi realizado e uma caracterização da mesma, sobre o professor cooperante, os alunos com quem teve contacto, apresentação das planificações, relatórios das aulas dadas e assistidas, dificuldades que o mestrando apresentou e descrição de todas as atividades planeadas ao longo do ano letivo. O portefólio deve apresentar todo o interesse e dedicação que a mestranda apresentou durante estes seis meses, o conhecimento que absorveu e como toda a experiência do estágio e uma prova de todo o conhecimento que obteve ao longo deste tempo.

O PES é realizado em três fases diferentes: a planificação das horas, atividades, estabelecimento de ensino, através da elaboração do Plano Individual de Formação (PIF); a segunda que acaba por ser o pôr em prática tudo o que tinha sido planeado no PIF (realização destas atividades, participação na escola e com a comunidade escolar, absorção de todo o conhecimento e aprendizagens) e na última fase, a elaboração deste documento numa fase de autorreflexão, avaliação e ponderação. Assimilar todas as conexões e conhecimentos adquiridos pelo tempo passado com a escola, os professores, os alunos, orientadores e conosco próprios.

O estágio tem de ter um mínimo de 450 horas, na tabela seguinte é demonstrado como a mestranda fez de Setembro a Maio um total de 459 horas.

Atividades	setembro	outubro	novembro	dezembro	janeiro	fevereiro	março	abril	maio	Horas
Aulas assistidas e lecionadas supervisionadas										424
Reuniões escolares e com orientadores										30
Audições										3
Provas técnicas e recital										2
Total										459

Tabela 1 - Contabilização de horas realizadas durante a PES

Numa fase inicial todas as aulas foram assistidas para uma melhor compreensão da logística de uma aula, como proceder com cada aluno e como nos havemos de adaptar conforme cada situação. Passados dois meses, a orientadora institucional deixou alguma liberdade para a mestranda proceder ao ensinamento das aulas, ganhar autonomia e confiança em saber que informação transmitir aos alunos. Durante este tempo, a confiança e autoconhecimento da mestranda foi aumentando, sendo que em alguns casos já sentia que sabia automaticamente como proceder em certas situações. Depois de se ganhar alguma confiança, a mestranda começou a assistir a provas técnicas dos alunos e a participar em audições com dois ou três alunos preparados por ela própria. Nada disto conseguiria ter sido feito sem o apoio enorme da sua orientadora institucional, o ar acolhedor da escola e o apoio do restante corpo docente.

1.2 Objetivos

A profissão do professor nunca se sujeita apenas ao que acontece dentro da sala de aula, mas sim a tudo o que acontece no planejamento e dedicação por trás disso. O saber adaptar o plano e a matriz de avaliação a cada aluno, o saber as suas valências e dificuldades e também saber manter a motivação e entusiasmo pela disciplina.

Por estas razões, a função de um professor não cai apenas nas responsabilidades morais. Cai nas responsabilidades educativas, na prática reflexiva, na participação crítica, na promoção da aprendizagem e de todo o trabalho organizacional realizado e refletido em casa.

Partilhamos a ideia de Moreira (2010) que considera que o desenvolvimento profissional exige que a teoria e prática se interliguem, fundamentando o exercício da docência que se reconstrói ao longo de toda a carreira. O mesmo autor (Moreira & Ferreira, 2010) ainda defende que “o desenvolvimento profissional enquanto processo ocorre em contexto natural, o local de trabalho do docente, de forma individual ou coletiva, por experiência formal e informal.”

A meu ver, no final é a isto a que cabe os objetivos da PES. Através de todo um processo de estágio profissional educativo, onde, de para além de todo o conhecimento que obtemos, somos postos à prova a nível emocional, educativo, profissional e até pessoal. É estar num local de trabalho a lidar com a educação dos nossos futuros adultos e percebermos o tipo de responsabilidade a que esta profissão nos desafia.

A PES deve-se rever pelas quatro dimensões da docência para ensinos básico e secundário definido pelo Perfil Geral de Desempenho Profissional (Decreto-Lei n° 240/2001 de 30 de agosto):

1. dimensão profissional, social e ética;
2. dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem;
3. dimensão de participação na escola e de relação com a comunidade;
4. dimensão de desenvolvimento profissional ao longo da vida.

Em geral, a prática docente reflete-se em três momentos importantes: a planificação (o antes (a organização antes de lecionar), o desenvolvimento (a prática continuada de lecionar) e a avaliação (o pós-lecionar).

2. Ensino da Música em Portugal

2.1 A evolução do Ensino da Música em Portugal

Na Idade Média começam a aparecer as primeiras referências a nível de ensino de música em Portugal, nas escolas capitulares ou claustrais, educavam-se os moços de capela ou meninos cantores. Esta formação incluía a teoria musical, a educação da voz, a memorização de melodias e o conhecimento das cerimónias litúrgicas.

A escola capitular mais antiga conhecida é a da Sé de Braga que existia no século XI, mais precisamente em 1072. Noutras Sés as informações são mais tardias, por exemplo, Coimbra em 1086, Lisboa em 1150, Porto em 1186 e Évora em 1200. O primeiro regimento de uma capela conhecido é de 1229 de S. Maria da Oliveira de Guimarães. (Marquez, 2015)

Nos séculos XIV e XV existiam como fontes musicais apenas os livros de cantochão que provinham da Idade Média, no entanto a escassez de informação sobre a polifonia religiosa poderá estar relacionada com a austeridade cisterciense. (Marquez, 2015)

Os primeiros indícios da polifonia surgem coma contratação de Jehan Simon de Haspres, um compositor da escola de Avignon pelo rei D. Fernando.

A música religiosa ocupava um papel preponderante nas instituições da corte devido á importância do clero nesta altura.

Em 1323 D. Dinis estabelece um ordenado para o professor de música, um décimo do ordenado do Lente de Direito.

Apenas em 1544 se conhece o nome do titular do cargo de professor de música. Mateus de Aranda.

Entre os séculos XV e XVIII são muitos os músicos que ocupam lugares de destaque nas cortes portuguesas, mas também aqueles que com bolsas se deslocam para o estrangeiro.

Para além disso a música fazia parte da educação e formação dos infantes e consortes destacando-se, por exemplo, D. Leonor, 3.^a consorte de D. Manuel I, filha de Filipe *o Belo* e Joana *a Louca* e irmã de Carlos V, identificada como mulher de rara cultura que cantava e tocava alaúde e clavicórdio.

É durante o século XVII que se começa a falar de uma forma mais séria do termo “escola”, devido à dificuldade do repertório pedido nas admissões das escolas estrangeiras. O professor era apelidado de Mestre e era visto como um prior do conhecimento musical. As aulas eram dadas na casa deste e por vezes, quando os alunos queriam um curso mais intensivo, ficavam lá a dormir por um curto período de tempo. Esta aprendizagem era paga quando os alunos formados ganhavam altos cargos, ou seja, parte do salário passava para o Mestre.

A duração deste curso em média durava dez anos e o discípulo aprendia o instrumento, canto, formação musical e composição.

É nesta altura também aparece o primeiro conservatório de que há notícia, em 1537 fundação do Conservatório de Santa Maria do Loreto, Nápoles, a que se segue a fundação de três outros.

A entrada no Conservatório era uma entrada na religião, uma entrada num sacerdócio. A escolaridade era feita a par de exercícios religiosos – orações individuais e coletivas. A certificação no final dos estudos consistia na composição de dramas sacros ou na participação vocal ou instrumental nessas obras.

O ano de 1834 marca o início de uma nova época no ensino musical com a perda do poder da Igreja e a extinção do Seminário da Patriarcal, assim o ensino da música religiosa passa a ser feito exclusivamente nos Seminários embora num nível muito mais reduzido, quase limitado ao cantochão.

Por decreto de dia 5 de Maio de 1835 foi criado um Conservatório de Música ligado à Casa Pia, ainda muito ligado ao passado no seu modelo filantrópico, mas também nos professores que vinham do corpo docente da Patriarcal.

Em Novembro de 1836 com a reforma de Passos Manuel é criado em Lisboa um Conservatório Geral de Arte Dramática concebido à imagem do Conservatoire National de Musique et de Déclamation de Paris de 1795.

O conservatório de música da Casa Pia foi integrado como Escola de Música no novo conservatório.

José Viana da Mota foi o artífice da mudança no panorama musical nas primeiras décadas do século XX tanto no ensino musical como no gosto do público através da atividade de pianista, compositor, pedagogo e musicógrafo.

Hoje em dia, Portugal vai evoluindo gradualmente no seu ensino e educação musical, sendo construídos cada vez mais conservatórios e escolas de música assim como academias, sendo até obrigatória a disciplina de música no ensino básico.

As universidades têm criado novos cursos direcionados para o mundo da música, nomeadamente Solista, Instrumentista de Orquestra, Educação Musical, Direção, Música Antiga, Musicologia. Vários projetos a nível de ensino têm sido realizados nomeadamente o programa Erasmus, Workshops, Encontros Musicais e Masterclasses.

Hoje em dia, já conseguimos detetar inúmeras influências estrangeiras e compositores que influenciam a nossa cultura musical portuguesa.

2.2 Ensino Artístico Especializado na Música

Os Cursos Artísticos Especializados - áreas das Artes Visuais e dos Audiovisuais, da Dança e da Música - são um tipo de ensino que oferece uma formação especializada a jovens que revelem aptidões ou talento para ingresso e progressão numa via de estudos artísticos, em que se desenvolvem competências sociais, científicas e artísticas e se obtém o nível básico e/ou secundário de educação.

Os Cursos Artísticos Especializados nas áreas da Dança e da Música são um percurso de ensino básico (Portaria n.º 223-A/2018, de 3 de agosto) e de ensino secundário (Portaria n.º 229-A/2018, de 14 de agosto). Algumas escolas oferecem no 1.º ciclo uma aprendizagem ao nível das Iniciações em Dança e em Música.

Falando especificamente da música em si, existem três tipos de regimes possíveis para ingressar nesta área artística, estando ainda na escola.

- Regime integrado – este destina-se aos alunos que querem ter as disciplinas da escola regular + disciplinas específicas de música, num só estabelecimento. Isto acaba por ser melhor para os alunos, não só a nível de coordenação de horários como desgaste físico. Hoje em dia em Portugal já existem conservatórios que possuem o ensino integrado, no entanto, não é assim tão comum.
- Regime articulado – este regime acontece quando uma escola regular (com as disciplinas normais de básico) estabelece uma cooperação com um conservatório de ensino especializado de artes. O aluno tem as suas disciplinas “normais” na escola, e as do ensino artístico no conservatório. Hoje em dia, a maior parte dos alunos acaba por escolher este regime visto que a coordenação é feita entre escolas. Normalmente retiram do programa escolar a Educação Musical e Educação Visual ou Tecnológica. Este tem o apoio financiado a 100% pelo Estado.
- Regime supletivo – Este regime acontece que os alunos frequentam as disciplinas de ensino artístico especializado da música num conservatório de ensino artístico especializado da música, independentemente das habilitações que possuem. Ou seja, além do currículo normal, os alunos vão fazer o curso de música de forma complementar. Este curso não é normalmente financiado pelo Estado, mas em alguns casos pode existir um financiamento de 50%.

- Curso Livre – o curso livre destina-se a qualquer pessoa, dos oito aos oitenta, que esteja interessado em aprender algum instrumento ou mesmo a teoria musical. É o próprio indivíduo que escolhe as disciplinas que quer ter. Este regime tem de ser 100% financiado pela pessoa.

Em 2012, sai publicamente pelo Diário da República as Portarias nº 225/2012 de 30 de julho e nº 243-B/2012 de 13 de agosto com a oficialização dos cursos básicos e secundários de dança, música e canto gregoriano com os respetivos planos de estudos, regimes de frequência, funcionamento, avaliação e certificação validados.

Dentro do Ensino Especializado de Música, temos três disciplinas principais:

- Formação Musical/ Formação Teórica: A parte teórica da música, onde se aprendem os básicos como as notas, os ritmos e a própria leitura musical. Esta disciplina continua durante todos os anos de formação devido ao facto de cada vez mais infiltrar-se nas análises musicais.
- Prática Teórica – Instrumento: Cada aluno no início de cada ano tem a hipótese de escolher e/ou experimentar um instrumento e ter a hipótese de decidir o que quer aprender. Normalmente, os conservatórios têm uma variada lista de instrumentos dos quais se pode escolher, sendo que, habitualmente existem todos os instrumentos de sopro, cordas, percussão e cordas percutidas. Por vezes em alguns conservatórios o aluno terá de escolher um segundo instrumento. Esta disciplina continua até ao final da formação, sendo que alguns até continuam com esta especialidade até à Licenciatura.
- Classe de Conjunto: esta disciplina serve para as crianças que entram nesta formação perceberem que a música é uma linguagem universal e que fazê-la com outros músicos é importante. Esta disciplina transmite partilha, cooperação e solidariedade para com os colegas. Pode ser ensinada ou enquadrada no programa de várias formas: como um coro infantil, uma orquestra de jovens, em música de câmara como um quinteto de sopros.

2.3 Objetivos do Estágio

A PES é tutelada pela Comissão Científica do Curso e enquadrada pelos regulamentos do Mestrado e da PES, sendo concretizada através de uma ou mais unidades curriculares, semestrais ou anuais, de acordo com os planos de estudos dos Cursos de Mestrado a que se refere o artigo 1º do Regulamento da PES.

A prática reflexiva e a participação crítica são orientações prioritárias da formação de professores enquanto resposta aos contextos sociais em transformação (Alarcão & Tavares, 2003).

Para que a educação continue a evoluir e as crianças de hoje se tornem os adultos de amanhã, não basta lecionar. É preciso refletir nos nossos comportamentos, atitudes e competências perante cada aluno. Que melhor exemplo para fazer isso do que na altura da nossa formação, para podermos refletir e ter um documento para olhar no futuro sobre a nossa visão da educação? Uma maneira para inspirarmos futuros alunos?

Como foi estagiar com alguém que admiramos, envolver-nos num ambiente escolar e absorvermos todos os ensinamentos e conhecimentos que absorvemos de todas as pessoas naquele meio escolar nos tinham para oferecer.

E no final, a reflexão sobre tudo o que correu bem, o que correu mal e o que poderia ter sido melhor, de todas as audições, reuniões e projetos em que participámos e como isso nos prepara para sermos melhores uns professores num futuro. Foi no estágio que estivemos diretamente ligados a um meio escolar, o seu funcionamento, a interligação de professores com encarregados de educação e ver as audições.

A ideia de Moreira (2010) é que todo o desenvolvimento profissional requer não só teoria, mas que esta se interligue com a prática e que estas em conjunto fundamentam a docência ao longo da carreira de cada professor. É através da observação (aulas assistidas), dos conselhos, da maneira como se lida os vários tipos de personalidade dos alunos (incluindo distúrbios comportamentais) e das metodologias, que tiramos exemplos próximos para um futuro na educação.

García afirma que um dos modelos de desenvolvimento profissional tem por base a reflexão, o apoio profissional e a supervisão, encarando a primeira como estratégia que visa permitir aos professores conhecer, analisar, avaliar e questionar a sua prática docente. Ao observar-se, o professor ganha maior autoconsciência pessoal e profissional. (Marcelo García, 1999).

3. Instituição de Acolhimento

3.1 Descrição e Caracterização da Instituição de Acolhimento e do Meio Envolverte

O Conservatório de Música de Sintra (CMS) é uma escola de ensino artístico especializado de Música, em que os valores principais incluem “proporcionar uma pedagogia diferenciada, em que a Música e as Artes têm um papel central na educação de cada criança” (CMS).

É uma associação sem fins lucrativos e de utilidade pública, criada em 1974, e possui alvará do Ministério da Educação para lecionar cursos oficiais de música desde 1982 e autonomia pedagógica desde 2008.

O CMS tem como missão “promover o ensino da Música com o objetivo de formar futuros profissionais e proporcionar a todos uma formação e vivência musical plena que contribua para o seu desenvolvimento cognitivo e pessoal.”

Foi fundada com o nome de Associação Musical de Rio de Mouro, interessados em começar a promover o ensino específico para a música e já nesta altura para a dança. Em 1975 criam-se duas escolas separadas, mas associadas, a Escola de Música Leal da Câmara e a Academia de Dança Leal da Câmara. Em 1979 recebe a designação de Centro Sócio Cultural de Rio de Mouro, onde funcionava em instalações cedidas pela Junta de Freguesia para a continuação da aprendizagem das artes. O Conservatório foi crescendo, chamando cada vez mais alunos e com isso finalmente em 1982 os cursos de Música de Dança são reconhecidos pelo Ministério da Educação. No ano de 2007 foi alterada a denominação da instituição para Conservatório de Música de Sintra - Associação de Música e Dança, e, em 2008, foi concedida autonomia pedagógica pelo Ministério. É uma escola de ensino artístico especializado de Música, que, em 2019/2020, alargou a sua oferta educativa à vertente de jardim de infância e, em 2021/22 prossegue para ensino regular de 1º ciclo, cumprindo o sonho de proporcionar uma pedagogia diferenciada, em que a Música e as Artes têm um papel central na educação de cada criança.

A sua variedade na oferta educativa é uma inovação nos conservatórios, sendo quase um dos primeiros que tem cursos a começar no jardim de infância, até aos 3 anos e por aí

adiante até aos 101. Falando resumidamente um pouco de toda a oferta educativa começamos pela Música. para Bebés, um espaço onde os filhos, pais e os educadores interagem, seja com canções, melodias, jogos rítmicos e uma forma de começar a estimulação musical desde cedo, afinal de contas a música é um instinto natural para eles.

Como disse há pouco, seguimos para o para Jardim de Infância (a partir dos 3 anos), onde a criança além das atividades lúdicas e educativas normais, terá o prazer de comunicar de uma forma muito mais direta com a música. Na altura da pandemia, todos os professores fizeram apresentações via Zoom dos instrumentos e estando naquele departamento, quem quisesse poderia experimentar. É tudo uma questão de inovação e seguimento para os passos seguintes na educação artística. Na área da Música, mais especificamente, ao longo do tempo, vão passando para cursos que se adequem mais às suas idades e aprendizagens.

Desde modo dos três aos cinco anos temos a Pré - Iniciação Musical, dos seis aos nove o Curso de Iniciação Musical (1ºciclo), dos dez aos catorze (2ºciclo) o Curso Básico de Música e finalmente dos quinze aos dezassete, o Curso Secundário de Música (Ensino Secundário).

Numa experiência mais pessoal, para mim foi um gosto poder lecionar e investigar por assim dizendo esta instituição, desde à Direção Geral, pedagógica à parte da Comunicação. Desde os colegas de Formação Musical, Violino, Saxofone ou Trombone, senti um acolhimento enorme por parte destes docentes e dos funcionários auxiliares.

O espaço novo (houve uma mudança do local do Conservatório em 2018) está equipado com as mais diversas salas, hall de entrada, auditórios e corredores largos. Especialmente em altura de pandemia, o acrílico transparente posto nas salas de aulas dos sopros para uma proteção extra, só faz confiar mais no processo.

Durante o tempo que lá lecionei e estive em estágio fui convidada para participar em aulas de Iniciação Musical, aulas de Orquestra, audições, festas de Halloween, Primavera e da Família, concertos, workshops, ateliers musicais e projetos com tantas outras classes instrumentais. A maneira como, falando mais pessoalmente, os professores do Departamento de Sopros e Percussão tentam-se juntar a si e aos seus alunos para uma melhor experiência educativa e artística, é organizacional e direto. Ver alunos nossos a crescer, não só a nível musical ou técnico, mas além disso, a nível pessoal ao vê-los, por exemplo, superarem um medo de subir a um palco e tocar, é toda a gratificação que um professor precisa.

Não posso acabar este capítulo sem falar da ajuda imensa da minha Orientadora Institucional que tanto fez por mim e me ajudou. Ao explicar-me detalhes durante aulas assistidas, à cedência de repertório flautístico, ao deixar-me “tomar conta” de aulas dos seus próprios alunos e confiar em mim a esse ponto. Espero um dia conseguir fazer jus aos seus ensinamentos como docente.

3.2 Métodos de Avaliação

Para além da educação ser um ponto crucial no desenvolvimento da criança, para o professor é uma constante aprendizagem e reflexão o que os educandos pensam de nós. Segundo o Decreto-Lei n.º 6/2001 de 18 de janeiro. “a avaliação constitui um processo regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificador das diversas aquisições realizadas pelo aluno ao longo do ensino básico” (artigo 12.º).

De Landshere, citando Gronlund (Landsheere, 1979 in Chevallard, 1990) define avaliação como “um processo sistemático com o objetivo de determinar em que medida os objetivos educativos são atingidos.”

Existem três principais tipos de avaliação: Diagnóstica, Formativa e Sumativa. Existem muitos métodos de avaliação no conservatório, sendo que vai variando de departamento para departamento. Divide-se em domínio, atitudes, competências técnicas e competências interpretativas.

Nos cursos de iniciação a avaliação é feita de forma contínua mais a prestação na audição. Já nos cursos básicos acrescentamos à avaliação contínua e à audição final, a prova técnica. Ainda nos casos dos segundos, quintos e oitavos graus acrescenta a prova global.

m ^p CONSERVATÓRIO MÚSICA SINTRA									
CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO									
DEPARTAMENTO DE SOPROS E PERCUSSÃO									
ANO LECTIVO 2016/2017									
PARÂMETROS DE AVALIAÇÃO									
Domínio Atitudes									
Competências Técnicas									
Competências Interpretativas									
INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO	CURSO DE INICIAÇÃO MUSICAL								
	PRÉ	I	II	III	IV				
Avaliação Contínua/ Audição	100%	100%	100%	100%	100%				
INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO	CURSO BÁSICO E SECUNDÁRIO DE MÚSICA								
	1º	2º	4º	6º	7º				
Avaliação Contínua/ Audição	70%	70%	70%	60%	60%				
Teste / Prova Final	30%	30%	30%	40%	40%				
INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO	2º GRAU			5º GRAU			8º GRAU		
	1ºP	2ºP	3ºP	1ºP	2ºP	3ºP	1ºP	2ºP	3ºP
Avaliação Contínua / Audição	70%	70%	-	70%	70%	-	60%	60%	-
Teste	30%	30%	-	30%	30%	-	40%	40%	-
Classificação Final (Avaliação Contínua)	-	-	50%	-	-	50%	-	-	50%
Prova Global	-	-	50%	-	-	50%	-	-	50%

* 2º grau - 2017 de dois elementos

Tabela 2 - Critérios de Avaliação, Conservatório de Música de Sintra

Durante este processo de ensino-aprendizagem, os professores da instituição, durante as provas e audições dos alunos utilizam folhas de registo do acontecimento, registos de incidentes críticos, listas de verificação, entre outras.

Normalmente uma prova é composta por uma ou duas escalas (conforme o ano do aluno), exercícios das escalas que compõem arpejos normais e invertidos, arpejos de sétimas (dominante, maior, menor), um ou dois estudos técnicos, uma ou duas peças, que vão aumentando de dificuldade no decorrer dos anos de formação e por fim uma leitura à primeira vista.

4. Desenvolvimento Profissional e Educativo

A profissão do professor nunca se sujeita apenas ao que acontece dentro da sala de aula, mas sim a tudo o que acontece no planejamento e dedicação por trás disso. O saber adaptar o plano e a matriz de avaliação a cada aluno, o saber as suas valências e dificuldades e também saber manter a motivação e entusiasmo pela disciplina.

Por estas razões, a função de um professor não cai apenas nas responsabilidades morais. Cai nas responsabilidades educativas, na prática reflexiva, na participação crítica, na promoção da aprendizagem e de todo o trabalho organizacional realizado e refletido em casa. Partilhamos a ideia de Moreira (2010) que considera que o desenvolvimento profissional exige que a teoria e prática se interliguem, fundamentando o exercício da docência que se reconstrói ao longo de toda a carreira.

O mesmo autor (Moreira & Ferreira, 2010) ainda defende que “o desenvolvimento profissional enquanto processo ocorre em contexto natural, o local de trabalho do docente, de forma individual ou coletiva, por experiência formal e informal.” Em geral, a prática docente reflete-se em três momentos importantes: a planificação (o antes (a organização antes de lecionar), o desenvolvimento (a prática continuada de lecionar) e a avaliação (o pós-lecionar).

Indo ao encontro do Perfil geral de desempenho profissional do professor, disposto no Decreto-Lei n.º 240/2001, o professor não deve esquecer, na sua prática, as várias dimensões que caracterizam o seu desempenho: a dimensão profissional, social e ética; a dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem; a dimensão de participação na escola e de relação com a comunidade e, finalmente, a dimensão de desenvolvimento profissional ao longo da vida.

A concretização destas várias dimensões passa pela promoção de aprendizagens significativas, pela capacidade de perspetivar a escola e a comunidade como “espaço de educação inclusiva e de intervenção social” e por compreender a necessidade de construir a prática profissional mediante a análise problematizada, a reflexão fundamentada e o recurso à investigação (Decreto-Lei n.º 240/2001).

Segundo Marcelo (2009) “A identidade profissional é a forma como os professores se definem a si mesmos e aos outros.” Para mim esta frase transmite que professor vai

aprendendo com as suas experiências, com as suas observações de si e dos seus colegas próximos. O mesmo autor cita que

“É uma construção do seu eu profissional, que evolui ao longo da sua carreira docente e que pode ser influenciada pela escola, pelas reformas e contextos políticos, que “integra o compromisso pessoal, a disponibilidade para aprender a ensinar, as crenças, os valores, o conhecimento sobre as matérias que ensinam e como as ensinam, as experiências passadas, assim como a própria vulnerabilidade profissional”. (p.11)

Sparks e Hirsh (1997) formaram uma teoria sobre algumas mudanças que estariam a contecer no desenvolvimento profissional do docente. Esta é dividida em três:

- Uma evolução de desenvolvimento profissional orientada para o desenvolvimento do individuo e para o desenvolvimento da organização;
- Um desenvolvimento profissional desconexo para a evolução de um coerente e orientado por metas finais e objetivos;
- De organizações escolares, uma centrada na administração e outra centrada realmente na escola em si;

Ainda hoje em dia isto continua a acontecer e estes problemas e evoluções continuam a encontrar-se.

Sendo assim, temos de constatar fatos de que o desenvolvimento profissional é um processo que se vai construindo com a experiência de cada docente, a sua consciência, os seus valores e o conhecimento que vai captando ao longo dos anos.

Falando de uma forma mais pessoal, e vindo de uma pedagoga que já dava aulas antes de começar o seu mestrado, senti que absorvi imensos conhecimentos, ganhei responsabilidade e mais atenção por tudo o que faço e tive muito mais em consideração a forma como dar aulas e comunicar com os alunos.

Nesta parte em específico, o estágio profissional acaba por dar uma oportunidade ao mestrando para se envolver no meio da comunidade escolar, estabelecer comunicações com os encarregados de educação, preparar um programa de recital/audição e termos a responsabilidade de durante alguns meses mostrar exigência, empenho e compreensão perante cada aluno.

Toda esta experiência fez-me crescer não só a nível profissional como também a nível pessoal. Esse conjunto de evolução vai-me tornando uma melhor pedagoga ao longo do tempo.

Rumbo (1998) considerou que a qualidade no ensino tem três pontos importantes: eficiência, eficácia e funcionalidade (Figura 2)

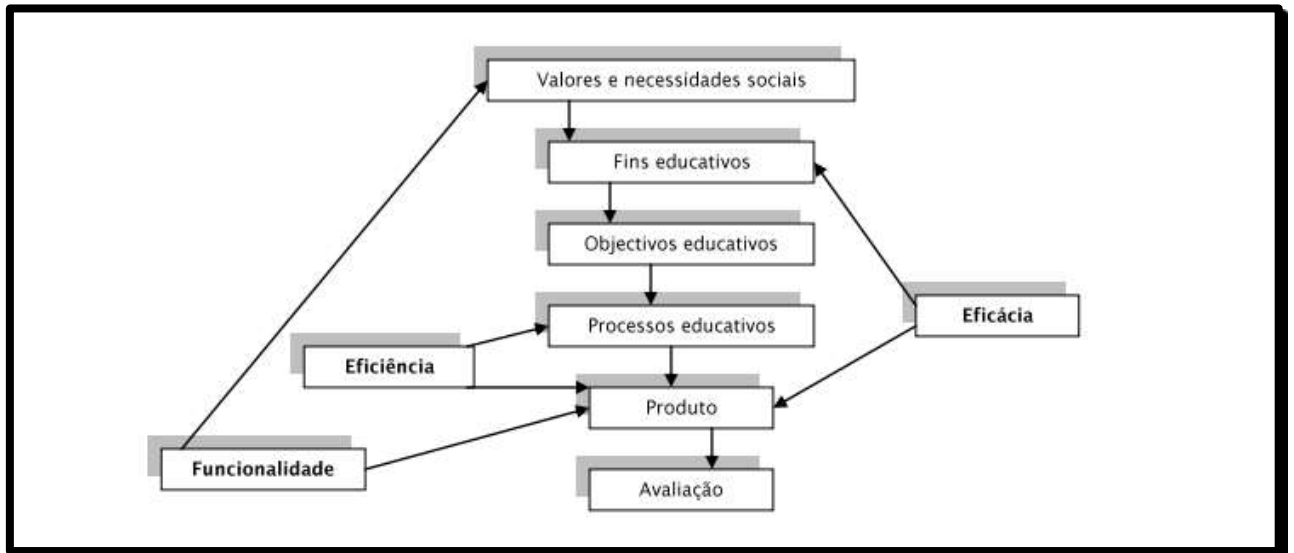


Figura 1, Qualidade do ensino sob os três pontos de vista mais comuns (segundo Fernández, citado em Rumbo, 1998)

Se os fins educativos estivessem no topo da pirâmide, passando a socialização, os valores e necessidades sociais, forçando um educando a aprender de certa forma sem ter qualquer tipo de consideração pelas necessidades do aluno, seria considerado uma “má educação”, por assim dizer.

Acabando com Marcelo (2009), “(...) a profissão docente e o seu desenvolvimento constituem um elemento fundamental e crucial para assegurar a qualidade da aprendizagem dos alunos.”

4.1 Influência do Orientador Cooperante

O professor cooperante ou orientador cooperante é designado pelo mestrando e com a devida certificação da escola cooperante e do instituto de formação de mestrado. Está devidamente informado no Diário da República n.º 92/2014, Série I de 2014-05-14. Segundo este mesmo decreto, o orientador cooperante deve:

- a) Formação e experiência adequadas às funções a desempenhar;
- b) Prática docente nos respetivos nível e ciclo de educação e ensino e disciplinas nunca inferior a cinco anos.

Consideraram-se atributos (Decreto-Lei nº 43/2007):

- Responsabilidade profissional.
- Segurança técnico-profissional como professor e capacidade de gerir e mobilizar recursos.
- Capacidade de análise e de crítica.
- Domínio da metodologia básica de investigação.
- Comunicação eficaz, oral e escrita, nos múltiplos contextos profissionais.
- Capacidade de estabelecer relações de cooperação e apoio

Segundo Raposo & Martínez (2011, p. 97) o orientador cooperante “(...) facilita o contacto com a futura realidade profissional e atua como um modelo baseado no “deixar fazer”.

A supervisão pedagógica no ensino de formação de professores foi posta em ação nos anos 80 do século XX em Portugal, com o conceito de supervisão, no qual a pedagogia assume um papel central. Este papel de supervisão foi mudando ao longo dos anos, sendo que assistir e aprender o que se faz em aulas não é tão concreto como um ensaio clínico, onde um líquido numa pipeta pode dar positivo ou negativo.

Envolve personalidades de pessoas, compreensão e eficácia para responder de formas diferentes às necessidades de cada pessoa. A função do professor cooperante é dar autonomia ao mestrando para saber como reagir conforme cada situação, para transmitir conhecimentos que só se aprendam no terreno e para ter compreensão para com ele.

Vieira (1993) descreve cinco funções gerais do supervisor ou professor cooperante, são estas:

- informar: fornecer informações relevantes, dentro da observação, aprendizagem e didática;
- questionar: o professor cooperante deve ser capaz de problematizar, interrogando sobre a realidade que observa, equacionando os problemas da prática e procurando opções alternativas;
- sugerir: deve propor ideias, práticas, soluções, que motivem e impulsionem a realização de projetos e aulas pelos quais ambos se responsabilizam juntamente;
- encorajar: no âmbito do relacionamento interpessoal, na medida em que a carga afetiva pode influenciar o equilíbrio emocional do professor, assim como a sua postura global face ao processo de formação profissional;
- avaliar: no sentido lato do termo, ou seja, no de fazer um juízo de valor sobre algo. A avaliação deve ser focada no seu sentido formativo e não de classificação, sendo essencial à monitorização da prática pedagógica devem ser explicitados os procedimentos de avaliação pelo professor cooperante como um fator de abertura e de clarificação desta função.

Vieira & Moreira (2011, p.12) consideram que “uma prática de supervisão transformadora assume uma dimensão estratégica, pressupondo uma intencionalidade e um esquema de ação, o qual pode ter diferentes graus de extensão temporal, amplitude ou sistematicidade.”

No meu caso, a minha orientadora cooperante, mostrou-se um clima de responsabilidade, crítica, exigência, compreensão e além de tudo uma grande camada de conhecimento. Numa fase inicial, a orientadora deu as aulas, sendo uma primeira fase de observação, dando-me sempre dicas e conselhos sobre que repertório usar conforme cada aluno, adaptações ao programa planeado, modo de questionar os alunos, a interação social entre aluno e professor e até ter de ser mais exigente com os educandos quando é preciso.

Numa segunda fase, a orientadora deixou-me muito mais à vontade para explorar o meu modo de ensino, estando sempre ao meu lado e dando-me conselhos. Ajudou-me com o repertório adequado para cada idade, reagir a comportamentos desadequados de alguns

alunos, exercícios básicos conforme as dificuldades de cada pessoa e uma pós-autorreflexão de todas as lições dadas. Genuinamente, espero que um dia consiga pôr em prática todos os ensinamentos que a minha orientadora me transmitiu e fazer justiça às próximas gerações na educação.

5. Participação na Escola

Durante estes 7 meses que estive presente no Conservatório de Música de Sintra, foi-me dada a oportunidade de participar e colaborar com os mais variados projetos.

Apesar, de ter sido altura de pandemia, inserimos projetos como “conhecer os instrumentos”, onde os professores faziam videochamadas com os alunos de Iniciação para conhecerem os instrumentos, uma receção ao ensino presencial com pequenos momentos musicais à entrada do conservatório, audições temáticas, tais como em Maio, uma audição de Famílias com pais e alunos e Audições de Natal e Primavera.

Para além disto tudo, participei também em audições interiores de classe, provas teóricas, projetos educativos online e reuniões de departamento.

Tabela 3, Participação nas atividades escolares e administrativas

Participação na escola	
Participação nas estruturas de orientação educativa e dos órgãos de gestão do departamento ou escola	
Data	Atividade
14/10/2020	Reunião do Departamento de Sopros e Percussão
26/10/2020	Reunião de Professores
19/11/2020	Reunião comigo e com a Direção sobre a Adaptação
30/11/2020	Reunião do Departamento de Sopros e Percussão – Avaliação
04/02/2021	Reunião do Departamento de Sopros e Percussão com Diretora Pedagógica
22/02/2021	Reunião do Departamento de Sopros e Percussão – Avaliação
05/04/2021	Reunião de Professores
Relações com a comunidade educativa	

Participação e dinamização de projetos e/ou atividades constantes do plano anual de atividades e dos projetos curriculares de classe	
Data	Atividade
5/10/2020	Concerto de professores à recepção aos alunos para um novo ano letivo
25/11/2020	Provas Técnicas
27/11/2020	Provas Técnicas
16/12/2020	Audição da Classe de Flauta Transversal
18/01/2021	Audição Conjunta das Classes de Flauta Transversal e Oboé
01/02/2021	Projeto “Férias com Música” – Apresentação de Instrumentos
24/03/2021	Audição da Classe de Flauta Transversal
29/04/2021	Apresentação aos alunos do Jardim de Infância os Instrumentos da Flauta Transversal e Guitarra Clássica
04/05/2021	Audição das Famílias – Mês da Família
10/05/2021	Audição com Temática Obrigatória da Primavera

Tabela 4. Participação na escola em projetos escolares e acadêmicos

Enquanto docente acho muito importante participar em todas as atividades propostas pelo estabelecimento em questão, ou mesmo sugerir novos projetos. Em alturas como quando o teletrabalho era obrigatório, tivemos de nos reinventar e sugerir novas formas de ensino para os nossos alunos. Isto, porque o mundo não para e não podemos pôr em causa algo como a educação. “(...) a função de regulação do ensino e da aprendizagem, permitindo averiguar se os alunos estão a realizar os progressos pretendidos e a encontrar os caminhos necessários para que consigam atingir os objetivos de aprendizagem pretendidos (...)” (Lopes & Silva, 2010, 2012; Silva & Lopes, 2015).

6. Reflexão sobre a PES

O âmbito da PES encontra-se legalmente enquadrado e vinculado à seguinte legislação: Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de Março, alterado pelo Decreto-Lei nº115/2013, de 7 de Agosto (Regime Jurídico dos Graus e Diplomas do Ensino Superior) Decreto-Lei nº43/2007, de 22 de Fevereiro (regime Jurídico da Habilitação Profissional para a Docência na Educação Pré-Escolar e nos Ensinos Básico e Secundário), revisto pelo Decreto-Lei nº79/2014, de 14 de Maio A PES surge na sequência do Plano de Estudos do Ensino da Música, publicado em 12 de Novembro de 2012, na 2ª série do Diário da República, através da Declaração de retificação nº1471/2012 e posteriormente, através da Declaração de retificação nº44/2017 de 13 de Janeiro.

Esta Prática de Ensino Supervisionada permitiu à mestranda confrontar-se com os seus deveres e responsabilidades futuras, preparando-a para o seu futuro profissional. Sendo a estagiária já docente, a PES ainda conseguiu tirar outra perspetiva. Que mais poderei fazer nas minhas aulas a nível educativo? Que outra atitude deveria ter tido numa situação anterior? Será que já consegui influenciar alguma criança a seguir o seu instrumento no

Nas primeiras semanas a mestranda sentia receio em não corresponder às expectativas tanto da sua orientadora cooperante como as próprias expectativas que criou para si mesma, e além de tudo, conseguir criar uma boa relação de professor-aluno com os alunos que interagiu no Conservatório.

Ver, ouvir e aprender com crianças de tantas idades diferentes, com personalidades tão diferentes e com educações tão diferentes, apela à profissão de professor por uma compreensão e adaptação das suas atitudes perante cada aluno e o uso da metodologia mais apropriada para este mesmo. O facto de ter interagido com uma criança com distúrbios comportamentais, e para essa mesma me ter influenciado a escrever sobre a sua situação, na secção de Investigação deste Trabalho Final de Curso, só mostra o quanto significou este projeto para mim.

Não obstante, a mestranda criou uma relação de amizade e companheirismo com as crianças que interagiu e que deixou uma marca nestas mesmas, esperando que no futuro se lembrem da Professora Alexandra.

O estágio trata-se de o “(...) de uma prática acompanhada, interativa, colaborativa e reflexiva que tem como objetivo contribuir para desenvolver no candidato a professor, o

quadro de valores, de atitudes, de conhecimento, bem como as capacidades e as competências que lhe permitem enfrentar com progressivo sucesso as condições únicas de cada ato educativo”. (Sá-Chaves (2000, p. 74).

O estágio/prática de ensino foi realmente onde pudemos estar no local, pondo em prática tudo o que aprendemos e ganhando mais conhecimento pela experiência. Sendo assim, começando pelo planejamento e passando pela prática, mas, mais do que isso, penso que uma autorreflexão sobre toda esta experiência é necessária. A reflexão sobre a prática é considerada um elemento valorizador do saber construído pelo sujeito (Vieira, 1993).

Esta permite-nos pensar, avaliar e observar mentalmente as nossas decisões, comportamentos e tudo o que se passou nestes sete meses sobre ensino-aprendizagem. É necessário sermos conscientes do que é preciso fazer para melhorar e como poderemos ensinar melhor num futuro. O ensino não é uma ciência exata, mas tenho a certeza que se a nossa missão e objetivos estiverem concretos em nós, seremos capazes de ser cada vez melhores docentes.

Piaget (1932) defende que a ideia de conhecimento se constrói através do conhecimento que já possuímos (prévios) e conhecimento novo. Acredito plenamente que estes meses de observação, reflexão, prática, responsabilidade e amizade me moldaram e à forma como no futuro quero ensinar e educar crianças. Quero ser melhor professora.

Parte II – Investigação

Introdução

Esta investigação pretende demonstrar os benefícios e vantagens da aprendizagem musical, de que forma pode ajudar crianças com o seu desenvolvimento, crianças com distúrbios comportamentais, passando também um pouco pelo tema da musicoterapia e os seus efeitos.

Desde que tipo efeitos a música é capaz de ter no cérebro, à música no âmbito do desenvolvimento, à descrição de problemas comportamentais em idades mais jovens. O poder da música irá muito mais para além do poder auditivo? Pode-se realmente comprovar que a música pode influenciar uma criança a vários níveis?

Este Projeto de Investigação foi realizado com dados recolhidos através de entrevistas do meio educativo e pessoal da criança em questão e maioritariamente também pela observação.

“A observação é sistematicamente organizada em fases, aspetos, lugares e pessoas, relaciona-se com proposições e teorias sociais, perspetivas científicas e explicações profundas e é submetida ao controle de veracidade, objetividade, fiabilidade e precisão.” (AIRES, 2015, p. 25)

A primeira parte deste trabalho será a explicação das problemáticas, o incentivo que despertou a investigação, as questões iniciais que serviram de motivação para o processo de pesquisa, e a procura para tentar responder às questões a que queria resposta.

Em seguida segue um capítulo sobre a música no âmbito do desenvolvimento humano, o seu conceito e definição pelas Nações Unidas, como a música poderá influenciar o desenvolvimento e se cientificamente realmente a música terá prós para a evolução do mesmo.

Teremos depois um capítulo semelhante mas focado nas idades mais jovens, ou seja, que vantagens a música poderá ter no crescimento de uma criança? Será que poderá influenciar o futuro desta e/ou proporcionar uma melhor educação? As artes poderão influenciar comportamentos ou atitudes de uma criança?

Não poderíamos seguir neste trabalho de investigação sem caracterizar o termo “desenvolvimento humano”: a explicação do que se trata este conceito e como todas as variáveis que poderão influenciar esta. Também neste capítulo são descritos todos os

distúrbios comportamentais a fim de perceber a qual se adequa mais o estudo de caso em questão.

Por fim, temos um capítulo composto por uma descrição de atividades musicais possíveis para se realizar com crianças que apresentem este tipo de comportamentos, incluindo os que eu mesmo pus em prática durante as aulas que lecionei à aluna com distúrbio comportamental.

São descritas então todas as metodologias utilizadas incluindo um diário de bordo realizado com a progressão das aulas de Flauta da aluna em estudo.

Por fim, um resumo sobre toda a pesquisa realizada e uma conclusão sobre todas as questões colocadas no início desta investigação. Conseguiremos respostas concretas?

1. Apresentação da Investigação – Problemática e Objetivos

Este Projeto de Investigação centra-se numa recolha de dados de observação sobre uma aluna na casa dos sete (7) anos, que frequenta o Curso de Iniciação Musical no Conservatório de Música de Sintra.

Nesse mesmo estabelecimento frequenta três aulas de carácter muito diferenciado: Formação Musical, onde aprendem a teoria e base musicais, classe de conjunto que no seu caso é coro e a aula de instrumento musical, que no seu caso é Flauta Transversal.

A observação e conclusões retiradas são da aula de Instrumento por várias razões. Tanto na aula de Formação Musical como em Classe de Conjunto, a sala está composta por pelo menos 15 alunos de maneira a que o seu comportamento, atitude, interação e participação são muito diferentes da aula de Instrumento onde só estão na sala a professora e mais duas alunas. Também é uma aula, mas mais “física” sendo que estão a tocar a maior parte do tempo.

Observou-se então que a aluna tem alguns problemas comportamentais (muito elétrica e energética) e de concentração. Apesar de não ter sido diagnosticada com hiperatividade ou défice de atenção, a mesma admite que na sua educação escolar também é chamada a atenção por estar sempre distraída e desatenta.

Ao longo das suas aulas de instrumento (como poderão confirmar no diário de bordo) a aluna tem mostrado mudanças de atitude perante o facto de se querer concentrar mais para conseguir tocar certa passagem ou peça que é dada, chegando até a admitir que quer fazer mais e melhor. Mesmo nestas alturas o seu comportamento muda drasticamente e fica muito mais atenta. Releva-se que há aqui algo que está a fazer a aluna mudar as suas atitudes e comportamentos.

Quais são os objetivos então deste Projeto de Investigação? Evidenciar que a aprendizagem musical tem realmente vantagens no desenvolvimento de uma criança, que as aulas de música podem ajudar de forma muito significativa as vidas e comportamentos de uma criança (basta falar no projeto Orquestra Geração) e uma autorreflexão sobre este tema para uma melhor perceção do que poderei fazer melhor no meu futuro como docente.

1.1 Contextualização da pesquisa

Este projeto iniciou-se com a minha entrada para o Conservatório de Música de Sintra no âmbito da minha PES – Prática de Ensino Supervisionada. Aquando da chegada do meu horário para observação das aulas com o meu Orientador Cooperante, conheci uma aluna ainda em Iniciação Musical, com um comportamento diferente das outras crianças, por vezes, pode-se dizer até desacuado.

Houve várias questões que me intrigaram durante bastante tempo: como tornar a aula interessante para esta aluna? Como a manter motivada? Será que consigo fazer com a mesma ganhe gosto e paixão de andar no Conservatório? Porque será que apresenta este comportamento? Será que a música terá assim tantas benesses?

Estas questões junto com a leitura dos livros “*Está tudo ligado*” de Daniel Barenboim e “*Uma Paixão Humana*” de Daniel J. Levitin, deram a ideia de falar a música como forma mais pura de arte e sendo um músico eu própria, descobrir a parte mais científica da arte que faço.

A questão do desenvolvimento humano foi uma questão que nunca me surgiu, mas sabia que o tinha de investigar de modo a ligar o desenvolvimento de uma pessoa com a conexão à música.

1.2 Objetivos da Investigação

Houve duas preocupações principais nos objetivos deste meu Projeto de Investigação. Primeiro que tudo, ajudar esta criança a apaixonar-se pela música, tentar de alguma forma influenciar o seu comportamento ou ponto de vista social e educativo e obviamente, torná-la uma boa flautista.

Como meu segundo objetivo principal seria evidenciar factos de que a música se liga ao comportamento humano, sendo do ponto de vista neurológico, até às competências motoras e cognitivas, como até do lado mais emocional e sentimental.

A questões principais encontradas para a origem da problemática foram: De que forma a aprendizagem musical poderá contribuir para a sociedade? Que fatores humanos e sociais influenciam a aprendizagem? Pela pesquisa realizada e estudos encontrados sobre este tema, poderemos provar que a música poderá ajudar a modificar fatores físicos, emocionais ou cognitivos? Qual é o papel da música no desenvolvimento humano?

Chegar à conclusão deste projeto e sentir que posso ajudar uma criança, docente ou mesmo encarregado de educação, será uma sensação autogratisficação.

Este processo educacional faz-se através de três fases, o crescimento, a maturação e a aprendizagem. Se uma criança estiver confusa algures entre estes três processos, é nosso dever, dos docentes, perceber por que razão a criança responde daquela forma, porque se comporta assim e se não está interessada em música, poderá ser devido ao método de ensino prévio?

Para compreender melhor a posição da criança estudada neste Projeto, foram implementadas várias metodologias, nomeadamente observação participante, entrevistas e análise das mesmas.

2. Revisão da Literatura

2.1 Música no Âmbito do Desenvolvimento

Em primeiro lugar, antes de definirmos a relação que existe efetivamente entre a música e o desenvolvimento, será correto definirmos cada um destes. A música, segundo o dicionário de Cambridge, é “um padrão de sons produzido por instrumentos musicais, vozes ou computadores, ou uma combinação destes, destinado a dar prazer às pessoas que o ouvem” (n.p) no entanto, se formos também ao conhecido dicionário Merriam-Webster, este cita que: “é a ciência ou arte de ordenar tons ou sons em sucessão, em combinação e em relações temporais para produzir uma composição com unidade e continuidade”. (n.p) Para Daniel Barenboim (2009) famoso maestro da Ópera Estatal de Berlim, é música um mundo muito mais complexo. Não são só as notas, os acentos, as melodias, as dinâmicas, as harmonias, as pausas ou os compassos. É todo o sentimento que existe por trás. O referido maestro realizou um projeto onde criou uma orquestra com músicos israelenses e palestinos como uma forma de promover o diálogo, junção e paz entre judeus e não-judeus. Hoje em dia essa orquestra conta com músicos de Israel, Palestina, Jordânia, Síria, Líbano e Egito. Este acredita que é uma plataforma que pode mudar vidas de crianças, influenciar a sua educação e o seu desenvolvimento durante os anos.

Ainda falando de Barenboim, entre os quinze livros em que escreveu ou participou, “Music Quickens Time”, traduzido, “A Música acelera o Tempo”, este fala de forma mais intensa da sua relação com a orquestra citada acima, a forma como a música está ligada à política e problemas da sociedade, mas além de tudo, como o poder da música nos pode fazer mudar a nossa forma de viver e como pode ajudar a resolver algumas das questões mais intratáveis do nosso tempo.

Por falar deste tópico, então o que é o desenvolvimento? À partida, desenvolvimento é o crescimento de um indivíduo, tanto a nível físico como psicológico. Mas na verdade vai muito para além disso. É preciso ter em conta o seu desenvolvimento afetivo, emocional, cognitivo e maturo. Segundo Mahbub ul Haq (1995), economista paquistanês que foi pioneiro da teoria do desenvolvimento humano. Para este senhor o desenvolvimento humano “é definido como o processo de ampliar as liberdades e oportunidades das pessoas e melhorar seu bem-estar. O desenvolvimento humano é a liberdade real que as pessoas comuns têm de decidir quem ser, o que fazer e como viver.”

Jean Piaget (1996), um biólogo, psicólogo e epistemólogo suíço, considerado um dos mais importantes investigadores do século XX e um dos grandes impulsionadores do estudo da psicologia evolutiva, cria uma teoria para o desenvolvimento humano. Essa é composta por quatro fases: um humano dos zero aos dois anos pertence ao estágio Sensório-Motor, ou seja, sentidos e manipulação de objetos. Segue-se o estágio Pré-Operacional dos dois aos sete anos. Nesta fase começa-se a desenvolver a imaginação, a memória e uma compreensão entre o passado e futuro. Partimos para o estágio Operacional Concreto dos sete aos onze anos, onde a criança tem consciência das outras pessoas, o que elas fazem e dá-se início ao pensamento lógico. A quarta e última fase ocorre dos onze à idade adulta, onde o Piaget defende que o ser humano é capaz de usar a lógica para resolver problemas, planejar o seu futuro e ver o mundo ao seu redor. Para Piaget, o conceito de desenvolvimento envolve-se neste sentido.

Outro exemplo do conceito muito interessante pertence a Nayak (2008), investigador e autor, trabalha no departamento de economia na North-Eastern Hill University. Para ele:

O desenvolvimento humano é um processo de ampliar as escolhas das pessoas. Em princípio, todas estas escolhas podem ser infinitas e podem mudar com o tempo. Mas, em todos os níveis de desenvolvimento existem três escolhas essenciais a que as pessoas têm de ter sempre direito e essas são: para que as pessoas tenham uma vida longa e saudável, para adquirir conhecimento e ter acesso aos recursos necessários para um padrão de vida decente. Se estas não estão disponíveis, muitas outras oportunidades permanecem inacessíveis. Mas o desenvolvimento humano não termina só com estas opções. Escolhas adicionais, altamente valorizadas por muitas pessoas, variam de: liberdade política, económica e social a oportunidades de ser criativo e produtivo, com respeito próprio e direitos humanos garantidos. (2008, p.2)

Segundo o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, este tem em conta vários indicadores que no final imergem numa definição. No quadro que é projetado no site, para além do que define o indivíduo, encontra-se as condições que influenciam o

desenvolvimento

humano.



Figura 2, "What is Human Development?", united nations development programme

Este índice de desenvolvimento, no final, vai-se centrar em três pontos essenciais: Longevidade, educação e rendimento. No site da Human Development Reports (HDR) a descrição que impõem sobre o significado de desenvolvimento humano é “Em 1990, o primeiro Relatório de Desenvolvimento Humano introduziu uma nova abordagem para promover o bem-estar humano. O desenvolvimento humano - ou abordagem do desenvolvimento humano - diz respeito à expansão da riqueza da vida humana, e não simplesmente à riqueza da economia em que os seres humanos vivem. É uma abordagem focada nas pessoas e em suas oportunidades e escolhas” (2020).

Um artigo realizado por Catterall, Chapleau e Iwanaga (1999) intitulado “Envolvimento nas Artes e Desenvolvimento Humano: Envolvimento Geral e Envolvimento Intensivo Em Música e Artes Teatrais” fala de um estudo em que acompanharam mais de 25.000 crianças que para além da escola andavam na educação musical, feito ao longo de 10 anos com o propósito de ver as suas notas em comparação aos não-músicos e com a matemática. A conclusão final é que realmente as artes parecem ter importância quando se trata de uma variedade de resultados não artísticos, alguns deles intencionais e outros não. No entanto notaram que as famílias com menos rendimentos muitas vezes não tinham possibilidade de oferecer essa escolha de educação a um filho, afetando assim um possível desenvolvimento.

E porque é que a educação é importante para o desenvolvimento da criança? O objetivo, segundo a ONU, é promover a cidadania global através de processos de aprendizagem, num contexto de interdependência, tendo como horizonte e finalidade a transformação social (investigação realizada pela HDRO – United Nations Human Development Report Office, site ONU).

Mas será que a música faz parte deste processo de desenvolvimento? Bem, traz diversos benefícios para várias partes do desenvolvimento humano, todas apoiadas por estudos que apoiam estas conclusões. O sentido da Música segundo Verdeau-Paillés, (1985) deriva da aptidão de escuta e da expressão pelos sons. O ouvido, a voz e o corpo intervêm todos na relação com o objeto sonoro. Segundo Costa, a Música é mais do que um aglomerado de sons e o efeito que ela nos provoca vai muito mais além daquele provocado por cada sonoridade. Se formos a falar em específico do desenvolvimento cognitivo existem inúmeros estudos e investigações como os de Levitin (2006), Mills (2019), Peretz, & Zatorre (2003), Hargreaves (1986), Miendlarzewska and Trost (2004), entre muitos outros.

Tocar um instrumento, ter aulas de música ou ainda apreciar de forma ativa a música, potencia a aprendizagem cognitiva, particularmente no campo do raciocínio lógico, da memória, do espaço e do raciocínio abstrato. Ao nível cerebral e do desenvolvimento neurológico, Levitin (2006) investigou e explorou num dos seus livros que a música expande os canais neuronais e potencia a ligação entre os dois hemisférios cerebrais. São necessárias todas as partes do nosso córtex cerebral para processar a música como um todo: o lobo frontal liga-nos ao autocontrole, à atribuição do “sentido”; o lobo temporal associa-se à memória e audição; lobo occipital, visão; e por fim o cerebelo está associado a todas as emoções e movimentos. Schumahmann, e Sherman (1998) professor da Universidade de Harvard realizou uma investigação no seu laboratório à conta de autópsias, ressonâncias magnéticas e outras, provou que o cerebelo não se concentra só no movimento, mas sim nas emoções. Quando colocou um número de pessoas de várias idades a ouvir uma música que adoravam, o cerebelo ativou-se instantaneamente e ainda mais quando era uma música que tinham ouvido em criança. Está provado que os cérebros de músicos e não músicos são diferentes, podendo-se observar que o primeiro grupo mostra uma maior quantidade de massa cinzenta no córtex cerebral, sobretudo nas zonas responsáveis pela audição, visão e na área sensório-motora (Sharon, 2000 e Myers, 2019). A coordenação aprimorada que isso produz também melhora a regulação emocional e a capacidade de inibir as respostas a eventos. Isto significa aumentar a capacidade da criança de lidar com a frustração e evitar uma reação exagerada a situações difíceis, seja ainda numa idade tenra ou já em idade adulta. Também um aumento de substância branca no corpo caloso (a mesa de controle no centro do cérebro), o que resulta num aumento na conectividade do cérebro (R. Myers 2019).

Collins (2015) é uma educadora, investigadora e autora premiada pelo seu contributo na área do desenvolvimento do cérebro e a aprendizagem musical. Desde 2016, Collins tem viajado ao redor do mundo para entrevistar mais de 100 neurocientistas e psicólogos sobre aprendizagem musical e desenvolvimento do cérebro. Devido ao crescente interesse na relação entre música e a função cerebral, um novo campo de estudo conhecido como neuromusicologia foi criado. O uso de técnicas com imagens cerebrais em pesquisas conduzidas nos últimos anos resultou na conclusão de que a música ativa todas as partes conhecidas do cérebro. Isso aplica-se a todos nós quando ouvimos música. Para os músicos, o ato de tocar um instrumento não ativa apenas o cérebro, também influencia o desenvolvimento do mesmo. Da sua grande pesquisa, partilhou tudo o que aprendeu numa “TEDx Talk”, uma plataforma de apresentações para palestrantes que apresentem excelentes e bem-formadas ideias em menos de 18 minutos. Nesta sua pesquisa Collins, partilha que junto com neurocientistas, descobriram que ao monitorizar o cérebro de músicos a tocarem em tempo real, através de ressonâncias magnéticas e tomografias, observaram que ao contrário de ler, pintar ou escrever, os músicos utilizam praticamente todas as zonas do cérebro. Isto ajudou a ficar provado que a prática disciplinada e estruturada da música fortalece essas funções cerebrais, permitindo aplicar essa força noutras atividades futuras, como aprender matemática, desporto e muitas outras atividades. O antropólogo Merriam (1964: 218) disse “que provavelmente não há outra atividade humana cultural que seja tão influente e que alcance, modele e frequentemente controle tanto o comportamento humano” como a música, e a investigação psicológica está a começar a revelar o enorme poder que a música pode exercer sobre as pessoas, de várias maneiras.

Gordon (2000) enumera alguns benefícios da utilização da música na Saúde Mental e Psiquiatria como: (1) explorar sentimentos pessoais (autoestima e introspeção pessoal); (2) promover alterações positivas no humor e estados emocionais; (3) controle sobre situações na vida em experiências bem-sucedidas; (4) realçar a consciência do eu e do ambiente; (4) facilitar a expressão verbal e não verbal; (5) desenvolver o coping e as atividades de relaxamento; (6) promover sentimentos de saúde; (7) melhorar habilidades, resolver e testar problemas da realidade; (8) promover a integração social; (9) melhorar níveis de atenção e concentração; (10) ajudar adotar formas corretas de comportamento; (11) ajudar na resolução de conflitos, de forma a fortalecer os relacionamentos familiares

e com o par.

Hargreaves (1999), investigador e professor que dedica a sua vida à investigação dos contributos da música no ser humano, considera que existem três áreas principais: funções cognitivas, emocionais e sociais. E que as cognitivas complementam as emocionais em aspetos importantes.

Depois de falar com algumas crianças sobre as suas preferências musicais, investigar se estudavam ou queriam estudar música e o seu hábito de ouvir, Hargreaves (1999) chegou a uma conclusão de que a música na educação pode moldar um indivíduo. Na organização da sua autoidentidade, das suas relações interpessoais e do seu humor, no dia a dia. Num recente livro deste investigador, este analisa as funções sociais da música sobre diferenças individuais, grupos sociais pequenos e grandes e a relação de sociedade e cultura como um todo.

O motivo da música ser tão importante para o ser humano, é que a prática desta pode ter um impacto profundo e duradouro no cérebro, criando conexões neurais nas crianças que podem durar pela vida toda e, assim, ajudar a compensar os declínios cognitivos que aparecem mais tarde na vida, dizem as neuropsicólogas Hanna-Pladdy et MacKay (2011) da Emory University em Atlanta.

Estas muitas horas “gastas” a aprender e a praticar estes tipos específicos de controlo e coordenação motora (cada dedo em cada mão que faz um movimento diferente, e para instrumentos de sopro e metais, também a questão de usar a boca e respiração em combinação com os dedos), junto com as habilidades de leitura musical e audição, são todos fatores que contribuem para o impulso do cérebro que aparece mais tarde na vida.

Outro dos grandes impulsionadores deste estudo é Levitin (2008). Este é investigador, neurocientista, psicólogo, músico e produtor musical. Dedicou a sua vida a pesquisar e investigar sobre o cérebro humano, desenvolvimento e a sua ligação com a música. Defende que esta é ainda mais fundamental para a nossa espécie do que a língua, visto que até esta é universal e que consegue remeter a memórias que já podiam estar enterradas ou perdidas. Publicou vários livros sobre estes assuntos, entre eles “The World in Six Songs: How the Musical Brain created Human Nature” (2008) onde prova de forma científica que a música pode influenciar nos sentimentos e emoções de uma pessoa.

Jäncke, (2021) natural da Alemanha, vive e trabalha na Suíça, onde dirige o departamento de neuropsicologia da universidade de Zurique. A sua última investigação tem sido que efeitos a música tem no cérebro. Este mostra como a perícia musical molda as redes funcionais e estruturais do cérebro, reforçando e ampliando as conexões neuronais, seja em músicos ou não-músicos.

Estas implicações acabam por ser mais fortes para quem estuda música, mas até para o cidadão comum, sendo que o cérebro é um órgão com plasticidade e só continua a trabalhar se for estimulado. Segundo Jäncke,

“Só assim é possível tirar partido dos ganhos da música no desenvolvimento das funções sensoriais, de controlo e de memória. Além do prazer que proporciona, a audição, execução e composição de melodias desempenham um papel crucial na nossa espécie, nomeadamente no estabelecimento de vínculos, na indução de estados emocionais e na reabilitação de condições neurológicas e psiquiátricas.”(2021,n.p)

Fala ainda da enorme relação que a música tem com a memória e até de experiência pessoal, ao dizer que quando ouve Rolling Stones ou Jim Morrison lembra-se claramente de episódios vividos na sua juventude, ao que chama de memórias sentimentais.

O facto que é mais evidente em todo este trabalho acaba por ser que o que fazemos, aprendemos e vivemos nos nossos primeiros anos e na nossa infância pode ser um fator crucial para a pessoa que iremos ser no futuro e pode de formas inimagináveis alterar o nosso desenvolvimento e o no carácter.

Um projeto realizado com o “Miami Music Project” e o “Community Based Research Institute da Florida International University” (2019) conduziu um estudo que analisou como os programas escolares de música em grupo afetam os "5 Cs" do desenvolvimento social: competência, confiança, cuidado, carácter e conexão. O estudo acompanhou 180 crianças, com idades entre 8 e os 17 anos, por um período de três anos. Estas crianças estavam a participar num modelo de orquestra de instrução musical, ou seja, a trabalhar em orquestra uns com os outros. Os resultados apresentados em fevereiro de 2019 descobriram que todos estes alunos mostraram aumentos significativos em todos os "5

Cs".

A verdadeira conclusão destes estudos leva-nos para o futuro, como muito provavelmente a influência desta experiência de três anos ou mais (não sabemos destes quais continuaram na música) tiveram um peso enorme no seu desenvolvimento e no seu futuro, como adultos.

Num artigo publicado por Cole (2017) no *The Wall Street Journal*, esta mesma cita Dr. Roy Ernest, professor emérito da Escola de Música Eastman da Universidade de Rochester em Rochester, NY (2001) “mais pessoas na faixa dos 50 e 60 anos estão a descobrir que tocar um instrumento musical ou cantar melhora as suas vidas de várias maneiras. Costumava haver uma "crença generalizada de que se a pessoa não começou a aprender um instrumento musical na infância ou nos anos escolares, perdeu a sua chance de tentar. (...) Pessoas com qualquer idade podem aprender a tocar e ter um nível de satisfação” (n.p), diz o Dr. Ernst.

Outra experiência, liderada por Winner (2009), professora de psicologia no Boston College, e Gottfried Schlaug, e Goldstein (2009), encontrou mudanças nas imagens cerebrais de crianças que tiveram aulas semanais de instrumento e teoria musical durante 15 meses. Os alunos do estudo que receberam instrução musical melhoraram a identificação de sons e as tarefas motoras, e as imagens cerebrais mostraram mudanças nas redes cerebrais associadas a essas habilidades, de acordo com a Fundação Dana, uma organização filantrópica privada que apoia pesquisas sobre o cérebro.

Num artigo escrito por Brown (2012), este cita Pruett que elabora a ideia que embora os pais possam esperar que a inscrição do seu filho/a num programa educacional de música o torne um aluno melhor, os principais motivos para fornecer ao seu filho uma educação musical devem ser ajudá-lo tornar-se mais musical, apreciar todos os aspetos da música e respeitar os processos de aprendizagem de um instrumento ou de aprender a cantar, que é valioso para o seu próprio mérito. Ainda defende que seja para aprender música ou um instrumento em adulto ou criança “Há um benefício enorme em ser-se musical que não entendemos, mas é individual. Música é pela música”, diz Rasmussen (citado por Brown). “O benefício da educação musical para mim é ser-se musical. Dá à própria pessoa uma melhor compreensão de si mesmo. Os horizontes são maiores quando qualquer pessoa está envolvida com música”, acrescenta. “A compreensão de uma pessoa sobre a arte e o mundo, e a forma como podemos pensar, expressar e fazer sentir são aprimorados.”

Não esquecer que Einstein aprendeu a tocar violino quando era criança, e um estudo ao seu cérebro mostrou conexões extraordinariamente fortes.

Ouvir música em qualquer idade é benéfico, assim como aprender a tocar um instrumento musical (mesmo na idade adulta), o que pode resultar em satisfação pessoal e mudanças positivas no funcionamento do cérebro.

Vários investigadores defendem a ideia de que depois de ouvir música clássica, os adultos podem realizar certas tarefas mais rapidamente, como montar um quebra-cabeças. E porque é que isso acontece? Os caminhos da música clássica, especificamente, no nosso cérebro são semelhantes aos caminhos que usamos para o raciocínio espacial. Quando ouvimos música clássica, os caminhos espaciais estão "ligados" e prontos para serem usados, o que torna mais fácil resolver um quebra-cabeças mais rapidamente. E neste caso, porquê música clássica? A música que a maioria das pessoas chama de "clássica" - obras de compositores como Bach, Beethoven ou Mozart - é diferente de outros tipos de música, como pop, country ou rock. A música clássica possui uma estrutura musical mais complexa e por essa razão estes investigadores acreditam que a complexidade que a música clássica apresenta é o que prepara o cérebro para resolver problemas espaciais mais rapidamente. Portanto, ouvir música clássica pode ter efeitos diferentes no cérebro do que ouvir outros tipos de música. Deixar claro que ouvir ou aprender música, seja ela de que género for, é sempre positivo para o desenvolvimento da pessoa/cérebro.

No caso deste meu trabalho de investigação, toda esta pesquisa sobre o que é o desenvolvimento, o que é a música, os vários conceitos, as emoções, a procura pela ligação da música com o cérebro e com ligações neurológicas, a análise de estudos já realizados, ajudam-me tanto a compreender como a justificar melhor o que quero tirar deste capítulo. Que a música consegue de alguma forma ter algum papel, por muito pequeno que possa ser, no desenvolvimento de um adulto, de uma criança e até de uma criança com distúrbios comportamentais. E que o facto de esta educação musical começar cedo, em criança, esta poderá ter influência em mudar o futuro "ela".

Para além de todas estas vantagens que a música acaba por ter no nosso desenvolvimento e aprendizagem, também já ficou cientificamente provado que a música consegue ajudar pessoas idosas, crianças com hiperatividade ou até pessoas com deficiência, nestes casos sendo chamado de musicoterapia.

Na Grécia Antiga acreditava-se que a “música tinha poderes mágicos: as pessoas pensavam que era capaz de curar doenças, purificar o corpo e o espírito e operar milagres no reino da Natureza. Também no Antigo Testamento se atribuíam à música idênticos poderes: basta lembrar apenas o episódio em que David cura a loucura de Saul tocando harpa...” (Grout & Palista, 1994, p.17)

Leite (2008), sobre a musicoterapia, refere que “em Portugal o interesse surgiu nos anos 1960 e tal como no estrangeiro, começou na psiquiatria com doentes profundos e mais tarde com pessoas ligadas à educação musical que trabalhavam com crianças deficientes”. A mesma autora explica que a música pode “ajudar no tratamento de várias patologias porque é simbólica e recreativa, ‘com quem toda a gente tem uma relação mais ou menos próxima’, podem ser desde a depressão, o autismo, o tratamento da dor, acidentes vasculares cerebrais, hiperatividade ou enfartes”.

Ainda nos dias de hoje em muitas religiões e culturas, mas principalmente na altura da Idade Média, pensava-se sobre a musicoterapia que “[...] empregavam-se todas as forças espirituais, internas e externas, com a finalidade de combater o mal, a enfermidade ou o sofrimento. Entre essas forças estava a música considerada como capaz de afastar transitoriamente, a sensação de dor e ansiedade e com isso trazer uma maneira de alívio. Suspeitavam alguns investigadores, que certos sons, como os dos sinos das igrejas podiam, em princípio, haver servido para fins exorcísticos, isto é, expulsar do templo os espíritos do inferno” (Leinig, 1977, p. 14).

Ao longo dos tempos, alguns investigadores, psicólogos e neurocientistas como MacDonald & Kreutz, & Mitchell (2012), Sousa (2005), Watson e Drury (1990), Sacks (2008) quiseram descobrir de forma mais aprofundadamente o que a música conseguiria realmente fazer por pessoas doentes, com demência ou mesmo com problemas psicológicos. Benenzon (1985, p. 11), sobre a musicoterapia considera esta uma ciência que tem duas potencialidades:

[...] uma encarando o seu aspeto científico e outra, o terapêutico. Com respeito ao ponto de vista científico a Musicoterapia é uma especialidade científica que se ocupa do estudo e investigação do complexo som/ ser humano, seja o som musical ou não, tendendo a buscar os elementos diagnósticos e os métodos terapêuticos do mesmo. Com respeito ao ponto de vista terapêutico a Musicoterapia é uma disciplina paramédica que utiliza o som, a música e o

movimento para produzir efeitos regressivos e abrir canais de comunicação com o objetivo de empreender através deles o processo de tratamento e recuperação do paciente para a sociedade.

2.2 Música e o Desenvolvimento de Crianças e Jovens

O início do século XX foi marcado por um período demarcado pelo contributo de várias personalidades que começaram a ter um outro entendimento sobre as questões relativas à educação. Preconiza-se uma pedagogia centrada na criança, portanto, uma pedagogia ativa, com uma forte ligação entre o saber e o fazer.

Estas mudanças também se repercutiram na música, através dos contributos de alguns músicos e educadores (Jacques Dalcroze, Zoltán Kodály, Edgar Willems, Carl Orff, entre outros) que, com as suas propostas pedagógicas inovadoras, lançaram as bases da educação musical moderna.

Um outro contributo a considerar, pela grande influência das suas propostas nas práticas pedagógicas do ensino da música, é o do suíço Edgar Willems (1890-1978). Este pedagogo alicerça o seu método em três princípios básicos: nas relações psicológicas estabelecidas entre a música e o ser humano, na não utilização de recursos extramusicais e no foco da necessidade do trabalho prático da vivência musical, antes do ensino musical teorizado. Neste processo, entende que é importante desenvolver nas crianças (independentemente dos dotes iniciais, idade e origens) o amor pela música, através dos meios pedagógicos adequados.

Neste discurrir de ideias, defendia a importância do alargamento do olhar sobre o ensino, de forma a promover o desenvolvimento intelectual, sensorial e afetivo, necessário para a construção da personalidade, defendendo, portanto, a relação dos aspetos da música: ritmo, melodia e harmonia, com as necessidades do ser humano: físicas, afetivas e psicológicas (Willems, 1975).

Por sua vez, Edwin Gordon, pedagogo americano foi uma figura bastante conceituada no campo da psicologia da música e da pedagogia musical. Focou a sua ação no desenvolvimento musical de recém-nascidos e em crianças de idade pré-escolar, defendendo uma teoria de aprendizagem musical e salientando que «o período mais importante da aprendizagem ocorre, desde o nascimento (ou até antes) até aos dezoito meses. Sendo assim, é importante que a criança, desde cedo, tenha acesso ao vocabulário da audição musical e, neste campo, ganha particular relevo o papel dos adultos na entoação de melodias, pois é deste modo que ela aprenderá a utilizar a voz cantada.

Existiram vários impulsionadores da pedagogia musical e de diferentes e variados métodos. Alguns nomes são de tão grande importância que não seria correto não os mencionar pela sua prestação e contributo na educação musical.

Todos os pedagogos que irei citar eram apoiantes de criar uma literacia musical, ou seja, a música devia fazer parte do currículo da escola regular. Também defendiam que a música é parte integral da cultura humana, sendo que esta educação devia estar disponível para todos os cidadãos.

Não poderíamos continuar sem falar de Kodály (1964) dizia, “A música é de todos, pertence a todos, pode ser aprendida por todos. Democratização.” (n.p) Falando neste pedagogo, o método de Kodály baseia-se numa forma muito intuitiva, o interesse e a curiosidade parte sempre da criança e normalmente começando pela voz e em canções folclóricas, fáceis de “ficar no ouvido”. Afinal de contas é o único instrumento com que nascemos. Criou uma técnica de solfejo melódico chamado “dó móvel” e um método gestual de mãos que permite relacionar cada grau da escala a um gesto da mão reforçando a sua relação tonal chamada “manusolfa”.

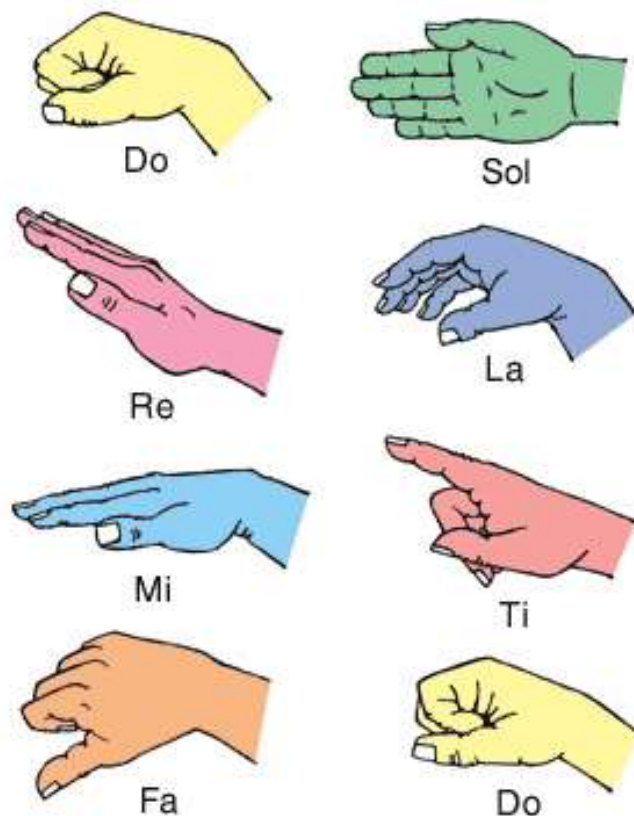


Figura 3, "Kodály Method - Hand Rows", Becky dell Music Academy

Também um mapa de ajuda para solfejo rítmica onde liga cada figura rítmica a uma sílaba da duração da mesma.

Teve muitas influências de Dalcroze. Nascido a 1865, além de pedagogo foi compositor e músico suíço. O seu método é fundamentado em três elementos: eurytmia, solfejo e composição. Deu muita importância à relação entre movimento e ver o corpo como um instrumento musical. Que o aluno deve experimentar fisicamente a música. É um método sobre sentir, percutir e muito aberto à criatividade e improvisação, sendo que pode ser aderido desde infância até a idade adulta.

Não se pode avançar sem falar em Carl Orff, compositor, pedagogo e maestro alemão nascido a 1895 em Munique. Orff-Schulwerk é um conceito pedagógico no ensino da música para crianças, derivado da obra *Musik für Kinder* do compositor alemão Carl Orff e Gunild Keetmann, publicada entre 1950 de 1954 em cinco volumes. *Schulwerk* (do alemão e significando Música para crianças) indica a natureza do princípio educacional Orff: a aprendizagem através do trabalho – oficina de experimentação, de criação e de aprendizagem. Toda a sua mentalidade baseia-se em expressão musical, que as crianças gostem de aprender música e de divertam com o processo. Não acredita em talento e acha que a musicalidade é inata e para todos. A performance não é importante, mas a sua criatividade. A forma de ensinar é genial: ritmos com a língua materna da criança e canções com músicas populares do seu país. Um conjunto de princípios sobre usar fala, rimas, lengalengas e associar essas mesmas a ritmos. Impulsionador da prática de instrumentos em idades jovens como xilofones, marimbas, glockenspiels, metalofones, flautas, maracas, triângulos, tambores, etc. É um método que, pela sua simplicidade, é muito usado em crianças com necessidades especiais. Em Portugal esta metodologia (sobretudo o recurso à orquestra Orff) é vastamente utilizada na Educação Musical das escolas regulares e esta, é particularmente eficaz no ensino da percussão e no desenvolvimento das competências rítmicas de um músico.

A música desenvolve elevadas competências cognitivas e há vários estudos que o comprovam, conforme indicado em ponto anterior. A audição de música, e em especial a prática musical, ativa múltiplas áreas cerebrais em simultâneo, em especial o córtex

motor, visual e auditivo, criando ligações entre os dois hemisférios de uma forma muito mais rápida. Estimula assim o desenvolvimento linguístico, matemático, mas também motor, criativo e emocional de forma integrada, com benefícios para todas as áreas da aprendizagem, pelo que quanto mais cedo essa prática tiver lugar, maiores e mais sustentáveis serão esses benefícios.

Uma formação integrada, que estimula o desenvolvimento cognitivo, motor, relacional, social e emocional. Favorece também a concentração e a autorregulação, para além do sentido crítico e do pensamento divergente, essenciais a uma adaptação cada vez mais exigente ao mundo atual em veloz transformação. A música é um acontecimento universal – está presente em todas as culturas e, se é verdade que é contextual, também existem padrões que são comuns a todas elas, ultrapassando contextos religiosos, geográficos e culturais. Isto diz muito da importância que a música desempenha ao longo de séculos na formulação das culturas humanas. A música liga gerações, é uma ponte fundamental na comunicação humana ultrapassando barreiras de todos os tipos.

Em particular, a música de conjunto sincroniza as nossas ações e emoções, torna-nos parte de um contexto, faz-nos ouvir os outros e sermos ouvidos, contribui para a coesão social, integra-nos e acolhe-nos, um sentimento essencial ao desenvolvimento de qualquer criança e que contribui enormemente para o seu crescimento e bem-estar, físico e emocional.

Mendes (2018), diz que a música acaba por influenciar cinco aspetos muito importantes no desenvolvimento de uma criança: Melhora da memória e criatividade, Desenvolvimento das competências motoras, Aumento da autoconfiança e socialização e Redução de Stress. A memória é influenciada pelas influências da música no sistema cognitivo e favorece as competências motoras, tencionais, visuais e auditivas.

Toda a atividade musical também inclui movimento corporal e o ritmo que envolve a música, que ocupam um papel importante no desenvolvimento do sistema nervoso e funções psico-motoras, que promovem a agilidade e destreza de movimentos. Acaba por ter um papel igualmente importante no fato da socialização, esta quando realizada em grupo, facilita a comunicação, a cooperação e o estabelecimento de novas amizades e relacionamentos.

Por último, a música tem um carácter terapêutico, pelo que muitos médicos aconselham a ouvir e a explorar géneros diferentes. Pode ter um efeito muito positivo especialmente

em crianças muito ansiosas, irrequietas e com falta de autoestima. Também ajuda a produzir endorfinas, hormona “da felicidade”.

A música e a poesia tinham algo transcendental ao ser humano «um ethos, um anseio espiritual, uma imagem do humano capaz de se tornar uma obrigação e um dever» (Jaeger, 2003, p.63).

Inúmeras pesquisas (Damkohler (2015), Brito (2003), Levitin (2006), Peery (1987), entre outros) desenvolvidas em diferentes países e em diferentes épocas, particularmente nas décadas finais do século XX, confirmam que a influência da música no desenvolvimento da criança é incontestável. Algumas delas demonstraram que o bebê, ainda no útero materno, desenvolve reações a estímulos sonoros (Hohmann & Weikart).

Jäncke (2021), neuropsicólogo e investigador defende que se começar a estudar música numa tenra idade esta irá aumentar a plasticidade e funções cognitivas de uma melhor forma do que aos não-músicos. Alguns músicos da amostra do estudo que levou a cabo começaram aos 5 anos e fizeram-no até aos 50, durante oito horas por dia, em média. O efeito cumulativo da prática molda o cérebro e é decisivo para se aprender competências, sejam elas línguas, xadrez ou golfe, pela forte correlação entre desempenho e tempo de treino.

Ainda cita de forma importante (2021) que “Os pais devem saber isto: o que os vossos filhos fizerem, ou não, durante a puberdade, ou antes dela, vai moldar o cérebro deles.”.

A música apresenta diversos efeitos positivos no desenvolvimento cognitivo, motor e sócio emocional. Sobre este último, imensas pesquisas comprovam que os bebés têm tendência a responder ao andamento da música: melodias mais serenas, ficam mais calmos e melodias mais “rápidas” mais agitados. Começar com aulas de música desde pequeno é muito importante por várias razões. Segundo Peery (2002), “A música é uma das primeiras experiências sociais de uma criança” (p. 461). Ainda dentro do útero os bebés já conseguem ouvir música, sendo que em alguns casos já reagem conforme o batimento da mesma. Alguns estudos mostram que os bebés recém-nascidos respiram de forma diferente se estiverem a ouvir, por exemplo, Mozart ou Shostakovich e que a música é capaz de acalmar bebés prematuros quando ainda dentro do berçário.

Começar com aulas de música em grupo com idades entre os 3 a 5 anos também as ajuda a tornar-se mais comunicativos e a aprender com as regras de socialização. A criança aprende os valores como partilha, interação e disciplina. Para tudo isto acontecer também

é necessário que a criança tenha acesso a um meio com uma boa comunidade e cultura e ser estimulada para um bom desenvolvimento cultural. Peery (2002) defende que o envolvimento das crianças com a música proporciona a expressão e o prazer criativo, ajuda ao desenvolvimento motor e rítmico, promove o desenvolvimento vocal e da linguagem, promove a herança cultural, promove o desenvolvimento cognitivo e o pensamento abstrato, desenvolve as competências sociais e de grupo.

Provar que efetivamente a música ajuda no desenvolvimento motor é muito simples. Desde os 3 anos que as crianças conseguem dançar e perceber claramente os andamentos e velocidades das músicas que ouvem. Aprendem a ter um melhor conhecimento corporal, aprendem a controlar os músculos e acabam por ter mais agilidade. Estar dentro deste mundo de aulas de música desde crianças traz infinitas regalias para o desenvolvimento futuro da criança. Expor as crianças à música durante o desenvolvimento inicial ajuda-as a aprender os sons e os significados das palavras. Dançar ao som da música ajuda as crianças a desenvolver habilidades motoras, permitindo-lhes praticar a autoexpressão. Para crianças e adultos, a música ajuda a fortalecer as habilidades de memória. Além dos benefícios de desenvolvimento, traz outro igualmente óbvio: a música traz-nos alegria.

Santos (2016, p. 23) refere que

“tendo o ritmo um papel importante na formação do sistema nervoso, qualquer movimento que segue um ritmo, mostra um conjunto complexo de ações que o corpo faz, a ordem emitida pelo cérebro para que o movimento aconteça consoante o ritmo e a coordenação que é feita mostra a complexidade e habilidade no nosso corpo. Para este desenvolvimento, todas as atividades realizadas com as crianças desde o primeiro ano de vida são fundamentais para um bom desenvolvimento psicomotor. Cantar com gestos, dançar, pular, bater palmas, bater com os pés, são atividades que desenvolvem o sentido rítmico e a coordenação motora.”

Então, mas e a questão fundamental. Porque começar tão cedo a pensar na educação e na influência que a música ou outras áreas possam ter na criança? O livro de homenagem a Jorge Crespo (2009), *Estudos em Homenagem*, é uma coletânea de investigadores e autores que escrevem sobre diversos e variados temas. Dentro de um tema a autora Helena Rodrigues este desmistifica o que é a educação. Esta explica que a música na primeira infância posta em contextos sociais e comunicativos tem grandes regalias para o futuro desenvolvimento da criança. Para além da educação musical, fala que para alterar os índices de insucesso escolar há que prestar mais atenção à infância! Até cita a frase “Em suma, necessitamos de mais Educação e menos Escola.”. Existem muitos conhecimentos e estudos sobre crianças e os primeiros movimentos, as crianças e a linguagem, as crianças e o desenvolvimento motor, mas as crianças que têm uma reação tão ativa à música ainda não foram aprofundadas essas raízes. Levitin (2007) defende que as cadeias neurológicas que desencadeiam a linguagem nas crianças podem bem ser a mesma que desencadeia a reação à música.

Um estudo de 2016 do Instituto de Cérebro e Criatividade da Universidade do Sul da Califórnia constatou que as experiências musicais na infância podem realmente acelerar o desenvolvimento do cérebro, particularmente nas áreas de aquisição de linguagem e habilidades de leitura. Para além das vantagens a nível linguístico, existem vários estudos sobre benefícios em outras áreas para a criança. Segundo um estudo da National Association of Music Merchants Foundation (NAMM Foundation), aprender a tocar um instrumento pode melhorar a aprendizagem da matemática e até mesmo aumentar as pontuações no SAT (Scholastic Assessment Test), o exame feito nos Estados Unidos da América aos alunos do secundário que serve de critério para admissão nas universidades.

Fazer música, então, nestas idades - especialmente se incluir ritmo, palmas, pulos e dança - pode desenvolver um controle motor que vai muito para além das capacidades dos que não comunicam com a música. Até mesmo jogos, músicas e brincadeiras simples aumentam a coordenação do cérebro e do corpo. Se as crianças mais velhas tocam um instrumento, esse tipo de crescimento continua e no final tudo isso constrói conexões importantes entre as muitas regiões do cérebro necessárias para realizar as ações e interações complexas de que os humanos precisam para prosperar.

A primeira infância, até aos 5 anos é um período notável no desenvolvimento humano. Com um ano de idade, o cérebro de um bebé tem 70% do tamanho do de um adulto; aos

3 anos atinge 85% e já está entrecruzado pelas conexões que proporcionam o pensamento e a comunicação entre humanos.

Nestes primeiros anos de vida, as crianças aprendem a expressar e a administrar os seus sentimentos, bem como descobrir como ler as expressões e sentimentos de outras pessoas, compreendendo como outras mentes funcionam. Investigadores que foram observar aulas de música e de movimento documentaram que a participação em atividades artísticas se correlaciona com emoções positivas para crianças em idade pré-escolar e facilita a sua capacidade de regular as suas emoções.

Também a música ao vivo, como concertos, espetáculos - e a interação humana que a acompanha - é uma das atividades mais intensas, multissensoriais e fisicamente envolventes em que as crianças pequenas e seus pais se podem envolver. A música ao vivo é um portador notável de deleite e emoção. Essas e outras emoções positivas estão entre os recursos mais vitais dos humanos: atraem uns os outros, ajudam a elevar o nosso humor e protegem-nos da tristeza e até mesmo da doença.

Num mundo em que famílias e crianças vivenciam traumas de violência, guerra e desastres naturais, a música e outras artes podem desempenhar um papel poderoso na sua cura.

A música pode realmente ter um efeito muito positivo nas crianças e no seu desenvolvimento. Mas, para introduzirmos os nossos métodos de ensino e a própria educação musical temos primeiro de fazer um prognóstico da criança.

Era necessário realizar um capítulo de pesquisa mais intenso centrado nas crianças para entender melhor como funciona o seu desenvolvimento, a sua evolução conforme as idades em que se encontram e de que maneira conseguem ver a música. Já conseguimos concluir que segundo vários autores (ex. Mendes), a música quando introduzida cedo na vida de uma criança poderá influenciar vários aspetos no seu desenvolvimento. Para além de uma ótima arte que treina aspetos motores, cognitivos e emocionais, é uma atividade capaz de “mexer” tanto com a nossa parte motora (tocar um instrumento), mas também como a parte emocional (o facto de nos arrepiarmos ao ouvir uma música). Entre o final do século XVIII e o início do século XIX fez-se uma separação entre música aplicada e música absoluta. A música absoluta era considerada a música verdadeira — não é usada para acompanhar bailes, ou para qualquer outro entretenimento humano. Era música transcendental que era capaz de “tocar na alma”.

Scruton (2015), dizia: “(...) a música não é uma arte representacional. Acho que muitas vezes isso não é visto com a clareza que deveria. A pintura, como sabem, é uma arte representativa nas suas formas mais elevadas...”.

Ainda cita que:

“Embora a música possa ser usada para definir palavras, embora possa ser usada para acompanhar uma dança ou para apresentar um drama (...) Se a música fosse uma arte representativa, teria que se entender do assunto para entender a música. E eu acho que é muito, muito raro que isso seja necessário - que as pessoas, por assim dizer, entendam a música em termos de outra coisa.”

A música poderá ser uma arma muito mais poderosa do que apenas uma atividade extracurricular para as crianças.

2.3 Desenvolvimento Humano e Distúrbios Comportamentais

No decorrer do desenvolvimento e crescimento das crianças, existem uma série de fatores específicos importantes que influenciam. Estes processos incluem a **hereditariedade** como doenças na família, se irá demorar mais tempo para caminhar ou falar, entre outras. A segunda é a **nutrição**. Qualquer criança para ter um crescimento e desenvolvimento saudável e progressivo precisa de comida indicada para a própria, hidratação e cuidados básicos. Em terceiro temos o **ambiente** onde a criança nasce. Aqui existem vários pontos que podem eventualmente interferir com o bom desenvolvimento infantil.

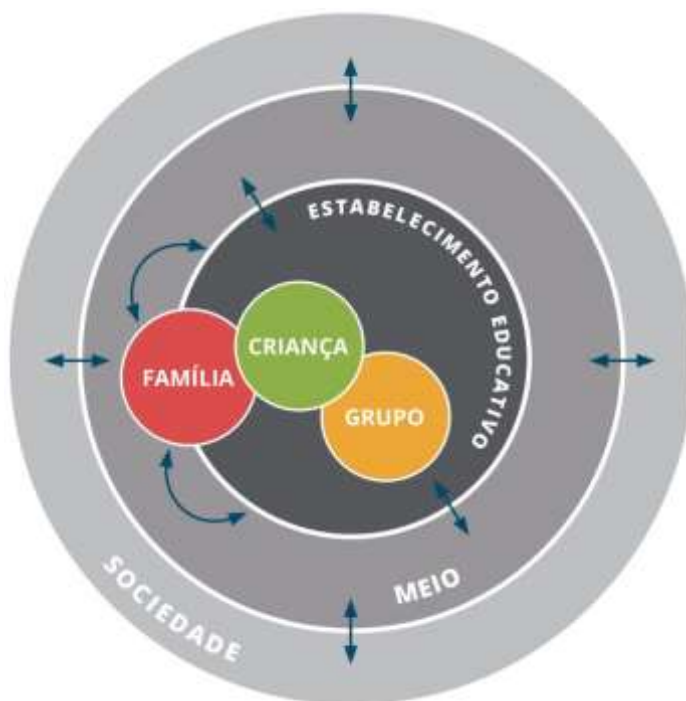


Figura 4, Direção Geral da Educação, 2019

Na imagem acima, a DGE¹ defende que o Estabelecimento Educativo, o Meio e a Sociedade vão influenciar no desenvolvimento da criança, sendo que tudo isto acaba por pertencer a um parâmetro de Enquadramento Geral da “organização do ambiente educativo”. O ambiente onde a criança cresce inclui que sistema pré-educativo e educativo que vai frequentar (sendo que a falta de estimulação mental pode retardar o desenvolvimento, enquanto estimulação apropriada pode acelerar o desenvolvimento), a

¹ Direção Geral da Educação

relação com a comunidade (o sítio onde cresce e as pessoas com quem convive como outras crianças, adultos e educadores) e a relação entre o filho e os pais (uma relação saudável familiar vai transparecer no comportamento da criança, na sua situação escolar e acadêmica e pode até mudar atitudes no futuro). A quarta característica que poderá influenciar o desenvolvimento são problemas físicos ou mentais da criança (surdez pode atrasar o desenvolvimento da aprendizagem da língua enquanto déficit de atenção poderá retardar a percepção dos conteúdos de ensino para a criança). Bronfenbrenner, (1989, p.191) define o desenvolvimento humano como: “o conjunto de processos através dos quais as particularidades da pessoa e do ambiente interagem para produzir constância e mudança nas características da pessoa no curso de sua vida”.

O seu livro (1979) “A Ecologia do Desenvolvimento Humano: Experimentos Naturais e Planejados” é dos mais conhecidos nesta área científica. O autor aborda experiências para justificar as suas teorias e fala nas várias características que influenciam o desenvolvimento do homem desde a sua personalidade, à participação nos ambientes, às suas características pessoais e à sua construção na sociedade.

Alves (1997), fala deste como “O livro valoriza os processos psicológicos e sua relação com as multideterminações ambientais, sem negligenciar a importância dos fatores biológicos no decorrer do desenvolvimento.”

O que é o comportamento? Um dos investigadores que mais fez avanços e pesquisas sobre isto foi Skinner (1953). Este considera complicado especificar porque trata-se de um processo e não de um objeto com definição concreta. Ainda cita: “(...) é um processo, e não uma coisa, não pode ser facilmente imobilizado para observação. É mutável, fluido e evanescente (...)”.

Como existem vários tipos de comportamento, as definições da mesma terão várias perspectivas de conceito. Moore (2008) afirma que o comportamento tem certas propriedades que resultam de relações funcionais entre aspetos do comportamento e aspetos do ambiente. Todorov (1989) cita num artigo científico com um exemplo do que para si é realmente o comportamento: “o menino que corre, interessa saber como, onde, quando, e porque é que ele está a fazer aquilo. Correr é só o comportamento.” Isto põem em perspectiva que o que realmente é aqui o comportamento, são todas as razões por trás da ação de correr. Este mesmo autor (2019) defende que seja qual for o comportamento existe sempre uma ação de efeito – consequência, “Dizer “bom dia” tem como efeito a

produção de ondas sonoras, alguém responder “bom dia” é a consequência”. Keller e Schoenfeld (1950/1974) foram outros dois autores responsáveis por uma grande investigação na área da psicologia comportamental. Estes defendem que a motivação é uma variável ambiental e que pode controlar o comportamento. Apesar de existirem imensas teorias (Millenson (1967), Millenson e Leslie (1979), Michael (1993), Douglas Mook (1987)) sobre a definição de comportamento, quase todos os autores concordam que tem de surgir algo relacionado com emoções e/ou motivado por outra coisa/alguém para existir uma ação.

No caso de distúrbios comportamentais, poderá vir de más atitudes e comportamentos praticados em casa pelos encarregados de educação (o primeiro sentido da criança é a visão, tudo o que se passa em casa ficará gravado na memória da mesma), poderá vir de um círculo vicioso de comportamentos negativos, ou seja, a criança tem um mau comportamento, os pais têm uma resposta negativa seguida de mais um mau comportamento da criança.



Figura 5, Keith Carvalho, "O ciclo do mau comportamento" (2021)

Segundo, a MSD (*Merck Sharp & Dohme Corp*) que é uma empresa mundial de saúde com filiação em vários países, esta defende (2017) que “O comportamento da criança é avaliado com maior eficácia no contexto de:

- Desenvolvimento físico e mental
- Saúde geral
- Temperamento (p. ex., dificuldades, bem-estar)
- Relacionamento com os pais e responsáveis”.

Vera Ramos (2020, pág. 2):

(...) o comportamento está sempre presente no nosso cotidiano e quando nos comportamos, alteramos os objetos e influenciemos as pessoas, assim como também somos influenciados pelos comportamentos dos outros. Consideramos o comportamento como todas as nossas ações, atitudes, verbalizações, emoções, sentimentos, pensamentos e crenças, isto é, todas as atividades que executamos através da interação com o meio.

Existem dois tipos de comportamento, os observáveis e não observáveis. Observáveis compõem atividades vistas a olho nu como correr, saltar, falar. Comportamentos não observáveis compõem atividades não observáveis, só se estas forem faladas pela pessoa que está a sentir ou se existirem sinais óbvios do mesmo como tristeza, desilusão ou mágoa. É essencial que os pais ou professores estejam atentos a sinais de comportamentos não observáveis para perceber se a criança está feliz no seu ambiente. Visto que as emoções não são observáveis, é crucial falar com a criança e perceber se a mesma se sente compreendida ou quer falar de algo. Segundo Maslow (apud Mosquera 1974, p.35), "a afetividade e o amor ocupam a terceira escala na teoria de hierarquia das necessidades e sem satisfação da mesma o homem não teria o seu desenvolvimento integral como ser humano". E para Piaget (1988, p. 41), "o sentimento que a criança tiver experimentado no passado, na família e com os professores, orientará os seus sentimentos futuros. É esse sentimento primitivo que irá moldar as emoções e comportamentos mais profundos. Portanto, a afetividade na fase escolar e na adolescência do educando apoia-se na direta relação afetiva dos pais e professores".

Também Piaget moldou a Teoria Cognitiva, que foi uma das maiores contribuições para a psicologia do desenvolvimento e que explica, na sua perspectiva, as fases que uma criança passa desde os seus meses até aos doze anos e por aí adiante.



Figura 6, Piaget's Stages of Cognitive Development. (2020) Illustration by Joshua Seong, Verywell

A sua teoria divide-se em quatro estágios de desenvolvimento, sendo que o primeiro (como visto na imagem acima) é o sensório-motor. Nesta fase temos a exploração visual e manual do nosso ambiente, ações como bater, agarrar, chutar e estas mesmas ações irão dar lugar ao pensamento. Também é nesta fase que as crianças aprendem pela ação da imitação, ver os outros e começar a interiorizar o que se passa à sua volta.

A segunda fase é chamada de Pré-Operatória e acontece dos dois aos sete anos. Aqui a criança apresenta um comportamento mais egocêntrico e intuitivo. Tal como vemos na imagem, o raciocínio já é intuitivo, mas é aquela fase de questionar tudo o que se passa na vida, a famosa fase dos porquês. Também é aqui que desenvolvem a linguagem, as imagens mentais e a associação às ações.

A terceira fase é o Operatório-Concreto e situa-se entre os sete e os onze anos. O egocentrismo fica um pouco posto de parte visto que as relações e socializações da criança vão aumentando e dá-se um aumento de empatia com os sentimentos e atitudes dos outros. A criança aqui já tem mais noção do que é o mundo e o que se passa à sua volta, já

consegue fazer análises lógicas às situações. Também já conseguem concentrar-se nas atividades que querem realizar.

A quarta e última fase é chamada de Operatório Formal. Nesta fase a criança atinge o pico das suas estruturas cognitivas e consegue aplicar o raciocínio lógico a todos os problemas ou desafios que encontra. Aprende a criar conceitos e ideias e o lado social da criança passa a ser um aspeto significativo na vida da mesma.

Sendo assim, existem vários tipos de comportamento que devemos separar, classificar e entender. Segundo Morais (2020), os comportamentos disruptivos podem acontecer por várias razões “(...) o início precoce da atividade sexual, o consumo de álcool, de tabaco e de substâncias ilícitas. Os fatores como a negligência parental, o abandono, as práticas educativas demasiadamente rígidas, a violência sexual ou física, o historial tabágico materno durante a gravidez, a associação a grupos de pares delinquentes, a vivência em bairros violentos ou em instituições acolhedoras e o temperamento difícil da criança, poderão predispor a criança ao desenvolvimento da perturbação do comportamento, tornando-se delinquente, uma vez que foi crescendo num ambiente desestruturado. Não existe uma definição óbvia a este conceito, no entanto, já foi muitas vezes associado a “problemas de comportamento”, “comportamentos inadequados”, “perturbações de comportamento”, “indisciplina escolar” (Veiga, 1995, p.44). Ainda segundo este mesmo autor pode encaixar nesta categoria de “comportamentos disruptivos”: o vandalismo, faltar às aulas, desobediência, irritação, ameaças ou violência física, uso de linguagem imprópria, tagarelice, algazarra, alcoolismo/drogas, desinteresse.

No final, acabam por ser várias razões que podem influenciar os futuros comportamentos de uma criança. Mas como perceber se estamos a falar de um mau comportamento ou um comportamento patológico? Se as más ações forem frequentes poderá ser sinal de um comportamento patológico enquanto que se acontecer em atos isolados não recorrentes estaremos presentes a um comportamento normal de criança. Especialmente quando acontece em contexto escolar pode significar inexistência de acompanhamento dos pais na educação dos seus filhos. Outro conceito diferente deste mesmo são comportamentos indisciplinados.

“A indisciplina é um fenómeno intrínseco à sociedade e ao seu sistema de ensino e, dada a sua inevitabilidade, tão antigo como a própria escola.” (Aires, 2010: 13). Em todos os casos de desenvolvimento e crescimento da criança, a educação transmitida em casa e o meio onde se cresce vão influenciar muito o futuro da criança. Uma relação sincera e

saudável entre pais e filhos, saber ter respeito mútuo, impor limites aos filhos em questões de discussão, transmissão de carinho e atenção e encorajamento nos seus estudos e projetos pessoais. Mas então o que podemos considerar de comportamentos indisciplinados? Disciplina provém da palavra discípulo, ou aquele que aprende. Também podem existir vários tipos de disciplina como militar, familiar, escolar, entre outras.

Segundo Estrela (1998, p.17):

(...) quando falamos de disciplina, tendemos não só a evocar as regras e a ordem delas decorrente, como as sanções ligadas aos desvios e o conseqüente sofrimento que elas originam. Por isso, para muitos o conceito adquiriu um sentido algo pejorativo.

Para Amado (2000, p.8) a disciplina não se trata de “subserviência, obediência mecânica e acéfala, medo do castigo e de todas as conseqüências negativas da infração. Ela é autodomínio, ordem interior e exterior, liberdade responsável, condição de realização pessoal e coletiva”. Esta, apresenta uma reviravolta dos papéis, dando a entender que se a criança tiver um autocontrole e percepção sobre os seus atos, conseguirá mudar. E “disciplina é um conceito que se reveste de alguma ambigüidade já que frequentemente lhe são atribuídos significados diversos como controle, castigo, regulação ou organização e formação no sentido de alcançar a autodisciplina” (Alonso 1987, cit por Silva 2001, p. 9).

Mas então o que significará a indisciplina? Normalmente estará associado a um incumprimento de normas ou regras impostas, mas no contexto de educação infantil poderá significar muito mais que isso. Para Estrela (1998, p. 17) “o conceito de indisciplina relaciona-se intimamente com o de disciplina e tende normalmente a ser definido pela sua negação ou privação ou pela desordem proveniente da quebra das regras estabelecidas”. Jesus, (1999, p. 31) refere que “a indisciplina dos alunos integra todos os comportamentos e atitudes que estes apresentam como perturbadoras e inviabilizadoras do trabalho que o professor pretende realizar”. João Amado (2001, p. 179) refere-se à indisciplina como “um fenômeno relacional e interativo que se concretiza no incumprimento das regras que presidem, orientam e estabelecem as condições das tarefas na aula, e, ainda, no desrespeito de normas e valores que fundamentam o são convívio entre pares e a relação com o professor, enquanto pessoa e autoridade.”

Por vezes quando uma criança pode ter comportamentos repetitivos de indisciplina, falta de atenção ou até comportamento nervoso, este pode na verdade considerada hiperatividade. Existem sintomas específicos dependendo da hiperatividade falada. A hiperatividade associada com défice de atenção normalmente associa-se em dificuldade em permanecer atento aos estímulos que interessam e de ignorar os que não interessam e relutância em iniciar atividades que requerem concentração. A hiperatividade em si falada associa-se à dificuldade em permanecer sentado, sossegado ou calado porque existe demasiada atividade motora e uma necessidade de estar em movimento. A impulsividade baseia-se em controlar impulsos ou mesmo a dificuldade em medir consequências, passando rapidamente ao ato. Normalmente estes prognósticos são realizados na infância (idade escolar) porque é nesta fase que se requer um maior controlo do comportamento e uma maior exigência na realização de certas tarefas. No entanto, também é possível ser-se diagnosticado com hiperatividade/défice de atenção a idade adulta, apesar de não ser tão habitual.

Comportamentos desviantes, tal como o nome cita, significa comportamentos regulares fora do normal da idade da criança. Sobre isto, Horton & Hunt, (1981) sugere que desvio é “qualquer falha na conformidade às normas costumeiras”. Normalmente associa-se estes comportamentos a crianças que tiveram um processo de socialização mal efetuado, onde a criança não aprende as atitudes e condutas corretas conforme a nossa sociedade. Isto também poderá ser culpa de um ambiente incorreto em casa, associado a comportamentos dos pais. Só quando estão matriculados num estabelecimento educacional é que as pessoas à volta desta poderão perceber que algo está errado. Martins (2019, pág.1) cita “Não podemos esperar que as crianças mudem o seu comportamento se não mudarmos primeiro o nosso.”, referenciando-se aos pais das crianças.

Sendo assim, é essencial para os pais e educadores perceber se a criança apresenta comportamentos indisciplinados, desviantes, disruptivos ou algo a haver com hiperatividade e défice de atenção, sendo todas estas definições, comportamentos diferentes. Estas não são as únicas razões para uma criança começar a apresentar sinais estranhos de mudanças de comportamento. O bullying é e pode ser responsável por muitos traumas infantis em algumas crianças. Segundo a APAV para Jovens (Apoio à Vítima para Jovens), o bullying é “... forma de violência contínua que acontece entre colegas da mesma turma, da mesma escola ou entre pessoas que tenham alguma característica em comum (por exemplo: terem mais ou menos a mesma idade; estudarem

no mesmo sítio)” (n.p). Ao contrário do que se possa pensar o bullying físico não é o mais comum no dia-a-dia de hoje. Faria (Junho, 2019) lançou um artigo no Jornal “O Público” ao falar que segundo um inquérito nacional, o bullying físico desceu para metade em cinco anos, no entanto, a mesma autora em Setembro de 2019 lançou um novo artigo no mesmo espaço com o título “Mais de 60% dos jovens foram vítimas de *cyberbullying* na pandemia. Agressores indiferentes.”. A maioria do bullying hoje em dia é feito através de mensagens e comentários nas redes sociais e pessoalmente através de bullying psicológico como chamar nomes, ameaçar ou fazer comentários negativos. Normalmente o praticante apresenta atitudes bastante negativas sem qualquer empatia ou preocupação nos danos que possa causar à vítima. Estes comportamentos podem-se justificar por traumas familiares passados, distúrbios comportamentais ou falta de acompanhamento de adultos.

Mas vamos á questão essencial de tudo isto. Como lidar com crianças que apresentem este tipo de comportamentos? Segundo a American Academy of Pediatrics (2018) existem vários fatores no crescimento das crianças que poderão influenciar o modo como se comportam no futuro. Um bom ambiente familiar é essencial os adultos partilharem pensamentos ou sentimentos ajuda a criança a perceber que falar sobre o que se sente é importante e uma coisa normal. Isto torna mais fácil para o filho/a sentir-se à vontade quando quiser desabafar sobre algo. A atenção que se dá aos filhos também lhes pode conseguir mostrar que atitudes são corretas e quais não são. Deve-se dar mais atenção aos filhos quando estão a ter posturas e atitudes corretas e menos atenção quando fizeram algo de errado, mas é preciso repreender e/ou castigar de maneira a que percebam o que se passou. No entanto, Martins (2019) acredita que se os pais começarem a gritar com os filhos consistentemente desde tenra idade, estes têm muito mais probabilidade de se tornarem agressivos e de também gritarem de volta. Este mesmo autor (pág. 23) cita “Num estudo levado a cabo por especialistas da Universidade de Pittsburgh, nos Estados Unidos, comprovou-se que o uso continuado dos gritos por parte dos adultos levou as crianças a desenvolverem comportamentos defensivos ou agressivos”.

O que é que é comum por todos estes autores? A importância da escola. A educação tem um papel fundamental na vida das crianças. Se formos a pensar no tempo que uma criança de 6 anos está em casa e o tempo que passa na escola, esta ganha na sua maioria. É um grande componente influenciador sobre a construção da personalidade da criança. Dias (2013) diz “A escola é um dos fundamentais agentes de socialização para as crianças

(...). Ramos (2020, pág.7) diz “A escola é um elemento muito importante para o desenvolvimento da criança, uma vez que é um lugar propício ao seu desenvolvimento moral, paralelamente ao desenvolvimento cognitivo, emocional, motor e social.”

∴

Salovey e Mayer (1990) foram os primeiros a falar em inteligência emocional, que se concentraria em ter noção das nossas próprias emoções, geri-las, reconhecer e criar empatia com as emoções dos outros, aceitar e identificar pensamentos relacionados com certos tipos de emoções. Mendonça (2012, p.28) diz “Tendo em conta estes aspetos, assume-se que a inteligência emocional pode ser um benefício para as crianças, porque as competências emocionais vão ajudar a transmitir ideias, objetivos e intenções.”

Cada criança tem uma evolução diferente a este nível, sendo que a uns pode ser mais rápida do que outros. Existem estudos que defendem que crianças que praticam desporto desde cedo vão ter um desenvolvimento motor maior (Fisher et al, 2005; Graf et al, 2004), enquanto que existem outros que defendem que crianças obesas vão ter, com muita probabilidade, um desenvolvimento motor mais lento (Stodden et al (2008)).

A música sempre foi presente em todas as culturas de forma diversificada. Começando por ser um entretenimento nos tempos antigos, e descobrindo-se mais tarde que ajudava a nível cognitivo, como na memória, por exemplo. Mais tarde começaram a implementar em técnicas medicinais, como musicoterapia ficando comprovado que esta é capaz de “mexer” ou “alterar” o nosso estado de espírito ou emoções. Grout e Palista (2005, p.21): “Platão e Aristóteles estavam de acordo em que era possível produzir pessoas «boas» mediante um sistema público de educação cujos dois elementos fundamentais eram a ginástica e a música, visando a primeira a disciplina do corpo e a segunda a do espírito.” e sobre o papel da música na Grécia Antiga “Neste obscuro mundo pré-histórico a música tinha poderes mágicos: as pessoas pensavam que era capaz de curar doenças, purificar o corpo e o espírito e operar milagres no reino da Natureza.” (p. 17). Também “A Música representa uma forma dinâmica de emoção” (Dowling & Harwood 1986; Helmholtz 1863/1954; Langer 1951).

Desta maneira, ao longo dos anos existiram muitos estudos sobre os contributos da música para a sociedade. Seashore (1938) foi o pioneiro da Psicologia da Música e de investigar de forma mais funda este assunto. Dowling & Harwood (1986) afirmam que “A música tanto expressa como induz emoções e, portanto, é frequentemente vista como um meio

poderoso de comunicação emocional.” Vargas (2012, p. 948) cita “O significado da música relaciona-se à emoção, se na audição musical há a inibição temporal ou permanente de alguma expectativa ou tendência resposta ativada pelo estímulo musical, considerando que tensão é relaxamento faz parte das propostas do compositor”.

Enquanto que antigamente se acreditava-se numa influência divina a quem conseguisse tocar música e por consequência, que estes poderiam curar doenças mentais. Hoje em dia, conseguimos provar que existe uma certa influência da música no tratamento ou ajuda de doenças e influência de comportamentos. Tamo, é o diretor do “Institute for Music & Brain Science”, é co-diretor da “University of California Multi-Campus Music Research Initiative” - professor clínico associado de neurologia na “David Geffen School of Medicine” da UCLA e professor adjunto de etnomusicologia no Escola de Música Herb Alpert da UCLA. Ainda hoje em dia continua as suas pesquisas sobre os benefícios da música para o cérebro e desenvolvimento. Em 2003 numa entrevista citou: “A música tem o poder de atingir as suas emoções devido às conexões entre o sistema auditivo, o sistema límbico e o sistema nervoso autônomo.” Numa conferência realizada com alguns dos maiores nomes atuais da neurologia musical, sobre como a música pode ajudar durante os tempos de pandemia (2020) partilhou-se “A música pode melhorar o desempenho académico e o controle dos impulsos das crianças. Pode aliviar a ansiedade e a depressão. E pode até mesmo ajudar o resto de nós a lidar com a nova pandemia do coronavírus, disse um painel de músicos e neurocientistas num evento na Praça Pública de Zócalo na noite passada.” (n.p). Tramo (2003) acredita que “A música está nos nossos genes”, só é nossa escolha investigá-los e aprofundá-los ou não.

Altenmüller, Schürmann, Lim, e Parlitz, (2002) conduziram um estudo com 16 alunos destros que ouviram 160 excertos retirados de repertórios de jazz, rock-pop, música clássica e sons ambientais. A valência emocional dos estímulos percebidos foi avaliada numa escala de 5 etapas após cada sequência. Estes revelaram alta produtividade do cérebro durante a audição e um efeito de lateralização altamente significativo: atribuições emocionais positivas. Estes autores citam: “Ouvir música, no entanto, é muito mais do que processar padrões acústicos; a música pode ser uma ferramenta poderosa para provocar emoções. Pouco se sabe sobre a base neurobiológica destas emoções.” (p. 2242) Segundo, as áreas que descobriram que mais afeta o cérebro, encontravam-se “as regiões

orbito-frontais que medeiam comportamentos e os lobos parietais que medeiam comportamentos de abordagem.”.

Entende-se “a música como facilitadora de relacionamentos” (Bergold; Alvim, 2009), “(...) única entre as artes, é ao mesmo tempo completamente abstrata e profundamente emocional”, “A música é capaz de nos tocar diretamente, o coração; não requer mediações” (Sacks, 2008) e segundo Watson e Drury, (1990, p. 16) a música “tem a capacidade, pelas associações que evoca, de transformar a consciência”. Estes mesmos estudos defendem que a música tanto pode ter um efeito terapêutico especificamente no que liga às emoções, impacto direto do som nas células do corpo e até e associar a música para estimular as mais diversas respostas da mente subconsciente.

Tramo (2020) acredita que nos próximos cinco anos existiram muito mais artigos científicos e investigações que ainda darão, mas credibilidade aos já existentes.

A música pode realmente ligar-se às emoções e comportamentos humanos: “é preciso que se compreenda a música como forma de comportamento humano, uma vez que ela nasceu do homem, tendo por isso mesmo, uma grande força de atração sobre ele” (Sacks, 2008, p. 349). Especialmente nas crianças, a música exerce uma grande influência em todo o desenvolvimento como falado anteriormente. Dollinger (2004) e Pimentel e Donnelly (2008) acreditam que a música pode ter grande influência no humor da pessoa, no entanto, podem afetar cada pessoa de forma diferente devido aos diferentes traços de personalidade de cada pessoa.

Por fim, existem muitos fatores que influenciam o desenvolvimento social de uma criança: o meio onde cresce, a situação familiar (que lhe irá dar ou não a autonomia futura e o processo de uma boa educação), as relações que cria, entre outras. A situação familiar acaba por estar no topo da tabela, sendo que a principal atividade de uma criança é a observação. Conger e colaboradores (1992) estabeleceram uma ligação de como os problemas financeiros poderão influenciar o desenvolvimento social da criança.

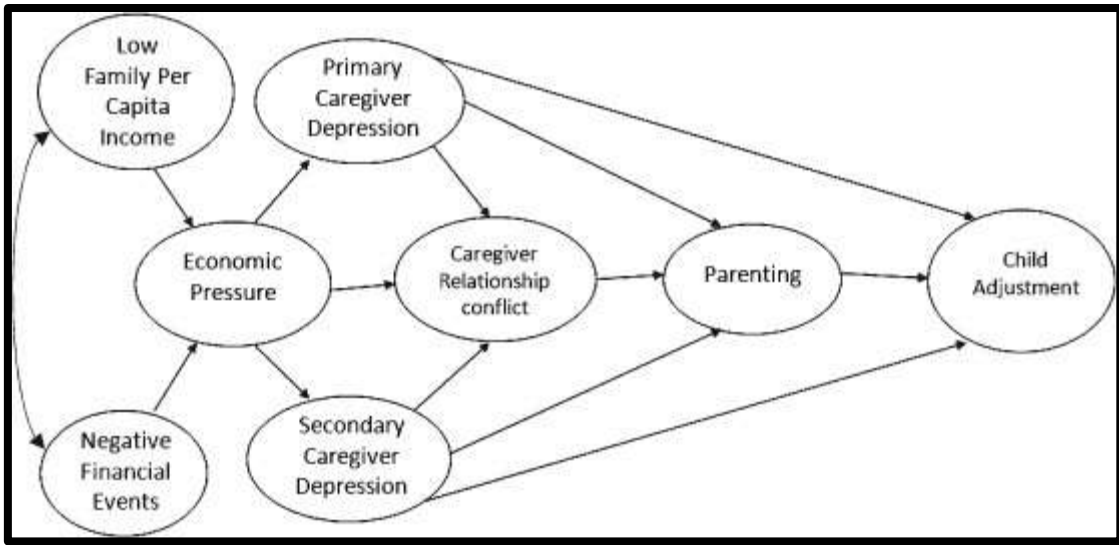


Figura 7, Family Stress Model. Source. Conger et al., 2002.

Também na imagem conseguimos perceber que o importante é o facto de a parte monetária ir afetar a parte afetiva da criança. O desenvolvimento social vai ser afetado pelos comportamentos e atitudes da mesma, também. Os eventos financeiros negativos familiares com o pouco dinheiro que uma família poderá ganhar, vai pôr pressão económica e poderá deixar tanto o lado materno como paterno com irritação, stress ou até mesmo depressão. Isto irá consequentemente afetar a relação entre os pais da criança e a educação que irão dar. Quem vai ser mais prejudicado sem ter culpa nenhuma? Resumindo, o desenvolvimento social acaba por ser a forma como a criança se comporta e comunica com os outros conforme as normas da nossa sociedade.

As crianças de hoje serão os adultos do futuro, a família é o primeiro espaço de aprendizagem, afeto e segurança da criança, se essa for comprometida provavelmente irá ter repercussões graves na mesma. Cabe aos pais e às pessoas com quem convive no meio ter atenção a possíveis comportamentos disruptivos para atuar logo.

Para além disto, a escola e a educação são meios essenciais para o desenvolvimento da criança e adaptação ao meio. A escola deve proporcionar às novas gerações aquilo a que Polakow (1993) chama «um sentido de lugar».

E tal como Abraham Lincon disse “Se acham que a educação é cara, tentem a ignorância”.

Em nota final, a música além de ser um conjunto de ritmos, notas, melodias, intervalos e dinâmicas, relaciona-se ainda mais proximamente os sentimentos e emoções que transmite. A música rodeia-nos e está sempre à nossa volta, seja em concertos, meio

social, rádios ou espaços públicos preenche um vazio de silêncio nas nossas vidas. O facto de ouvirmos uma música que gostamos muito e o nosso estado de espírito alterar, ou ouvirmos outra que nos traga memórias mais tristes e esta conseguir mudar a forma como estamos é um meio muito poderoso. O desenvolvimento humano tem muitas variáveis e vários pontos que podem ser influenciados. Uma criança não escolhe onde nasce, com quem nasce, em que sítio irá crescer, as oportunidades que lhe poderão surgir e o meio onde se irá desenvolver, mas existe uma questão. A música é uma linguagem universal, e existe em todas as culturas e lugares. Para além de ser um meio envolvente na sociedade, poderá ser uma paixão e uma forma de educação artística para a criança.

2.4 Utilização de atividades musicais nos processos educativos

Para Levitin (2006) a música não é uma aquisição técnica num instrumento. Não é ter capacidades auditivas ou composicionais e não se trata do chamado “talento” que os músicos têm de possuir para singrar na vida. A música é uma característica natural do ser humano, acessível a qualquer pessoa, o modo como é ensinada ou exposta a cada um é determina se o interesse surgirá logo ou não.

A nossa pesquisa começa precisamente nessa problemática, como saber o que ensinar ou como ensinar para tornar a música cativante para nós? Além de tudo temos de conhecer um pouco da personalidade da pessoa, temos todos gostos diferentes e ainda bem que assim o é. Depois de uma pesquisa sobre a pessoa em questão, é crucial adaptarmos a nossa forma de ensino à idade de cada aluno. Nunca irei falar, ensinar ou abordar questões técnicas com um aluno de oito (8) anos da mesma forma que abordarei com um de cinquenta (50). Comunicação é chave, e mais uma vez, conhecer a pessoa é o essencial.

A música funciona como estimulação dos sentidos e do corpo (Hohmann e Weikart, 1995), sendo que pode ter uma grande influência no desenvolvimento da criança. Também Sousa (2003), afirma que o objetivo da educação musical para a criança é a evolução desta mesma. Começar pelas pequenas coisas como a expressão da criança (corpo, linguagem verbal e sentimental) até à real compreensão da música. Carvalho (2011), defende e muito bem, que se o objetivo dos encarregados de educação ao inscrever os seus filhos na aprendizagem musical é que se tornem grandes músicos, estão a pensar de forma errada. Mendes (2018) cita que o objetivo é: “os professores incentivarem o autoconhecimento das crianças, assim como o desenvolvimento cognitivo, psicomotor, linguístico e socio afetivo, de modo a que as mesmas se possam desenvolver como pessoas absolutas”. (p.41)

Nestas idades as crianças são influenciadas pelos comportamentos e atitudes parentais, então, é importante transparecer uma ideia clara e correta de diversão e aprendizagem e não uma atitude de pressão educativa. Freud (1923) defende que a criança “incorpora” os seus pais e os seus valores como um ideal de ego e que isto ajuda a formar os padrões morais.

Hoje em dia já existem em vários conservatórios a modalidade de música para bebés, onde durante alguns minutos existe um contacto direto entre o professor/a, o encarregado

de educação e além de tudo entre o bebê e a música. Falando de um pedagogo referenciado neste documento atrás, Dalcroze (1886) apresenta exercícios/ atividades musicais como descoberta do ser humano e o seu corpo. O método Dalcroze incentiva a:

- Tomar consciência do corpo como um instrumento primordial;
- Desenvolvimento da motricidade global e parcial;
- Uma inter-relação entre ouvido, laringe e cérebro;
- Adquirir uma sensação de pulsação e educação auditiva através do movimento;
- Improvisação corporal e musical;
- Abordagem educativa e pedagógica de ritmo;
- Permitir uma evolução cognitiva, motora e pessoal.

“Jaques-Dalcroze parte do princípio de que as primeiras experiências musicais são de ordem motora. Para a criança, a percepção do som e sua tradução motora são imediatas e ela costuma sentir prazer com a experiência física. Ele observou que os movimentos naturais das crianças – andar, correr, saltitar e balançar – expressam naturalmente elementos da música.” (Mateiro e Ilari, 2012, p.40)

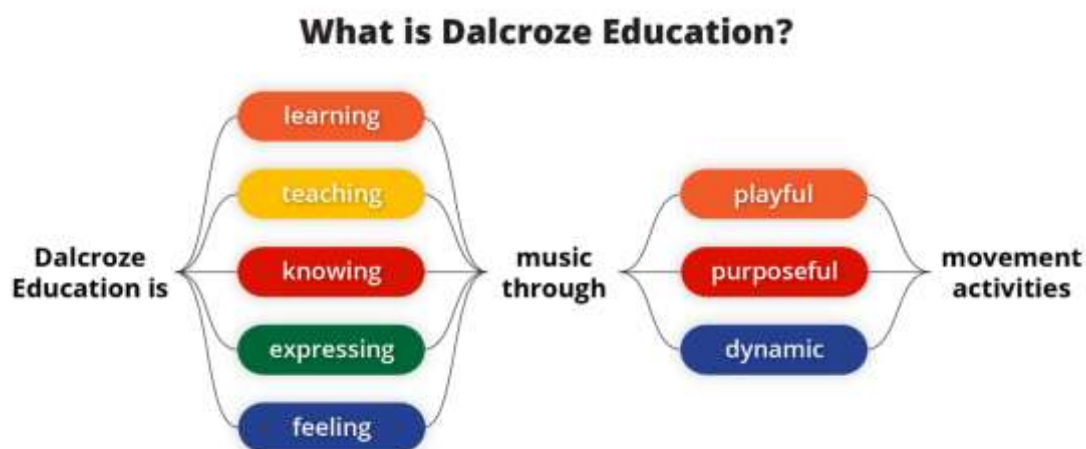


Figura 8, @ “What is Dalcroze Education?”, 2021, Dalcroze Society of America

Na figura acima conseguimos analisar que além de querer ensinar a parte da teoria musical, Dalcroze trabalhou para que a criança conseguisse comunicar com a música de uma forma didática e divertida, a maior parte das vezes, com atividades relacionadas com movimento.

“It features interactive games and exercises that help students learn to trust their ideas and develop their own intuitions. Today, his ideas about education have been confirmed by scientific research.” (Dalcroze Research Society).

A filosofia de Suzuki defende que qualquer criança consegue aprender música, independentemente de como seja, associando dessa maneira à língua materna (qualquer criança consegue desde que não apresente dificuldades cognitivas). A música é uma disciplina super importante, capaz de estimular essas conexões neurais e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento cerebral. Por isso, quanto mais cedo se começar a estimular o cérebro, mais evolução vai haver. Esta filosofia também preza os laços familiares, sendo que defendem que uma educação cheia e completa, tem o apoio dos pais a todo o momento, o ambiente onde ela cresce influencia a sua evolução.

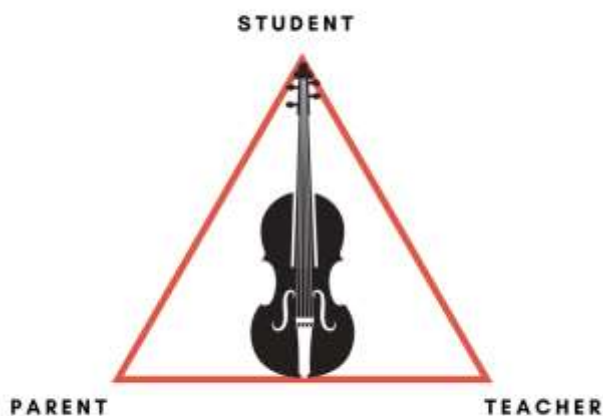


Figura 9, Red Fiddler, Music Studios - Suzuki Method

Apesar de ser um método mais utilizado no ensino do violino, pessoalmente, gosto de usá-lo no ensino da Flauta Transversal também para a Iniciação.

Sendo que estão numa idade tão jovem, a repetição de pequenas secções numa peça, ajudam não só a aperfeiçoar o seu nível técnico no instrumento como na memorização da peça, sendo que muitas das vezes estas tocavam de cor. A escolha das peças também é um forte envolvente de motivação para a criança, o fato de escolhermos canções/melodias conhecidas ajuda a que a criança tenha muito mais vontade de estudar e envolvimento na música.

3. Metodologias de Investigação

3.1 Objetivos do trabalho de campo

Numa primeira fase temos a revisão da literatura, a pesquisa sobre o tema que escolhemos e uma investigação sobre a opinião e base de estudos de outros autores sobre o tema. O trabalho de campo exige uma pesquisa feita em primeira mão, estar no local e no meio e envolver-se de forma pessoal com o tema. Foi utilizada uma abordagem qualitativa e exploratória que nos permitisse analisar melhor a evolução do comportamento da aluna através das observações e através da técnica da entrevista verificar das perceções dos informantes que estavam mais próximos acerca do impacto de eventuais alterações do comportamento.

Num processo de investigação deve-se explicar detalhadamente as justificativas para todas as nossas perguntas às nossas questões do projeto de investigação. os princípios metodológicos e métodos a utilizar. Desse modo, neste capítulo, inclui-se toda a explicitação e fundamentação no que diz respeito às opções metodológicas escolhidas e ao processo heurístico seguido neste estudo.

Os objetivos concretos do trabalho de campo são a observação, descrição, análise e levantamento das questões e situações levantadas na sala de aula.

No meu caso em concreto falamos de uma aluna de sete anos que apresentava comportamentos anormais e falta de concentração para a idade em que se encontrava mais especificamente nas aulas de Flauta Transversal. Foi realizado esta mesma ordem de objetivos de trabalho de campo durante a observação e lecionação das aulas.

Caso em observação:

A aluna X observada faz parte da classe de Flauta Transversal da Professora Natália Monteiro no Conservatório de Música de Sintra, no entanto, durante o meu período de estágio, a mestranda teve uma aproximação. A aluna tem neste momento sete (7) anos, tendo nascido em 2013. Sendo do regime de Iniciação Musical, partilha a aula com outro/a aluno/a da mesma idade.

A aluna X é uma menina muito energética, entusiasmada e elétrica, mas com muito pouca concentração, o que já a prejudicou na escola regular por mau comportamento e atenção.

Nunca foi diagnosticada com hiperatividade ou qualquer outro déficit de atenção. Por alguma razão, tem-se vindo a observar ao longo do tempo de que nas aulas de Flauta Transversal se esforça por se concentrar, ficar atenta e tentar dar o melhor que consegue.

3.2 Público-Alvo

A escolha da melhor metodologia deve ser pensada com alguma reflexão, através das recolhas planeadas e respetiva interpretação de dados. Adaptar qual será a melhor forma de obter respostas que precisamos, mas que por outro lado ajudem-nos a resolver as questões principais ao nosso projeto.

Após percebermos que uma das questões principais a que gostaríamos resposta era: “Será que a música pode ajudar crianças no seu desenvolvimento, comportamento e atitudes?”, e sendo que temos este estudo de caso da aluna X, precisávamos de saber mais sobre o seu passado e descobrir se eventualmente estes comportamentos disruptivos também se sentiam no seio familiar e escolar.

Foram assim, realizadas entrevistas ao Encarregado de Educação, à Diretora de Turma (e professora de 1ºciclo da aluna X) e à Professora de Iniciação Musical do Conservatório de Música.

3.3 Procedimentos Utilizados

Existem três questões principais ao qual se deve responder num processo de investigação: a Natureza do projeto (o quê?); o processo científico de investigação (como?); e por fim, a finalidade da investigação científica (porquê?).

Foram utilizados dois tipos diferentes de metodologias, sendo as duas classificadas como qualitativas: entrevistas e trabalho de observação e registo da mesma.

A vantagem de fazer uma análise qualitativa é que acaba por ser uma forma de recolher informações mais pessoais, acaba por não ser só uma questão lógica de números. Também podemos adaptar as questões ao tipo de pessoa com quem estamos a falar. Existem outros investigadores que defendem que as investigações podem ser pouco científicas e rigorosas. Segundo Pearce (2012), para uma pesquisa ter rigor é necessário um planeamento e desenho autoconsciente da pesquisa.

Normalmente faz-se pesquisas qualitativas não a pensar em populações ou em um grande número de amostras, mas sim, para casos específicos.

No caso do meu projeto de investigação, era importante perceber se a aluna X tinha o mesmo tipo de comportamentos e atitudes em casa do que tinha nas aulas de flauta, também era necessário perceber se estes também eram recorrentes nas outras aulas de música e na escola regular.

Por essa mesma razão foi realizado um Diário de Bordo, desde o início da investigação até ao último dia em que lecionei esta aluna. Este diário transmite a conduta e comportamentos que a aluna X teve durante estas semanas e as atividades realizadas nas aulas. Foram também entrevistadas três pessoas do meio familiar e escolar da aluna: ao Encarregado de Educação da aluna X (a mãe), á Professora de Iniciação Musical e á Professora de 2º ano da aluna X, que também acaba por ser a Diretora de Turma.

3.3.1. 1ª Fase De Investigação – Observações Narrativas

Numa primeira fase, constou-se que a aluna em questão tinha comportamentos e atitudes não convenientes para o meio onde se encontrava, que neste caso, era a aula de Flauta Transversal.

Apesar disso, a aluna mostrava-se interessada e motivada em querer aprender o instrumento, dessa forma começou o projeto de investigação.

A primeira fase foi a de observação e registo da mesma, aula a aula, das suas atitudes e das atividades propostas para tentar proporcionar uma educação melhor para esta criança.

Anguera e Hermández-Mendo (2013), Barreira et al. (2012), Prudente (2006) e Sarmento (2012) defendem que um critério de observação significa passar a dispor de um instrumento que de modo efetivo permita registar, de forma fidedigna, os comportamentos dos alunos, a partir da observação sistemática das aulas que constituem uma amostra observacional.

É considerada uma observação participante, visto que estive envolvida em todos os momentos, tanto na comunidade escolar como a lecionar as aulas desta aluna.

Foram identificados assim os critérios principais de observação a que obrigatoriamente deveria ter atenção:

- Evolução ou não dos comportamentos da aluna X ao longo das aulas;
- Atividades realizadas durante as aulas para fornecer uma melhor educação e interesse pela disciplina;
- Atitudes e convivência perante a colega de aula;
- Como responde à repreensão;
- Evolução ou não pelo instrumento e pela aula;
- Se os trabalhos de casa pedidos vêm estudados (se se esforçou durante a semana);
- Diferença conclusiva de como apareceu no primeiro dia de aulas e como sai no último;

Tentando chegar a uma conclusão segundo os dados que temos, se analisarmos a aula de dia 07/10/2020: “A aluna X tem uma atitude um pouco desrespeitosa quando começa a

escrever as notas na pauta deitada no chão e não segue de imediato as ordens dadas.”, esta aluna ainda não obedecia a ordens, tinha uma atitude pouco respeitosa para o meio onde estava e parecia muito pouco interessada na aula (sendo que até se deitou no chão para escrever).

Na aula a seguir (14/10/2020) também é escrito: “A aluna X ficou com um pouco de inveja por o seu companheiro/a de aula conseguir estar a tocar melhor do que ela.”, mesmo depois de lhes dizer e demonstrar muitas vezes que cada um aprende ao seu tempo e à sua maneira, sempre que dava um pouco mais atenção à colega de aula desta aluna, sentia inveja pela sua parte e conseqüentemente, começava por fazer “birras” ou a querer chamar a atenção.

Precisamente na aula seguinte (21/10/2020), a companheira de aula da aluna X teve que faltar o que foi ótimo para dar exatamente aquela atenção que esta estava a precisar. Como se lê no diário de bordo, não houve faltas de comportamento, e foi uma das vezes que vi esta aluna mais concentrada para tocar.

Passado quase um mês (4/11/2020) a aluna continuava a comportar-se muito mal, mas já respondia à repreensão e pedia as devidas desculpas. Para tornar cada vez a aula mais interessante, nada melhor que perguntar que tipo de músicas elas gostam, isto motiva-as a quererem estudar mais para mostrar aos pais e professores que já conseguem tocar aquela música conhecida (exemplo: Balão do João). Na audição final de Natal (16/12/2020), estavam mais nervosas e por consequência com um comportamento mais desestabilizador, mas quando “alertei-a que tinha de tocar bem para depois os pais e avós verem como tocava tão bem!”, isso fê-la mudar de atitude instantaneamente, o que demonstra que apesar de tudo, só quer fazer um bom trabalho!

No dia 13/01/2021, questioneei-a sobre se gostava de tocar Flauta Transversal, ao qual me respondeu “gosta de ter aula de Flauta e respondeu que gostava muito e não queria deixar a professora chateada e porque queria tocar bem para mim.”

Acho que este momento foi muito importante para mim, duvido muito que esta mesma aluna seja a mesma de dia 07/10/2020, já se nota uma grande evolução tanto nos seus comportamentos como também uma diferença inexplicável no seu interesse e dedicação à Flauta Transversal e para com a disciplina.

As aulas seguintes só voltaram no dia 10/02/2021 devida à paragem obrigatória do Governo sobre o SARS Cov-2. Depois disto as aulas tiveram de ser lecionadas via Zoom, para uma maior segurança entre todos.

Durante estes tempos achei mais pedagógico ir trocando entre fazer as aulas com as duas meninas ao mesmo tempo ou fazer 25 minutos a cada, separadas. As aulas não conseguem ser tão interativas via internet, mas mesmo assim foi dada uma nova peça (para uma melhor motivação para o estudo em casa) a cada uma. Por vezes havia distrações nas casas das alunas (pais, animais de estimação, irmãos), mas nunca houve falta de respeito ou comportamento negativo perante estas mesmas aulas.

No dia 07/04/2021 voltámos às aulas presenciais. O Conservatório decidiu fazer uma “festa de boas-vindas” e colocou um estrado no pátio de entrada com uma estante para quem quisesse ir tocar para as pessoas. Quando propus irmos tocar uma peça já apresentada (para se sentirem mais seguras), aquando de que a aluna X fez uma “birra” enorme, ao dizer que tinha medo e não queria tocar em público. Seria realmente a primeira vez que estas alunas iriam tocar em público e fiquei a perceber que esta tinha medo do palco. Depois de muita, muita persistência convenci-a a ir tocar (estando sempre ao lado dela), e fiquei muito orgulhosa. Superou os seus medos apesar de a ter visto quase tremer de nervosismo e medo.

Ao longo das semanas seguintes, não houve faltas de respeito ou de comportamento suficientemente salientes para citar. As alunas divertiram-se muito até à data da Audição Final em Maio, onde puderam tocar duas das peças que mais gostavam. Nesse dia, a aluna X entrou em palco como se não houvesse nervos ou medos, tocou e saiu do palco super orgulhosa, e eu dela com a família na primeira fila a bater palmas.

Esta aluna apresentou uma evolução estrondosa em todos os níveis, incluindo flautísticos. Numa das últimas aulas (28/04/2021), cito “A aluna X está cada vez mais atenta, interessada e motivada a aprender cada vez mais e melhor. Já respeitou quando dei “mais atenção” à sua colega de aula, para ajudar em pormenores musicais.”

Genuinamente, acredito que pelo menos, parte desta evolução terá acontecido pela sua envolvência nas aulas de flauta e na música, em conjunto com as minhas metodologias de trabalho utilizadas (utilização de peças conhecidas à escolha das mesmas, exercícios de som e articulação didáticos, duos de flauta para tocarem em conjunto uma com a outra,

e a própria parte de chamar a atenção quando necessário e fazê-la perceber onde tinha errado ou o que estava a fazer mal!).

Foi um gosto ver esta aluna crescer da maneira que eu vi com os meus olhos, só lhe desejo o melhor para o futuro e que continue a tocar flauta durante muitos anos.

3.4. 2ª Fase de Investigação - Entrevistas

A entrevista é um método de investigação usado em muitos trabalhos de investigação, tem a capacidade de extrair muita informação, até mais pessoal e íntima fazendo um trabalho mais rico. Por vezes é criticada por falta de rigidez e qualidade de critérios para o enriquecimento do trabalho de investigação, mas bem suportada por estudos e uma boa investigação, e realizada da forma correta, consegue ser um ótimo fornecedor de boas informações.

Ribeiro (2008 p.141) trata a entrevista como:

A técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores.

Existem quatro tipos de entrevista segundo Gil (1999): informais, focalizadas, por pautas e formalizadas ou estruturadas.

A *entrevista informal* é a mais livre possível. A única diferença desta perante uma conversa normal, é mesmo a recolha de dados. Esta permite ir divagando conforme as respostas de cada entrevistado, é recomendado em estudos exploratórios.

A *entrevista focalizada* é tão livre como a entrevista informal, mas há um tema em específico em qual a conversa roda à volta. Mesmo que a conversa comece a divagar, cabe ao entrevistador voltar a retornar ao ponto principal da entrevista. Normalmente estas entrevistas são utilizadas em pessoas que viveram uma experiência específica como um acidente de carro, um trauma com algo, entre outros.

A entrevista *por pautas* já acaba por ser mais estruturada, existem vários pontos de interesse que o entrevistado deve desenvolver durante a mesma, cabe ao entrevistador deixar a conversa fluir mantendo o rumo certo para fazer as questões seguintes.

Por último encontra-se a entrevista *formalizada ou estruturada*, utilizada neste projeto de investigação. Esta segue uma lista de perguntas fixas, onde o entrevistado tem a sua liberdade para falar, mas cabe ao entrevistador seguir a ordem das questões previamente elaboradas. Este tipo de entrevistas é facilitado o tratamento de dados qualitativos e no levantamento de questões sociais.

A entrevista pode ser um poderoso utensílio na investigação científica, Bauer e Gaskell (2000), defendem que a entrevista qualitativa pode fornecer informação contextual valiosa para explicar alguma informação específica. Gil (1999), defende que a entrevista é a técnica de recolha de dados mais flexível e aponta três principais razões para a vantagem desta técnica: o fato de ser uma entrevista e não um questionário é muito mais pessoal e interativo; existe uma flexibilidade muito maior para esclarecimento de perguntas e adaptação à pessoa com quem estamos a falar; captação da expressão corporal, tonalidade de voz e ênfase nas respostas.

Baker (1988, p.182) *apud* Gil, (1999) trata de algumas regras gerais referentes à elaboração de um roteiro de uma entrevista:

- a) As instruções para o entrevistador devem ser elaboradas com clareza.
- b) As questões devem ser elaboradas de forma a possibilitar que sua leitura pelo entrevistador e entendimento pelo entrevistado ocorram sem maiores dificuldades.
- c) Questões potencialmente ameaçadoras devem ser elaboradas de forma a permitir que o entrevistado responda sem constrangimentos.
- d) Questões abertas devem ser evitadas. Quando são elaboradas questões deste tipo, o entrevistador deve anotar as respostas.
- e) As questões devem ser ordenadas de maneira a favorecer o rápido engajamento do respondente na entrevista, bem como a manutenção do seu interesse.

É necessário existir um objetivo claro e explicar ao entrevistado a razão por que está a ser entrevistado e em que contexto, manter o anonimato e sigilo quando pedido, devem-se

sentir livres para parar a entrevista quando quiserem, pedir esclarecimentos e outras questões e além de tudo existir respeito entre as duas pessoas que estão a participar.

O registo das respostas é um ponto crucial da entrevista, visto que é a partir desse mesmo que vamos coletar os dados e informações corretos para fazer a análise. Depois da transcrição de toda a entrevista, de rever as gravações e tratar de forma a que esteja escrita de forma corretamente linguística, chegamos à parte do tratamento dos dados.

No meu caso, como já dito anteriormente, foram realizadas três entrevistas a fim de compreender os comportamentos e atitudes da aluna X, e perceber mais o contexto da sua vida familiar e escolar.

Foram assim entrevistadas a mãe da aluna X, a professora de Iniciação Musical do Conservatório e a professora de Ciclo e Diretora de Turma.

Existem três passos essenciais para a análise destas:

- Codificação/ recorte – sublinhar e identificar os pontos importantes referidos na entrevista;
- Categorização/ temática – inventário de temas, classificação e organização dos mesmos;
- Interpretação da informação;

As análises das entrevistas foram feitas da seguinte maneira:

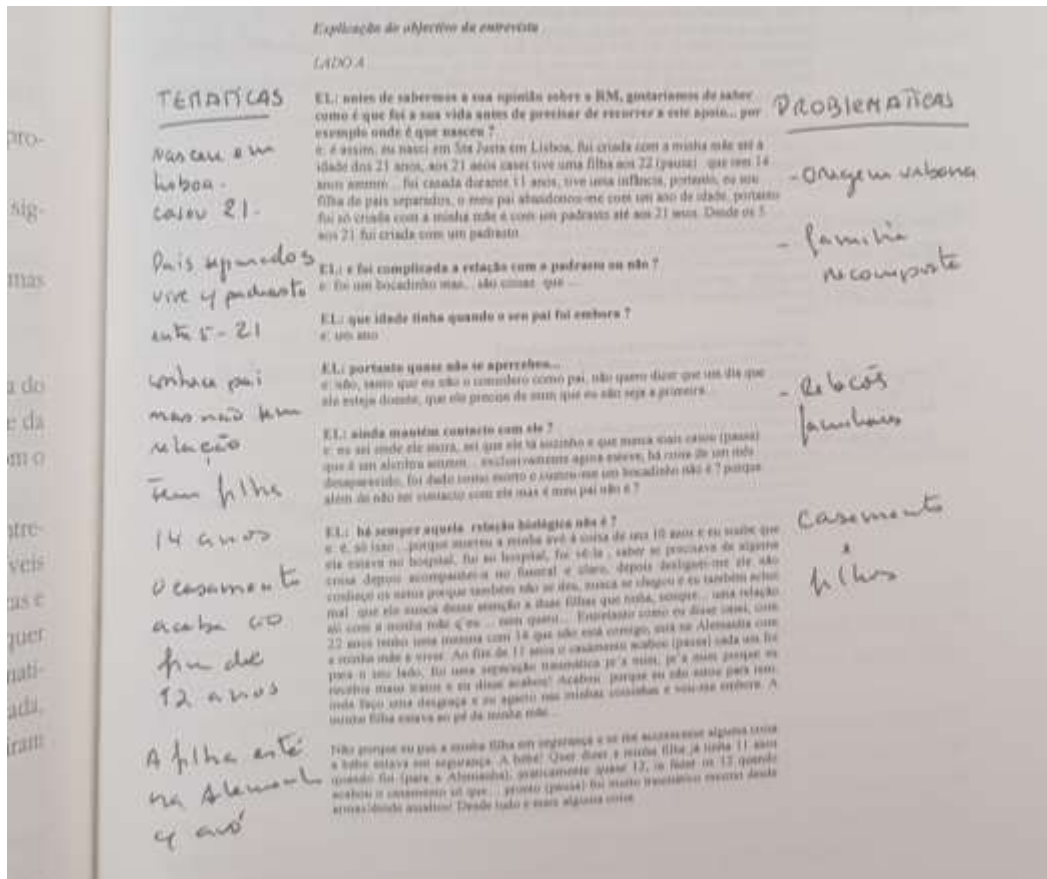


Figura 10, Retirado do Livro "Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo". Isabel Guerra, 2006

Depois de a entrevista estar transcrita, analisamos que tipo de temáticas encontramos ao longo do texto e minimizamos em títulos de temas. Dentro de cada temática encontramos várias problemáticas ao qual devemos analisar.

Posteriormente foi realizada uma tabela para cada problemática separada entre categoria, subcategoria e uma citação da entrevista de cada exemplar. Encontra-se anexado todas as categorizações da entrevista, no entanto, seguem abaixo um exemplo:

Temática 2: Distratibilidade nas aulas

Farta-se rápido com atividades – 1
Não consegue estar muito tempo a fazer o mesmo - 1
Distrai-se também por influência dos colegas- 2
Influência dos pais – 3
Queixas comportamentais – 3

Problemáticas

Categoria	Subcategorias	Exemplos
1. Consciência de ser impaciente	1.1 – Farta-se rápido de atividades 1.2 – Impaciente e irrequieta	"...não consegue estar muito tempo a ver televisão, ou muito tempo a brincar com os seus brinquedos (...) nunca está muito tempo a fazer a mesma coisa e tem de ir variando."
2. Distratibilidade escolar	2.1.– Influenciável no comportamento pelos colegas 2.2.– Facilidade na desatenção	"...tem muitas capacidades (...) poderia evoluir se se concentrasse mais e não fosse tão distraída, normalmente, por influência de colegas"
3. Sinais de desajustamento atitudinal	3.1. – Queixas de comportamento pelos professores 3.2. – Conversas formais com os E.E's.	"...queixas de comportamento por parte de professores (...) tivemos uma conversa bem mais séria com a aluna X sobre como estar numa sala de aula..."

Figura 11, Anexos: Categorização e Análise das Entrevistas

Depois de todas as categorizações terem sido devidamente analisadas foi criado um texto resumo sobre a informação retirada sobre cada uma das entrevistas.

3.4.1 Resumo das Entrevistas

Resumo da Entrevista – Encarregado de Educação

O encarregado de educação teve como motivação para a inscrição da filha na música, o exemplo do seu irmão mais velho nas quais obteve mudanças a nível de responsabilidade e comportamento. O facto de também ter muita energia e ser irrequieta foi também um fator pesante para a inscrever numa atividade extracurricular.

É uma menina que gosta de atividades práticas e gosta de estar sempre em movimento, tornando-se por vezes um pouco impaciente e irrequieta. Apesar de ter boas notas e ser

uma boa aluna, distrai-se facilmente nas aulas, sozinha ou por influência de colegas. No início do ano letivo houve uma intervenção escolar e parental para discutir os comportamentos e atitudes da aluna.

Pôs-se em causa Hiperatividade da qual foi desconfirmada. Gosta da escola, de a frequentar e tem uma boa sociabilidade, é comunicativa com os educadores e colegas. Desde que entrou na música, especialmente desde Setembro de 2020, os pais sentiram uma diferença a nível de responsabilidade, comportamento, atitude, independência e interesse, chegando ao ponto de os próprios professores da escola notarem uma diferença académica e atitudinal.

Resumo da entrevista – Professora de Iniciação Musical

A disciplina de Iniciação Musical foi criada para crianças entre os 6 e os 9 anos, sendo que pode ser a primeira interação destas com a música. É uma disciplina que apela à criatividade, à partilha, convivência entre crianças, expressão individual e o tocarem todos em grupo. É lecionado os básicos da música como as notas, o ritmo, a pulsação e a melodia. Estas atividades são todas mais práticas do que teóricas incluindo cantarem, tocarem com instrumentos Orff todos juntos ou realizarem jogos musicais.

A professora caracterizou a atitude da aluna X como muito entusiasmada e interessada, sempre com muita curiosidade para aprender mais. Por vezes faladora e como consequência disso, distraída. Isto acontece em partes da disciplina mais teóricas. As atividades em que demonstra mais interesse são precisamente as práticas e que requeiram mais movimento (como citado pelos encarregados de educação).

A professora diz que ao longo dos meses, na sua disciplina, a aluna X teve uma progressão fantástica, enaltecendo a sua concentração e atenção e está cada vez mais interessada em fazer mais e melhor.

A professora acredita piamente que a música consegue ter um efeito positivo enorme no desenvolvimento das crianças, sendo que já assistiu a um caso extremo de um aluno com problemas comportamentais que parecia uma pessoa diferente no final do ano letivo. Ainda cita a importância do que é ter um bom ambiente e educação familiar e que este mesmo fator pode mudar tudo.

Resumo da entrevista – Professora Escolar e Diretora de Turma

Esta professora para além de ser a Coordenadora do 2º ano, é a professora escolar da aluna X. Tirou o seu mestrado em Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, onde ficam preparados para lecionar todas as disciplinas básicas. Neste caso, leciona Português, Matemática, História, Ciências e Cidadania. Disciplinas com conteúdos mais específicos como Inglês, Educação Musical e Educação Física são dados por outros professores.

A professora descreve a X como uma aluna muito querida, entusiasmada e participativa. Cita que gosta muito da escola e de estar com os colegas e que tem uma excelente educação parental.

Tal como todas as crianças, gosta mais de umas disciplinas do que de outras, onde releva o seu gosto pela escrita e leitura (Português) e do seu interesse pelos seres vivos e animais (Ciências) manifestando vontade de ser veterinária no futuro. Sente-se menos atraída pela Matemática e História e, por vezes nestas, distrai-se e apresenta mais desconcentração. Apesar de tudo esforça-se por aprender todos os conteúdos de todas as disciplinas e é isso que a torna uma boa aluna. Por vezes muito distraída e faladora, mas tem reparado em melhorias nestas duas características.

A professora enaltece que é muito apoiante do ensino artístico, partilha que a filha frequenta o ballet e que já sentiu muitas diferenças positivas a nível de responsabilidade e independência. Como educadora, participou em disciplinas onde se falou dos contributos da música para o desenvolvimento infantil e valoriza o facto a música ajudar as crianças a nível motor, cerebral e cognitivo. Fala da musicoterapia e dos seus contributos, e acaba por dizer que se as crianças forem influenciadas pela vida artística certamente serão outro tipo de adultos no futuro.

4. Apresentação e discussão dos resultados

Conseguimos evidenciar que a aluna em questão teve uma evolução a nível pessoal, melhorando o seu comportamento e aproveitamento ao longo destes 8 meses em que foi acompanhada. Pelas entrevistas realizadas percebemos que os encarregados de educação chegaram a considerar hiperatividade devido às distrações constantes nas aulas, comportamento excessivamente energético e por vezes mau comportamento. No entanto, também foi evidenciado que desde Setembro (a entrevista foi realizada em Março), a aluna tinha demonstrado melhorias evidentes (“Ajudou muito os meus dois filhos, na responsabilidade, comportamento e penso que nos estudos em casa especialmente ficaram bem mais concentrados!”).

A professora de Iniciação Musical mostra-se orgulhosa e contente de falar na aluna X, apesar de relevar as distrações e a falta de concentração. Como professora desta área, acredita piamente nas vantagens de aprender música e os contributos que pode dar quando aprendida com 6/7 anos. Concorda que esta aluna é muito energética e participativa, mas gosta que assim o seja, ao invés de não estar interessada na aula ou não participar de todo. Também concorda na evolução pessoal desta aluna (“Quanto ao comportamento, a Carolina em específico teve uma grande evolução; Mas sim, as principais diferenças são a concentração e atenção que subiram a 100%, diminuiu a parte da distração”) e afirma que “Tenho a certeza absoluta de que estes alunos não seriam os mesmos se não tivessem tido estas disciplinas e esta formação na música (...)”.

O mesmo acontece com a Professora da Escola Regular, acaba por descrever esta aluna com todos os adjetivos anteriormente citados: energética, participativa, interessada, querida, faladora, mas sempre com o intuito de querer fazer mais e melhor.

Também se pode confirmar que tal como a Professora de Iniciação Musical tinha referido, a aluna tem mais interesse e vontade de participar em atividades/aulas mais práticas do que teóricas, e o mesmo acontece na escola regular. Desconcentra-se mais e não apresenta tanta motivação nas disciplinas em que não possui tanto interesse.

Não fala numa evolução, mas afirma dar conta do interesse desta aluna pela música e o seu entusiasmo quando fala do Conservatório. Dá o exemplo da sua própria filha estar ingressada numa atividade artística e quanto já mudou desde que a frequenta. Afirma

que todas as crianças deveriam ter uma atividade extracurricular, seja em atividades artísticas, desportivas ou outra do seu interesse.

As evidências recolhidas ao longo destas entrevistas (e posteriormente devidamente analisadas – anexos), demonstram que estas três pessoas concordam com o facto de a música ou qualquer atividade extracurricular tem vantagens e benefícios no desenvolvimento pessoal da criança e poderá ter igualmente efeitos positivos noutras características como comportamento, concentração, criatividade, desenvolvimento motor e cerebral, entre muitos outros.

[...] a música é um tipo de arte com imenso potencial educativo já que, a par de manifestações estéticas por excelência, explicitamente ela se vincula a conhecimentos científicos ligados à física e à matemática além de exigir habilidade motora e destreza que a colocam, sem dúvida, como um dos recursos mais eficazes na direção de uma educação voltada para o objetivo de se atingir o desenvolvimento integral do ser humano. (SAVIANI, 2003, p.40).

Associando estes dados com a pesquisa realizada neste trabalho, conseguimos observar que a música, quando estudada a longo prazo, consegue influenciar o desenvolvimento cognitivo, cerebral e motor, quando aprendida numa idade jovem poderá trazer benefícios no desenvolvimento da criança, que o meio onde a criança nasce e as condições com que cresce são fatores cruciais para a formação de uma personalidade e desenvolvimento. Pocinho (2019), professora e investigadora em Psicologia da Educação na Universidade da Madeira afirma que as «janelas de oportunidade» são até aos três anos de idade, depois até aos seis e, finalmente, até aos onze. Defende que segundo os especialistas, a flexibilidade do cérebro vai diminuindo com a idade e, depois dos onze anos, a criança continua a aprender, mas não ao mesmo ritmo e com todo o potencial de antes. «São janelas de oportunidade que, se nós as deixarmos passar, é impossível voltar atrás».

Ainda cita que “As crianças devem experimentar desportos, instrumentos musicais e outras atividades até encontrarem uma que lhes agrade. são até mais ou menos aos 10, 11 anos. Isso porque eles acabam por projetar, nessas brincadeiras, aquilo que sabem, aquilo que gostam mesmo” (2019).

5. Conclusões

Consideramos oportuno, e após a análise dos dados obtidos, a realização de uma reflexão relativa a todo o projeto desenvolvido. É importante citar que existem muito poucos estudos e investigações específicos deste tema, a música ainda é vista aos olhos de muitos adultos, crianças e idosos como apenas uma arte, uma atividade extracurricular ou mesmo um passatempo. Consideramos importante evidenciar as referências feitas aos vários autores que desenvolveram estudos sobre esta temática. É importante referir também a dificuldade no acesso a alguns trabalhos de investigação já realizados no domínio da neurologia musical, pois a maioria encontra-se com acesso restrito.

A realização deste trabalho fez-me perceber que começar a valorizar as artes é essencial, e que pode fazer mudanças radicais na vida de uma pessoa, sendo que o vivi na primeira mão. Também me fez entender o número variado de metodologias musicais que desconhecia e fez-me imergir nesse mundo da investigação, para além de todos os ensinamentos neste campo que poderei usar para lecionar as minhas futuras aulas. O mais interessante a nível pessoal, foi a descoberta pelas maravilhas musicais no cérebro, de que maneira pode mudar a criança se aprendida em idade muito nova e como as variáveis incontrolláveis de onde nasce e o meio onde vai crescer pode influenciar o seu desenvolvimento.

Dando o exemplo em Portugal da Orquestra Geração, este é um projeto considerado um dos melhores em Portugal pela sua qualidade e missão. Inspirado pelo “El Sistema” na Venezuela, “este projeto de combate ao abandono e insucesso escolar utiliza o ensino da música como incentivo para substituir um possível percurso de abandono escolar por um percurso promissor e de criação de oportunidades.” (Gulbenkian, 2017). Estas já se localizam por várias cidades e freguesias estratégicas do país: Lisboa, Amadora, Vila Franca de Xira, Loures, Oeiras, Sesimbra, Sintra, Amarante, Mirandela, Murça e Coimbra.

Isto é o que torna o El Sistema tão alucinante – não apenas um programa nacional eficaz que dá a volta às vidas de centenas de milhares de crianças em risco; também produz arte com A grande tão boa ou melhor do que é possível encontrar em sistemas ocidentais. O maestro de 27 anos de idade Gustavo Dudamel é o novo diretor da Filarmónica de Los Angeles, tendo atingido um estatuto internacional de estrela musical, muito longe do núcleo do seu bairro numa pequena cidade onde, em criança, tocava o segundo violino. (Booth, 2008: 2)

Em conversa informal com um professor deste mesmo projeto, este deu-me a sua perspectiva de uma criança que pedia comida na rua, obrigada pela família, que raramente ia à escola mas a sua alegria era ter o seu próprio violino (é tudo compartilhado, incluindo os instrumentos) e conseguir ir às aulas de música. Realmente aquele meio musical conseguia salvá-lo de toda a catástrofe que acontecia na sua vida e conseguia abstraí-lo por momentos do que se passava à volta, porque ali, eram todos iguais. São todas crianças que não têm dinheiro para suportar aulas de música ou instrumentos, mas têm oportunidade de o fazer, individualmente e com os colegas (orquestra).

A aluna em questão nesta investigação melhorou os seus comportamentos ao longo do ano, a sua atitude mudou drasticamente e mesmo o seu interesse e motivação para as aulas de Flauta e de música (dito na entrevista pela Professora de Formação Musical) subiu exponencialmente. Acho que a razão deste resultado foi também a adaptação do estilo de aulas que lecionei à aluna e ao longo dos meses fazê-la perceber o que estaria errado ou certo. Também perceber a razão por de trás de toda aquela “capa” emocional que se realizou com uma comunicação muito aberta entre professor-aluno e confiança e sinceridade entre nós. Esta aluna entrou e saiu uma criança diferente e fiquei tão contente de ter experienciado esta evolução em primeira mão. Desejo-lhe tudo de melhor para o seu futuro.

Em seguida, apresento uma análise comparativa de questões faladas durante as entrevistas realizadas.

Encarregado de Educação

Antes		Depois
Queixas de comportamento por parte de professores da escola; conversas com a filha acerca do seu comportamento; como se comportar numa sala de aula;	→	Já nota mudanças no comportamento e na concentração;
Os professores dizem que a aluna poderia evoluir muito mais se não fosse tão distraída e se concentrasse mais.	→	Os comentários, no período seguinte, dos professores da escola regular ditavam melhorias na concentração e atenção.
Falta de responsabilidade.	→	Já faz a sua mochila para a escola, com a flauta e os cadernos necessários. A mãe já a sente mais independente
Muito irrequieta, sempre com muita energia.	→	A Encarregada de Educação já a nota muito mais calma, o fato de estar em algumas atividades extracurriculares ajuda a aluna a gastar energia.
Uma criança muito entusiasmada.	→	Está sempre entusiasmada e com vontade de te aula de Flauta. Ao final do dia sai da mesma forma.

Tabela 5, Análise Comparativa - Encarregado de Educação

Professora Iniciação Musical

Antes	Depois
Muito faladora e por consequência cria atritos dentro da turma;	Continua igualmente faladora e participativa, mas a professora releva que é preferível ter alunos com interesse;
Por vezes distrai-se consigo mesma e com os outros colegas;	A professora cita que depende muito dos dias, por vezes pode ser apenas o seu entusiasmo a falar mais alto; Mas que a concentração e atenção subiram a 100%.
Em matérias mais teóricas distrai-se mais facilmente, em atividades práticas está mais interessada;	A professora diz por um lado trabalha melhor a parte da criatividade (sendo que nestas atividades estão a tocar instrumentos ou a cantar) mas que deve-se esforçar por se manter atenta também nas outras
No início a energia e entusiasmo da Carolina prejudicavam o seu comportamento.	A professora diz a evolução foi enorme, o resultado foi tão discrepante que a professora pensa que o mau comportamento inicial tenha sido uma adaptação à turma e aos colegas;

Tabela 6, Análise Comparativa - Professora Iniciação Musical

Professora de Classe/ Diretora de Turma

Antes	Antes
Por vezes distrai-se sozinha ou com os colegas;	Apesar da distração a professora adora o seu entusiasmo e diz que também é normal na idade em que se encontra;
Nas disciplinas que não se interessa/ “gosta”, acaba por estar mais distraída.	Concentrada e participativa nas disciplinas em que tem mais interesse, no entanto continua um pouco distraída nas outras.
Diz à professora que gosta muito de música;	Chega dos dias do conservatório à escola e pede à professora para mostrar que peças esteve a tocar;

Tabela 7, Análise Comparativa - Professora de Classe

No final da entrevista a docente ainda releva o quão importante acha as aulas de música são para as crianças, dando até um exemplo de caso de um aluno muito malcomportado que teve numa das turmas e a sua história.

A professora de classe diz que é apoiante das artes sendo que a sua filha também está numa atividade extracurricular artística, acredita que pode fazer toda a diferença na vida de uma criança e mesmo durante os seus estudos (licenciatura), foi falado a importância da música na educação

Todas as três entrevistadas viram melhoras no comportamento da aluna desde Setembro a Maio assim como mais esforço para se concentrar e manter mais atenta. A professora de Iniciação Musical e a professora de classe/Diretora de Turma acham que a aluna se distrai mais e fica mais destabilizada nas disciplinas em que não possui tanto interesse, e esse deve ser um ponto a melhorar. A mãe cita um ponto que não é falado nas entrevistas anteriores que se refere à sua responsabilidade muito mais independente e segura do que anteriormente. Também há uma concordância no facto de aluna no passado ser muito participativa/energética/entusiástica mas de uma forma negativa que prejudicava o seu comportamento e agora tem mais atenção às suas atitudes. Tal como uma criança normal ainda se distrai por vezes, com os seus colegas ou consigo mesma e é faladora, mas nada que seja de um nível preocupante talvez como antigamente (com queixas de professores aos encarregados de educação). Já antes mas também hoje em dia mostra-se cheia de motivação seja para ir para a escola seja para ir para o Conservatório, e falando em primeira-mão, para as aulas de Flauta Transversal. Para terminar, as três entrevistadas acabam com um apoio extraordinário ao mundo das artes, coincidência ou não cada uma diretamente ligada a este lado (a Encarregada de Educação já tinha tido o filho na música, a Professora de Iniciação Musical já lecionou um rapaz com graves problemas comportamentais e a Professora de Classe tem a sua filha numa atividade artística), acreditam que poderá fazer toda a diferença na vida de uma criança.

Tal como conseguimos perceber através das entrevistas, a mãe da aluna considera-a bastante mais calma e serena, tal como vimos atrás que Levitin (2006) acreditava que a música tinha imensa influência no humor, sentimentos e emoções de uma pessoa.

No artigo escrito para a UpToKids de Gonçalves, lemos: “Pesquisas comprovam algo que muitos pais e educadores já imaginavam: os bebês tendem a permanecer mais calmos quando expostos a uma melodia serena e, dependendo da aceleração do andamento da música, ficam mais alertas.”

Merriam (1964), já dizia que a música é capaz de ser uma das atividades mais influentes para o comportamento humano, nas três entrevistas encontramos uma melhora de comportamento. Gordon (2000) também fez uma lista de vantagens que a música poderia ter na saúde mental das crianças, entre elas “(10) ajudar adotar formas corretas de comportamento;”

Peery (2002) defende que a nível cognitivo e emocional, a música poderá ter um grande peso positivo para crianças que a frequentem, a diretora de turma acredita em “o quão bem a música pode fazer ao cérebro da criança e consegue afetar várias áreas como a memória, em aprender uma língua e acho que a coordenação.”.

Se enquadrarmos todos os elementos positivos realçados nas tabelas atrás (tabela do depois) e todos os estudos referenciados nesta investigação conseguimos encontrar opiniões concordantes em imensos aspetos: comportamento, atitudes, responsabilidades, integridade, independência da criança, partilha em grupo e tantos outros aspetos que acredito que tenham sido efeitos das aulas de música.

A música é uma poderosa ferramenta de criatividade e de desenvolvimento pessoal e humano, um meio de envolvimento social, um instrumento de prazer, uma língua universal, uma disciplina artística lindíssima e, para alguns, uma paixão para a vida, mas acaba por ser muito mais do que isso.

Tal como visto anteriormente, muitos defendem as vantagens a nível de desenvolvimento motor, cognitivo e neurológico e já existem efetivamente muitos estudos e pesquisas sobre este assunto, mas não são suficientes. Por alguma razão falamos também na musicoterapia que já ajudou tantas crianças com algum tipo de deficiência, idosos e

mesmo pessoas com problemas de fala (porque na verdade a música é uma linguagem universal), tal como defendia Benenzon (1985).

Não se pode deixar de reconhecer esta universalidade da linguagem musical, que tantas vezes tem servido e serve para estabelecer vínculos entre os seres humanos. A música, como meio de comunicação, possui infinitas possibilidades: é capaz de despertar sentimentos sublimes, como também as sensações menos espirituais (GAÍNZA, 1964, p. 25).

Além de tudo isto, temos de perceber que a música é uma questão física, composta por materialidade sonora que aparece no vácuo, num tempo e lugar bem definidos, é isso que distingue o som do silêncio. Mas vai muito para além disso. Acrescentando aos estudos já referidos anteriormente Sharon e Gaser (apud Sharon, 2000), conduziram um estudo para comparar o cérebro de músicos com o de não-músicos, onde descobriram uma massa cinzenta muito maior especialmente nas zonas responsáveis pela audição, visão e controle motor.

“A música está associada a comportamentos como cuidar, curar, dançar, amar (e outros como fazer o luto, lutar) e esses comportamentos não são assim tão diferentes de sociedade para sociedade. Analisando canções de embalar, para dançar, canções de amor, em particular, percebemos que partilham de especificidades” (Mehr, 2014, n.p).

Falando de uma forma mais pessoal, hoje me dia não seria a mesma pessoa se os meus encarregados de educação não me tivessem inscrito na música com oito anos de idade ao qual levou a entrar na Banda Filarmónica da terra, ao qual levou a querer seguir música, tocar em orquestra e descobrir o amor pelo ensino. Todas estas passagens musicais na minha vida me ensinaram lições de vida diferentes e fizeram-me querer partilhar essas mesmas com outras crianças.

A utilização da música, bem como o uso de outros meios, pode incentivar a participação, a cooperação, socialização, e assim destruir as barreiras que atrasam a democratização curricular do ensino. [...] (CORREIA, 2003, p. 85).

É mais uma vez muito importante relevar que ainda é uma área pouco investigada, com poucas dissertações ou estudos de mercado particularmente centrados neste tema. Apelo a todos por mais interesse e/ou curiosidade para perceber o verdadeiro potencial do ensino da música, todas as potencialidades que a música em si pode vir a ter e de que maneira poderá ajudar pessoas com distúrbios comportamentais e/ou outros problemas.

Termino com uma citação de Barenboim (2009), sendo uma das minhas favoritas sobre a abordagem do que é a música.

“Ou havemos de encontrar uma maneira de viver uns com os outros ou havemos de encontrar uma maneira de nos matarmos uns aos outros. O que me dá esperança? Fazer música. Porque, antes de uma sinfonia de Beethoven, Don Giovanni de Mozart ou Tristão e Isolda de Wagner, todos os seres humanos são iguais”. (p.191).

5. Bibliografia /Webgrafia

- AIRES, L. (2015). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Afonso, S. (2006). *A Indisciplina e a Escola: Um estudo de caso sobre as representações dos docentes do 2º e 3º CEB*. (published master thesis). Universidade Portucalense: Porto.
- Alarcão, I., & Tavares, J. (2003). *Supervisão da prática pedagógica – uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem* (2ª edição). Coimbra: Livraria Almedina.
- Altenmüller, E., Schürmann, K., Lim, V. K., & Parlitz, D. (2002). *Hits to the left, flops to the right: different emotions during listening to music are reflected in cortical lateralisation patterns*. *Neuropsychologia*, [https://doi.org/10.1016/s0028-C3932\(02\)00107-0](https://doi.org/10.1016/s0028-C3932(02)00107-0)
- Alves, P. (1997). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721997000200013>
- Amado, João da Silva (2001). *Interacção Pedagógica e Indisciplina na Aula*. Porto: Edições Asa
- Barenboim, D. (2009). *Everything is Connected: The Power of Music*, Edition W&N
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Edições Ida 70
- Bauer, Martin W.; GASKELL, George (org.) (2002). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Vozes
- Benenzon, Rolando. *O Manual de Musicoterapia*. Tradução: Clementina Nastari, Rio de Janeiro: Enelivros

- Bergold LB. (2005). *A visita musical como estratégia terapêutica no contexto hospitalar e seus nexos com a enfermagem fundamental* [dissertação de mestrado]. (RJ): Escola de Enfermagem Anna Nery/ UFRJ;
- Bonito, J. e Trindade, V. (2008). *Desenvolvimento profissional e formação de professores*. In Callapez, P., Rocha, R., Marques, J., Cunha, L., e Dinis, P. (Eds.), *A Terra: conflitos e ordem*. Coimbra: MMGUC.
- Brito, T. A. (2003). *Música na educação infantil – propostas para a formação integral da criança*. Editora Peirópolis
- Brown, L. (2012). *The Benefits of Music Education*. PBS for Parents. <https://www.pbs.org/parents/thrive/the-benefits-of-music-education>
- Carita, Ana & Fernandes, Graça (1997). *Indisciplina na Sala de Aula. Como prevenir, Como remediar?* Editorial Presença.
- Catterall, J., R. Chapleau, et al. (1999). *Involvement in the arts and human development: General involvement and intensive involvement in music and theatre arts. The Impact of the Arts on Learning*. Arts Education Partnership and President’s Committee on the Arts and Humanities
- Carvalho, S. (2011). *Terapia da música e do som em crianças com Necessidades Educativas Especiais*. Dissertação em II Ciclo em Ciências da Educação, Universidade Católica Portuguesa.
- Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical (2009). *Educação e Desenvolvimento Humano*. Investigação. <https://cesem.fcsh.unl.pt/investigacao/grupos-de-investigacao/educacao-e-desenvolvimento-humano/>
- Cole, Diana. (2017) *The Joy of Learning to Play an Instrument Later in Life*. Wall Street Journal.
- Collins,. TED-Ed. (2014, Julho, 22). *De que modo tocar um instrumento melhora o nosso cérebro*. Youtube. <https://www.youtube.com/watch?v=R0JKCYZ8hng&t=129s>
- Collins, (2014). *How playing an instrument benefits your brain*. TED-Ed Animations. <https://www.anitacollinsmusic.com/>

- Conger, R.D., Conger, K., Elder, G., Lorenz, F., Simons, R., & Whitbeck, L. (1992). *A family process model of economic hardship and adjustment of early adolescent boys*. Child Development
- Conger, R. D., Wallace, L. E., Sun, Y., Simons, R. L., McLoyd, V. C., & Brody, G. H. (2002). *Economic pressure in African American families: A replication and extension of the family stress model*. Developmental Psychology
- Correia, M. A. (2003) *Música na Educação: uma possibilidade pedagógica*. Revista Luminária, União da Vitória, PR, n. 6, p. 83-87. Publicação da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória. ISSN 1519-745-X
- Cristóvão, Maria (org. Gouveia, Fernanda., Pereira, Gorete), (2016). *Aprendizagem e desenvolvimento musical - uma reflexão à luz dos contributos de alguns modelos pedagógicos da música no século XX*. Funchal: CIE-UMa - Centro de Investigação em Educação
- Damkohler, K. (2015). *Music Education and The Multiplier Effect*. Huffpost Journal. https://www.huffpost.com/entry/music-education-and-the-m_b_7603098
- Dias, (2013). *Mediação de Comportamentos Desviantes em Meio Escolar: um Estudo de Caso*. Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna. Repositório Comum
- Dicionário do Desenvolvimento (2020). *Índice de Desenvolvimento Humano*. <https://ddesenvolvimento.com/portfolio/indice-de-desenvolvimento-humano/>
- Direção Geral da Educação (2016). *Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento*. <http://www.dge.mec.pt/estrategia-nacional-de-educacao-para-o-desenvolvimento>
- Dowling, W. J. and Harwood, D. L. (1986). *Music cognition*. Orlando, Florida: Academic Press., Google Scholar
- Dollinger, S. J. *Music preference correlates of Jungian types*. Personality and Individual Differences, 36: 1005-1008;
- DUARTE, Sónia. (2011). *A iconografia musical na pintura quatrocentista e quinhentista portuguesa, luso-flamenga e flamenga em Portugal para o reconhecimento de práticas musicais da época: fontes e modelos utilizados nas oficinas de pintura*, 2

volumes. Dissertação de Mestrado em Musicologia História. Universidade Nova de Lisboa

- Ernst, R. (2001). *Music for Life*. *Music Educators Journal*, 88(1), 47–51.
<https://doi.org/10.2307/3399777>

- Escola Mágica. *Índice de Desenvolvimento Humano*. Rádio e televisão de Portugal. 3º ciclo. <https://ensina.rtp.pt/artigo/indice-de-desenvolvimento-humano/>

- Estrela, M.T. (1998). *Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula*. 3ª Edição. Porto: Porto Editora.

- Ernst, R. (2001). *Music for Life*. *Music Educators Journal*, 88(1), 47–51. <https://doi.org/10.2307/3399777>

- Ferreira, (2012). *A importância da Música no desenvolvimento global das crianças com Necessidades Educativas Especiais: perspetiva dos Professores do 1º Ciclo e de Educação Especial*. Escola Superior de Educação João de Deus

- Fisher, A., Reilly, J., Kelly, L., Montgomery, C., Williamson, A., & Paton, J. (2005). *Fundamental movement skills and habitual physical activity in young children*. *Medicine and Science in Sports and Exercise*.

- Fonseca, Ana Catarina Lira Rosa, Manuela. (2015). *A construção da disciplina na Educação: pré-escolar e escolar. Desafios e estratégias*. (Published master thesis). CIED - Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa.

- Fonseca, Maria. (2015). *A linguagem dos sons e das emoções na PHDA*. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

- Freud, S. (1923). *O ego e o id*. In: *Obras Completas*. Edição Standart Brasileira. Vol. XIX, Imago.

- Gaínza, V. H. (1964). *La iniciación musical del niño*. Buenos Aires: Ricordi Americana.

- Garcia, M. C. (1999). *Formação de professores. Para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora.

- Gil, Antonio Carlos. (1999) *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas.
- Gonçalves, S., Psicóloga – *A importância da Música no Desenvolvimento das Crianças. Oficina de Psicologia*, para Up To Lisbon Kids®.
<https://uptokids.pt/educacao/a-importancia-da-musica-no-desenvolvimento-das-crianca/>
- Graf, C., Koch, B., Kretschmann-Kandel, E., Falkowsky, G., Christ, H., Coburger, S., Lehmacher, W., Bjarnason-Wehrens, B., Platen, P., Tokarski, W., Predel, H. & Dordel, S. (2004). *Correlation between BMI, leisure habits and motor abilities in childhood* (CHILT-project). *International Journal of Obesity*.
- Guerra, I. (2008), *Pesquisa Qualitativa e Análise De Conteúdo*. Príncipe Editora.
- Gordon, E. (2000). *Teoria de aprendizagem musical: competências, conteúdos e padrões*. Tradução Maria Fátima de Albuquerque. Fundação Calouste Gulbenkian.
- GROUT, Donald J.; Palisca. (1994) *História da música ocidental*. Trad. Ana Luisa Faria. Lisboa- Gradiva.
- Hanna-Pladdy B, MacKay A. (2011) *The relation between instrumental musical activity and cognitive aging*. *Neuropsychology*. Vol. 25, No. 3, 378 –386
- Hargreaves, D. J. (1986). *The developmental psychology of music*. Cambridge University Press
- Hargreaves, D. (1999). *Desenvolvimento musical e educação no mundo social*. *Journal Music, Psychology and Education*, (1), 5–13. <https://doi.org/10.26537/rmpe.v0i1.2391>
- Hohmann, M., & Weikart, D. P. (1995). *Educating young children: Active learning practices for preschool and child care programs*. Ypsilanti, MI: High/Scope Press.
- Horton & Hunt. (1981). *Sociologia*. Editora Mcgraw-hill
- Henriques, Alexandre. (2018, Dezembro, 08). *A Importância Da Música No Desenvolvimento Intelectual Das Crianças*. Com Regras.
<https://www.comregras.com/a-importancia-da-musica-no-desenvolvimento-intelectual-das-criancas/>
- Hdro Outreach (2015). *What is Human Development?*, United Nations Development Programme. <http://hdr.undp.org/en/content/what-human-development>

- Jancke, Lutz (2021, Abril, 04). “*Os pais devem saber isto: o que os vossos filhos fizerem durante a puberdade vai moldar-lhes o cérebro*”. Revista Visão.
<https://visao.sapo.pt/ideias/2021-04-04-os-pais-devem-saber-isto-o-que-os-vossos-filhos-fizerem-durante-a-puberdade-vai-moldar-lhes-o-cerebro/>
- Jaeger, W. (2003). *Paideia. A Formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes.
- Jesus, S. (1999). *Como prevenir e resolver o stress dos professores e a indisciplina dos alunos?* Edições Asa.
- Juslin, P. (1997). *Emotional Communication in Music Performance: A Functional Perspective and Some Data*. *Music Perception: An Interdisciplinary Journal*, 14(4), 383-418. doi:10.2307/40285731
- Kebach, Patrícia. (2007). *Desenvolvimento musical: questão de herança genética ou de construção?*. Revista da Abem: nº17.
abemeducacaomusical.com.br/revista_abem/ed17/revista17_artigo4.pdf
- Keller, F. S. & Schoenfeld, W. N. (1974). *Princípios de Psicologia*
- Leinig, C. (1977). *Tratado de Musicoterapia*. Sobral.
- Leite, T. (2008). *Depressões curadas com Música «Pimba»*. Agência Lusa, Portugal Diário
- Levitin, D. J. (2006). *Uma paixão Humana*. (2º EDIÇÃO). EDITORIAL BIZÂNCIO.
- Levitin, D. J., & Tirovolas, A. K. (2009). *Current advances in the cognitive neuroscience of music*. *Annals of the New York Academy of Sciences*.
- Levitin, D. J. (2010). *A música no seu cérebro*. (2º EDIÇÃO). Civilização Brasileira.
- Lima, H. (13 Agosto, 2020). *A importância da música no desenvolvimento das crianças*. Sapo. <https://marketeer.sapo.pt/revista-kids-a-musica-e-a-crianca>
- Lima, M. S. L. (2008). *Reflexões sobre o Estágio/Prática De Ensino Na Formação De Professores*. Revista Diálogo Educacional
- Lopes, J., & Silva, H. (2010). *O professor faz a diferença. Na aprendizagem dos alunos. Na realização escolar dos alunos. No sucesso dos alunos*. Lidel.

- Lopes, J., & Silva, H. (2012). *50 Técnicas de avaliação formativa*. Lidel.
- Matthews, Joe. (2020 – March, 19). *How Music Heals—And How it can Help Us Find Splace In The Time Of Coronavirus*. Zocalo Public Square Conference.
- Marcelo, Carlos (2009). *Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro*. Sísifo: Revista de Ciências da Educação, ISSN 1649-4990, N.º. 8, 2009 (Exemplar dedicado a: Formação de Professores),.
- Marquez, A. (2015). *A profissão de Músico Erudito em Portugal no século XXI: Análise e Reflexão sobre o Tema*. Prova de Aptidão Profissional: Conservatório de Música da Jobra
- Martins, Nuno. (2019). *Educar pela Positiva Um Guia para Pais e Educadores*. Lisboa: Bertrand Editora
- Maslow, A. H. (1974). *Eupsychian management: a journal*. 17 ed. Richard Irwin.
- Mehr, S. A. (2014). *Music in the home: New evidence for an intergenerational link*. Journal of Research in Music Education
- Mendes, J. (2018). *A Música Potenciadora de Aprendizagem*. (Master's Thesis, Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro). Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal.
<https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/28956/1/A%20Mu%CC%81sica%20Potenciadora%20de%20Aprendizagem.pdf>
- Mendonça, A. (2017). *O Desenvolvimento Socioemocional: A Regulação Emocional em Creche*. Instituto Politécnico de Coimbra, Escola Superior de Educação. Repositório Comum
- Merriam, A.P. (1964). *The anthropology of music*. Northwestern University Press.
- Michael, J. (1993) Establishing operations. *The Behavior Analyst*
- Miendlarzewska E.A & Trost WJ (2014) *How musical training affects cognitive development: rhythm, reward and other modulating variables*. Front. Neurosci. 7:279. doi: 10.3389/fnins.2013.00279
- Millenson, J.R. (1967) *Principle of Behavior Analysis*. Macmillan

- Millenson, JR., & Leslie, J. (1979). *Principles of Behavioral Analysis - Second Edition*. Macmillan Publishers
- Mills, Betsy. (2019, Março, 05). *Does Music Benefit the Brain?*. Cognitive Vitality. <https://www.alzdiscovery.org/cognitive-vitality/blog/does-music-benefit-the-brain>
- Mook, D. G. (1987). *Motivation: the organization of action*. W. W. Norton & Company.
- Moore, J. (2008). *Conceptual foundations of radical behaviorism*. Cornwall-on-Hudson: Sloan Publishing.
- Moreira, J. R., & Ferreira, M. J. (2011). *Webfolios reflexivos: contributos para o desenvolvimento profissional do professor*. Educação, Formação & Tecnologias, 4 (2), 61-75 [Online], disponível a partir de <http://eft.educom.pt>.
- Mosquera, J. J.M. (1974). *Adolescência e provação*. Sulina.
- Nayak, P. (2008). *Human Development: Concept and Measurement*. Growth and Human Development in North East India, Oxford University Press, New Delhi
- Oliveira, C. C., & Gomes, A. (2014). *Breve história da musicoterapia, suas conceptualizações e práticas*. Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (SPCE)
- Orff, C. (1990). *Orff-Schulwerk: Music for children*. Schot
- Palmer, Dennie and Carnegie Hall (2013). *Why Making Music Matters: Music and Early Childhood Development*. Carnegie Hall
(<https://www.carnegiehall.org/Blog/2016/01/Why-Making-Music-Matters-Music-and-Early-Childhood-Development>)
- Pearce, L. D. (2012), “*Mixed methods inquiry in Sociology*”, *American Behavioral Scientist*, 56, 829-848. DOI : 10.1177/0002764211433798
- Peery, J.Craig, Weiss Peery, Irene, Draper, Thomas W. (Eds.) (1987). *Music and Child Development*. Springer-Verlag New York.
- Perry, J.Craig; *A música na educação de infância*. in SPODEK, Bernard. (2002). *Manual de Investigação em Educação de Infância; serviço de educação e Bolsas Fundação Calouste Gulbenkian; Lisboa;*

- Peres, Luis (2008). *Distúrbios Comportamentais do escolar: uma pequena abordagem de suas causas*. Oasisbr, págs. 94-98
- Peretz, I., & Zatorre, R. J. (Eds.). (2003). *The cognitive neuroscience of music*. OUP Oxford.
- Piaget, J. (1973) *Para Onde Vai a Educação?* Trad. Ivete Braga. José Olympio.
- Piaget, J. (1988). *Psicologia da primeira infância*. in KATZ, David. *Psicologia das idades*. Manole.
- Pimentel, C. E., & Donnelly, E. D. O. P. (2008). *A relação da preferência musical com os cinco grandes fatores da personalidade*. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 28(4), 696–713. <http://doi.org/10.1590/S1414-98932008000400004>
- Pocinho, M. (2019). *A investigação científica em Psicologia na Madeira*, 978-989-96606-5-6, X SNIP
- Polakow, V. (1993), *Lives on the Edge: Single mothers and their children in the other America*. The University of Chicago press
- Porto Editora – comportamento no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2021-06-30 13:35:01]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/comportamento>
- Ramos, Vera. (2020). *Como Lidar com os Problemas de Comportamento das Crianças: Guia para professores, pais e educadores*. 2ª Edição. Pactor Editora.
- Raposo, P; Martínez, A. (2011). *A Aprendizagem dos Alunos com Deficiência Visual. Reflexões a partir de uma pesquisa no ensino superior*.
- Ruud, E. (1986). *Music and Health*.
- Sacks, O. (2008). *Musicofilia*. Relógio D' Água
- Santos, M. (2016). *A influência da música no desenvolvimento psicomotor*. Instituto Superior de Educação e Ciências
- Saviani, D. (2003) *Revista de Ciências da Educação*. Centro Universitário Salesiano de São Paulo ANO 05 – Nº 09 – 2o semestre/Semestral Lorena – Centro Unisal. ISSN

- Silva, Maria Laura Fernandes (2001). *Indisciplina na aula: um problema dos nossos dias*. 2ª Edição. Edições Asa.
- Seashore, C. (1938). *The Psychology of Music*. Volume: 25; Issue: 3
- Silva, H., & Lopes, J. (2015). *Eu, professor, pergunto. 20 Respostas sobre planificação do ensino-aprendizagem, estratégias de ensino e avaliação*. Lisboa: Factor
- Edições de Ciências Sociais, Forenses e da Educação.
- Schumahmann, J. D. & Sherman, J. C. (1998). *The cerebellar cognitive affective syndrome*. Brain, 121
- Sharon, B. (24/07/2000) A música na mente. Revista Newsweek
- Scruton, R. (2015). *Music and the Transcendental*. The Imaginative Conservative. <https://theimaginativeconservative.org/2020/01/music-transcendental-roger-scruton-2020-timeless.html>
- Skinner, Burrhus Frederic (1953) *Ciência e comportamento humano*. (Todorov, João et Azzi, Rodolfo, Trad.) 1ª Edição. - Martins Fontes, 2003. - (Coleção biblioteca universal)
- Stodden, D., Goodway, J., Langendorfer, S., Roberton, M., Rudisill, M., Garcia, C & Garcia, L. (2008). *A Developmental Perspective on the Role of Motor Skill Competence in Physical Activity: An Emergent Relationship*.
- Teixeira, D. (2015). *A importância da música na Perturbação por Défice de Atenção e Hiperatividade: Um estudo de caso*. Instituto Politécnico de Viseu
- Todorov, J. C. (1989). *A psicologia como o estudo de interações*. Psicologia: Teoria e Pesquisa
- Todorov, J. C. (2017). *Sobre uma definição de comportamento*. Perspectivas Em Análise Do Comportamento, 3(1), 32-37. <https://doi.org/10.18761/perspectivas.v3i1.79>
- Tramo, M. (2003). *Neurologis-Songwriter Mark Jude Tramo, Making Music Work In Neurology*. Vol. 3, Issue 11, https://journals.lww.com/neurotodayonline/Fulltext/2003/11000/Neurologist_Songwriter_Mark_Jude_Tramo,_MD,_Phd_.8.aspx

- Vargas, M. (2012). *Influências da música no comportamento no comportamento humano: explicações da neurociência e psicologia*. Anais: Congresso Internacional da Faculdade Est, 1
- Vasconcellos, C. S. (1995). *Disciplina: construção da disciplina consciente e interactiva em sala de aula e na escola*. Libertad.
- Veiga, F. H. (1995). *Transgressão e autoconceito dos jovens na escola*. Edições Fim de Século.
- Vieira, F. e Moreira, M. (2011). *Supervisão e avaliação do desempenho docente: Para uma abordagem de orientação transformadora*; Ministério da Educação.
- Wadsworth, B. J. (1996). *Piaget's theory of cognitive and affective development: Foundations of constructivism* (5th ed.). Longman Publishing.
- Watson & Drury (1990). *Musicoterapia*. Editora Ground
- Willems, E. (n.d.-a). *As bases psicológicas da educação musical*. (Edições Pro-Musica, Ed.). Bienne: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Willems, E. (1975). *La valeur humaine de l'éducation musicale*. Bienne: Pro-Musica.
- Winner, E. & Goldstein, T. (2012). *Enhancing Empathy and Theory of Mind*. Journal of Cognition and Development. 13:1, 19-37
- Ul Haq, M. (1995). *Reflections on human development*. Oxford university Press.
- University of Vermont. (2014, December 23). *Could playing Tchaikovsky's 'Nutcracker' and other music improve kids' brains?*. ScienceDaily. Retrieved 2021, Maio, 15. www.sciencedaily.com/releases/2014/12/141223132546.htm
- Utley, A. & Astill, S. (2008). *Motor control learning and development*. Taylor & Francis Group. Retrieved from https://www.researchgate.net/publication/273077505_Motor_Control_Learning_and_Development
- Xavier, Juliana. (2018, Abril, 17). *A importância do desenvolvimento motor na primeira infância*. Fundação Oswaldo Cruz. <https://portal.fiocruz.br/noticia/importancia-do-desenvolvimento-motor-na-primeira-infancia>

- Yeung, W., Linver, M., & Brooks-Gunn, J. (2002). *How Money Matters for Young Children's Development: Parental Investment and Family Processes*. *Child Development*, 73(6), 1861-1879. Retrieved June 23, 2021, from <http://www.jstor.org/stable/3696422>

Anexos

Anexo A

Questionário – 1ª Fase de Investigação

Este questionário foi dividido em vários aspetos da personalidade da aluna.

Serviu para me basear em questões de observação durante as aulas.

- Comportamento
- Atitudes
- Interesse pela aula
- Atenção e Concentração
- Participação

Comportamento
Qual é a razão do mau comportamento da aluna?
Porque que é que dependendo das matérias a aluna se porta melhor ou pior?
Serão influências paternas?
Comporta-se desta maneira propositadamente ou inconscientemente?

Atitudes
Por vezes é a menina mais querida da sala, por outras faz muitas birras. Porquê?
A maior parte das vezes responde com respeito mas muito raramente responde mais agressivamente?

Interesse pela aula
Porque acontece não se mostrar tão interessada em algumas aulas específicas?
Estarei a fazer a aula suficientemente interessante para as alunas?
Admirar o entusiasmo com que por vezes chegam para tocar

Atenção e Concentração

Porque se distrai a meio da aula?

Porque é que por vezes já vem com uma atitude de desconcentração?

Já é assim por Natureza ou apenas de desconcentra na minha aula?
--

Participação

Por vezes muito calada, em outras, energia a mais, normal?
--

Quando é muito participativa mostra-se interessada. Está a gostar da aula?
--

Sente-se confortável com os outros colegas para falar?
--

Anexo B

Guião de Entrevista – 2ª Fase de Investigação

Guião de Entrevista – Encarregado de Educação

Objetivos da Entrevista	Perguntas Principais	Perguntas Secundárias
Perceber se a aluna frequenta o curso de música por interesse;	<p>- A Carolina sente-se entusiasmada e motivada em ir para as aulas de Flauta Transversal?</p> <p>- A Carolina demonstra-se feliz e entusiasmada após as aulas?</p>	- Inseriu a sua filha no contexto musical por vontade da filha ou por sua?
Perceber se a aluna se distrai frequentemente nas aulas da escola;	<p>- Sabe se a Carolina mantém um bom comportamento durante as aulas da escola?</p> <p>- Acha que por vezes a Carolina poderá ter demasiada energia/entusiasmo durante algumas atividades?</p> <p>-A carolina normalmente é uma menina energética em casa?</p>	- A Carolina é geralmente uma menina bem-comportada?
Perguntar ao Encarregado de Educação se acha que as aulas de Flauta Transversal fazem bem à aluna e de que maneira;	<p>- Acha que de alguma forma as aulas de Flauta Transversal ajudam a Carolina no seu desenvolvimento?</p> <p>- Sente que poderá estar a fazer algum efeito a nível pessoal?</p>	Sabe de que maneira a música pode ajudar as crianças no seu desenvolvimento?
Questionar sobre a música na desatenção, hiperatividade;	<p>Acha que a música e as respetivas aulas são capazes de ajudar na impulsividade/energia da criança?</p> <p>- Sente que as aulas de Flauta Transversal ajudam a Carolina na concentração?</p>	- Conhece os estudos existentes sobre a música e os seus efeitos nas crianças com défice de atenção?

Falar sobre os efeitos da música as crianças e os seus benefícios;	- Está familiarizada com os benefícios da prática musical desde tenra idade?	
--	--	--

Guião de Entrevista – Professora Iniciação Musical

Objetivos da Entrevista	Perguntas Principais	Perguntas Secundárias
Indagar se a aluna demonstra interesse durante as aulas.	- A Carolina é participativa durante as aulas? - A aluna demonstra interesse em aprender?	
Indagar sobre o comportamento nas aulas	- Como é o comportamento da Carolina durante as suas aulas? Como se poderá descrever as relações da carolina com os seus colegas de turma? - Acha que por vezes a Carolina poderá ter demasiada energia/entusiasmo durante algumas atividades? E será a que isso a desconcentra?	Como se pode caracterizar o perfil da Carolina no desenvolvimento na aprendizagem nos comportamentos?
Indagar sobre em que tipo atividades é que a Carolina demonstra mais ou menos interesse?	- Em que tipo de atividades ou matérias é que a Carolina demonstra mais ou menos interesse? - Nas que demonstra menos interesse, caba por destabilizar a aula de alguma	No seu entender quais serão as áreas mais fortes e mais fracas?

	<p>forma?</p> <p>- Tem interesse por aprender matérias/atividades novas?</p>	
<p>Indagar sobre os efeitos que as aulas de música têm tido na Carolina.</p>	<p>- Acha que de alguma forma a aulas de Iniciação Musical têm ajudado a Carolina no seu desenvolvimento?</p> <p>Sente alguma diferença na Carolina a nível de comportamento e desenvolvimento durante estes últimos meses?</p>	<p>No seu entender que efeitos a música pode ter nas crianças no seu desenvolvimento?</p> <p>Pode dar alguns exemplos dessas diferenças?</p>
<p>Questionar sobre a música na desatenção, hiperatividade;</p>	<p>Acha que a música e as respetivas aulas são capazes de ajudar na capacidade de concentração e de atenção?</p> <p>- Sente que as aulas de Iniciação Musical ajudam ou já ajudaram a Carolina na sua concentração?</p>	<p>Existem estudos que demonstram que a música pode ter efeitos positivos em crianças com problemas de atenção. Acha isso possível?</p>
<p>Do ponto de vista do docente;</p>	<p>- Já teve algum aluno com distúrbios de comportamento na sua aula onde notou uma melhoria notável no seu comportamento e/ou outras atitudes?</p> <p>- Como docente de música, parece-lhe que esta pode ter efeitos positivos notáveis em crianças com distúrbio comportamental?</p>	

Guião de Entrevista – Professora de Classe/ Diretora de Turma

Objetivos da Entrevista	Perguntas Principais	Perguntas Secundárias
Indagar se a aluna demonstra interesse durante as aulas.	<p>- A Carolina é participativa durante as aulas?</p> <p>- A aluna demonstra interesse em aprender?</p>	
Indagar sobre o comportamento nas aulas	<p>- Como é o comportamento da Carolina durante as suas aulas?</p> <p>Como se poderá descrever as relações da carolina com os seus colegas de turma?</p> <p>- Acha que por vezes a Carolina poderá ter demasiada energia/entusiasmo durante algumas atividades? E será a que isso a desconcentra?</p>	<p>Como se pode caracterizar o perfil da Carolina no desenvolvimento na aprendizagem nos comportamentos?</p>
Indagar sobre em que tipo atividades é que a Carolina demonstra mais ou menos interesse?	<p>- Em que tipo de atividades ou matérias é que a Carolina demonstra mais ou menos interesse?</p> <p>- Nas que demonstra menos interesse, caba por destabilizar a aula de alguma forma?</p> <p>- Tem interesse por aprender matérias/atividades novas?</p>	<p>No seu entender quais serão as áreas mais fortes e mais fracas?</p>
Indagar sobre os efeitos que as aulas de música têm tido na Carolina.	<p>- Acha que de alguma forma a aulas de música têm ajudado a Carolina no seu desenvolvimento?</p>	<p>No seu entender que efeitos a música pode ter nas crianças no seu desenvolvimento?</p>

	<p>Sente alguma diferença na Carolina a nível de comportamento e desenvolvimento durante estes últimos meses?</p>	<p>Pode dar alguns exemplos dessas diferenças?</p>
<p>Questionar sobre a música na desatenção, hiperatividade;</p>	<p>Acha que a música e as respetivas aulas são capazes de ajudar na capacidade de concentração e de atenção?</p>	<p>Existem estudos que demonstram que a música pode ter efeitos positivos em crianças com problemas de atenção. Acha isso possível?</p>
<p>Do ponto de vista do docente</p>	<p>- Já teve algum aluno com distúrbios de comportamento na sua aula onde notou uma melhoria notável no seu comportamento e/ou outras atitudes?</p> <p>- Como docente, acha que a música pode ter efeitos positivos notáveis em crianças com distúrbio comportamental?</p>	

Anexo C – Diário de Bordo

Aula 7/10/2020

As meninas estão a começar por aprender as notas musicais na pauta, só as reconheciam através de cores. Começamos por fazer exercícios apenas com as notas si, lá e sol. A Carolina tem uma atitude um pouco desrespeitosa quando começa a escrever as notas na pauta deitada no chão e não segue de imediato as ordens dadas.

Aula 14/10/2020

Começamos por tocar músicas com acompanhamento de piano o que, por alguma razão, despertou a atenção das/os alunas/os. A Carolina ficou com um pouco de inveja por o seu companheiro/a de aula conseguir estar a tocar melhor do que ela. Viu-se pela primeira vez a Carolina a concentrar-se para fazer algo.

Aula 21/10/2020

O/a companheiro/a de aula da Carolina faltou, o que foi ótimo para me conseguir concentrar os 45 minutos na aluna. O facto de lhe estar a dar mais atenção fez com que estivesse a aula toda concentrada e pronta para fazer o melhor que conseguia. Nestas duas aulas passadas não houve qualquer falta de comportamento notória.

Aula 28/10/2020

A aluna faltou por motivo de saúde.

Aula 4/11/2020

A Carolina estava muito elétrica e não parava quieta para se concentrar nem tocar. Como professora, tive “de lhe dar um berro” para a chamar a atenção quando começou a chorar e a pedir desculpa. O resto da aula foi ótima.

Aula 11/11/2020

A aula correu muito bem em geral, mas houve um pormenor que a carolina falou que adorei. Tocou a peça razoavelmente apesar de não ter sido perfeita e pediu para repetir. Quando lhe perguntei porquê a aluna respondeu que queria fazer melhor e que me queria deixar orgulhosa.

Aula 18/11/2020

A Carolina apareceu com um enorme herpes labial. Sendo óbvio, disse-lhe para não se esforçar na aula porque poderia piorar a situação e apesar de tudo isto ela quis tocar o tempo todo.

Aula 25/11/20

A aluna chegou muito irrequieta sempre muito agitada, quando tentei chamar a atenção não obedeceu. Decidi dizer que não daria aula até ter uma atitude crescida e pronta para trabalhar. A Carolina mostrou-se arrependida e pediu desculpa. Ao longo da aula, estamos a estudar peças para a audição de Natal que ocorrerá dia 16 de Dezembro. Apesar das (ainda) distrações fez o melhor por se concentrar. Técnicas para um melhor resultado: Tocar músicas que lhe interessam e fazer-lhe perceber que estava errada;

Aula dia 2/12/20

Fizemos exercícios de som muito tranquilos para começar a aula, algo que observei que as acalma (tanto à aluna como em questão como à companheira de sala). Faço alguma pressão sobre terem de dar o melhor na audição de dia 16/12 e noto algum nervosismo por parte da aluna. Desde que se concentrem e deem o melhor é o que importa. A Carolina acaba por ainda distrair-se muito durante a aula com pequenas coisas, apenas quando é chamada a atenção é que se comporta.

Aula dia 9/12/20

Aviso que a audição é já na próxima semana e vêm-se entusiasmadas. Numa das peças, o Balão do João, tocam partes desfasadas e a colega de aula estava a ter dificuldade. Quando dei um pouco mais de atenção/acompanhar mais a colega de aula da Carolina, senti que esta estava com um pouco de ciúmes e a querer mais atenção nela.

O comportamento foi ameno. Estou curiosa para ver como se sairão numa situação de mais pressão como irá ser a audição, não só a nível flautístico e musical, mas também a nível comportamental.

Aula dia 16/12/20

Hoje é o dia da audição de final de 1º Período. A Carolina mostrava-se muito entusiasmada e por consequência muito energética e com comportamento desestabilizador. Esta audição foi gravada para ser transmitida mais tarde por Zoom. Depois de chamar a atenção para a Carolina para o seu comportamento, alertei-a que tinha de tocar bem para depois os pais e avós verem como tocava tão bem! A parte sentimental acaba sempre por afetar mais a aluna. A Audição correu muito bem e a Carolina esforçou-se para fazer um bom trabalho!

Aula dia 06/01/21

Primeira aula do ano 2021 encontro a Carolina no lobby do Conservatório a chorar porque não sabia de mim, o que me fez pensar que está a ficar mais sensível, ansiosa pela aula de Flauta e sentimental. Fizemos exercícios ativos (quanto mais tempo parados mais eles ficam irrequietos), sempre a tocar peças que lhes interessam, mas que sejam igualmente desafiadores para o seu percurso musical. Começámos por tocar músicas da audição passada porque estavam a pedir e entusiasmadas com o assunto passando depois para uma nova! O comportamento foi ameno e correu melhor do que se esperava.

Aula dia 13/01/21

A Carolina apareceu muito irrequieta, mas com interesse em tocar e fazer um bom trabalho. Questionei-a sobre se gosta de ter aula de Flauta e respondeu que gostava muito e não queria deixar a professora chateada e queria tocar bem para mim. Fizemos mais jogos didáticos com instrumento (exercícios de articulação em conjunto, ver quem consegue tocar melhor a escala de Dó Maior, quem consegue tocar com melhor som o X exercício) do que propriamente tocar as pecinhas habituais. Em geral a Carolina comporta-se melhor do que se comportava, mas ainda tem por vezes algumas atitudes que

deveriam ser mais respeitosas.

Aula dia 20/01/21

A Carolina ficou em isolamento profilático, pelo que hoje não teve aula.

Aula dia 27/01/21

Interrupção letiva por parte do Governo devido ao SARS-CoV-2.

Aula dia 03/02/21

Interrupção letiva por parte do Governo devido ao SARS-CoV-2.

Aula dia 10/02/21

Aula dada em online, devido à pandemia. Apesar de ser uma aula dada através do Zoom e com duas meninas de 7 anos, resultou bastante bem. Fizemos um trabalho mais chato de escrita, mais especificamente, das notas da nova peça e apesar disto a Carolina só se distraiu mais para mostrar o animal de estimação para a câmara, onde a chamei a atenção de que estávamos na aula de Flauta. Em geral um comportamento ameno.

Aula dia 17/02/21

Aula dada em online, devido à pandemia. Como se esperava, quando as aulas são dadas online, o estudo individual para os objetivos traçados é muito menor. Sendo que as peças são um duo (duas pessoas) e não houve muito estudo, tive de ver primeiro a parte da Carolina com ela e em seguida a parte da colega com a mesma. Quando não estou a dar atenção à Carolina esta começa a ficar irrequieta e tenho de pedir para desligar o seu som de maneira a conseguir ouvir a colega.

Aula dia 24/02/21

Aula dada em online, devido à pandemia. Tocámos a nova peça, as alunas estavam muito entusiasmadas por finalmente tocar algo novo. Apesar da excitação e da vontade, correu tudo bem, tirando algumas faltas de distração por parte da Carolina. Coisas pequenas como chamar a mãe a meio da aula ou pegar no animal de estimação para mostrar na câmara. Quando chegamos a partes “mais complicadas” da peça, faço exercícios de repetição. Por exemplo: eu toco uma vez para elas ouvirem e quem me imitar melhor a seguir, ganha.

Aula dia 03/03/21

Aula dada em online, devido à pandemia. Visto que as alunas responderam bem à recepção da nova peça, decidi dar mais uma. Mais uma vez esta aula foi quase toda ocupada a escreverem a parte destinada a cada aluna. Visto que elas gostaram de tocar melodias conhecidas como o tema do Hino da Alegria (9ª Sinfonia de Beethoven – último andamento) ou o Balão do João, a peça escolhida foi A Loja do Mestre André. Apesar de ser uma atividade mais teórica, fiz uma retrospectiva e apreciei imenso a atitude da Carolina. Se tivesse comparado esta mesma atividade com a Carolina de setembro, pareceriam pessoas totalmente diferentes. Mais uma vez recorri ao método Suzuki, de repetição.

Aula dia 10/03/21

Aula dada em online, devido à pandemia. As alunas responderam muito bem à escolha da peça e vinham com ela estudado, o que significa que as apelou de forma que tivessem pegado no instrumento em casa e tivessem ido olhar para ela. Quando dou mais atenção à companheira de aula da Carolina esta continua a ficar com uma atitude pior por não lhe estar a prestar atenção. Apesar de tudo as aulas têm corrido muito bem e a atitude e comportamentos da aluna em caso mudaram de um 8 para um 80. Durante a aula vimos a Loja do Mestre André.

Aula dia 17/03/21

Aula dada em online, devido à pandemia. Hoje começámos a pensar nas atividades em que poderíamos vir participar quando tudo regressasse ao presencial. O Conservatório informou que na semana em que voltássemos às aulas presenciais haveria uma espécie de festival de retorno à escola onde os alunos poderiam tocar no átrio de entrada do mesmo para todos ouvirem. A Carolina não gostou do facto de isto ser ao vivo e disse-me logo que tinha muita vergonha em tocar presencialmente, mostrou-se nervosa. Tentei acalmá-la e disse que ainda faltava para as aulas presenciais e que nos iríamos preparar bem para este momento. Devido a isto, lembrámos peças antigas que já tinham preparado, mas não apresentado.

Aula dia 24/03/21

A mãe da Carolina pediu para esta não ter aula porque se sentia indisposta.

Aula dia 31/03/21

Aula dada em online, devido à pandemia. As duas alunas sentiam-se contentes por voltarmos ao presencial na semana seguinte. Por causa da audição falada anteriormente, decidimos escolher uma peça em que as alunas se sentissem seguras e preparadas para apresentar. Houve uma discórdia entre as meninas e disse-lhes que esta tinha de ser escolhida em consenso, que podíamos estar até ao final da aula a discutir, mas só saíamos dali quando as duas concordassem na escolha da mesma. A peça eleita foi o tema do Hino da Alegria de Beethoven. Isto ensina-lhes que não pode ser só a haver uma ou com a outra, há que trabalhar em equipa. Tocámos pelo menos três vezes essa peça para rodar.

Aula dia 07/04/21

Reabertura das escolas. Nunca vi as meninas tão entusiasmadas e felizes como vi nesta aula. Naquele momento percebeu-se completamente que elas estavam impacientes de sair de casa e voltar à normalidade, tal como todos nós. A meio da aula comecei a dizer para pegarem nas estantes para irmos tocar lá para fora. A Carolina ficou nervosíssima e disse que não ia. Sentou-se no chão e disse que se recusava a ir tocar lá para fora. Comecei a chatear-me e disse que então ia eu tocar a parte dela com a colega. Ela começou a chorar a dizer que queria tocar, mas estava muito nervosa e tinha vergonha. Garanti-lhe que não ia ser sair do lado dela enquanto estivéssemos a tocar e a ajudava em qualquer coisa. Depois de uns bons 20 minutos conseguimos chegar lá fora e a aluna conseguiu tocar desde que eu não saísse do lado dela. Correu bem. No final falei com ela, perguntei-lhe como se sentia ao que me respondeu de muito melhor por ter conseguido tocar no átrio.

Aula dia 14/04/21

Depois de semanas de bom comportamento a Carolina chegou cheia de energia (ponto positivo) mas com atitudes desrespeitosas como falar por cima de mim ou não me deixar falar sequer. Sentei-me e disse-lhe para dar a aula em vez de mim, já que queria falar tanto. Sentiu-se mal e a própria admitiu e passo a citar “Desculpe professora, estou com muita energia hoje. Por favor, dê a aula”. Isto faz-me entender que ela tem noção das atitudes que está a ter e noção que está a fazer algo de mal. O resto da aula fizemos exercícios de articulação de forma mais “divertida” e pedagógica e em seguida tocámos A Loja do Mestre André.

Aula dia 21/04/21

Como a próxima audição se aproxima tivemos uma aula didática de escolha de peças. Ouvimos várias músicas para flauta, porquê esta atividade? Primeiro porque percebi que nenhuma das duas ouve o seu próprio instrumento em casa, seja em que contexto for, segundo porque em vez de ser eu sempre a escolher, gostaria que elas por gosto e interesse nas melodias escolhessem uma e terceiro porque desperta ao sentido da audição. Depois de uma aula a ouvir Flauta Transversal e várias peças educativas, a peça eleita foi “Over the Rainbow”.

Aula dia 28/04/21

A aula decorreu de forma ordeira. A Carolina está cada vez mais atenta, interessada e motivada a aprender cada vez mais e melhor. Já respeitou quando dei “mais atenção” à sua colega de aula, para ajudar em pormenores musicais. Começámos com a escala de Dó Maior para aquecer e em seguida exercícios de articulação. Conseguimos ver “A Loja do Mestre André”, mas como o trabalho estava a correr tão bem não tivemos tempo de ver as restantes peças. Muito bom comportamento e entusiasmo nesta aula.

Aula dia 05/05/21

Hoje a colega de aula da Carolina faltou por motivos de doença, deste modo a aula teve de ser mais curta (está no regulamento que quando vem só uma aluna esta aula tem de ser de 25 minutos). No entanto, e apesar de ter sido curta, foi uma ótima aula! A parte de não me estar a preocupar com as duas meninas (que apesar de tudo têm facilidades e dificuldades muito diferentes), deu-me tempo para estar mais com a Carolina e ajudá-la especificamente no que precisava (conseguir tirar notas agudas devido à pressão de ar necessária, articular melhor com a sílaba “te” e o ritmo da peça “Over the Rainbow”). Ficou com muita pena da colega não ter vindo porque queria tocar as peças com ela.

Aula dia 12/05/21

A Carolina veio à aula, mas infelizmente, não conseguiu tocar. Tinha herpes labial inflamado e sentia muitas dores. O que adorei, apesar de tudo, foi que chegou à sala, montou a flauta, pôs as partituras na estante e ainda tentou não pensar que estava condicionada. Ainda conseguiu tocar um pouco mas via que estava em sofrimento. Disse-lhe para arrumar e ficou tão triste que parecia que ia chorar. Para não se sentir à parte e estar apenas parada a ouvir a sua colega tocar, dei uma parte teórica sobre os ritmos e fiz

a Carolina maestrina da sua colega. No final, acabou por ser uma aula muito divertida e proveitosa.

Aula dia 19/05/21

O herpes labial da Carolina estava muito melhor e veio logo a correr do corredor do Conservatório para me dizer isso! Estava muito entusiasmada em ter aula. Avisei as meninas que não faltava muito para a audição que era para a semana e vi logo a cara de pânico da Carolina a aparecer. Tentei deixá-las relaxadas e que nunca as iria pôr em frente a uma plateia sem ter a certeza de que o nosso trabalho estaria seguro. A parte que ainda não estava a correr muito bem durante as últimas duas semanas era o ritmo da peça “Over The Rainbow”. Criei então um jogo de pulsações com passos e repetições onde cantámos a música primeiro. A Carolina adorou e mostrou-se muito recetiva. O ritmo ficou entendido e a aula correu de forma ordeira.

Aula dia 26/05/21

Hoje é o dia da audição da Primavera! Estava muito receosa porque já tinha visto a Carolina a reagir mal ao tocar em público. O que me fez parecer na altura foram sentimentos de medo, vergonha e talvez de falhar, apenas. É a primeira audição do ano com público e nem acreditamos que vamos tocar para uma plateia. A peça é a que temos treinado “A Loja do Mestre André”. A aula correu de forma ordeira e não as senti pressionadas ou nervosas o que me mostrou logo um bom sinal. Existiram alguns problemas de afinação e ritmo, mas limitei-me a dar-lhes força para o final dessa tarde. Preparamo-nos no auditório e às 19h as portas abriram. Vi algum nervosismo e principalmente receio da Carolina e da colega de aula ao ter que subir a um palco, expostas a grupo de pessoas a vê-las. Subi com elas ao palco e para não ficarem com medo, estive a audição toda ao pé delas. Correu bem e senti muito orgulho nelas e orgulho em mim pelo resultado final. Falando especificamente da Carolina fiquei orgulhosa do seu comportamento, atitude e coragem por ter subido a um palco e se ter portado tão bem. Mas não acaba aqui o caminho! A evolução da Carolina foi imensa, e tenho grande felicidade em ter acompanhado o seu percurso, não só a nível musical e técnico, mas além de tudo como pessoa. O seu desenvolvimento durante estes meses foi incrível e é bom não só a direção escolar ter dado conta, como também os encarregados de educação e a

minha

orientadora

institucional.

Anexo D

Análise de Conteúdo e Categorização das Entrevistas

Entrevista – Encarregado de Educação

Problemáticas:

1. Frequência do curso de música
2. Distratibilidade nas aulas
3.1. Impacto nas aulas de Instrumento
3.2. Efeito na música na atitude
4. Benefícios da música

Resultados semelhantes no irmão – 1
Inscrição na música devido a irrequietude e energia – 1
Entusiasmo na aprendizagem – 1
Responsabilidade – 1

Temática 1: Frequência do curso de Música

Problemáticas

Categoria	Subcategorias	Exemplos
1. Motivação para o curso de música	1.1. irrequietude e energia	“...pomo-la na música por ser uma criança um pouco irrequieta e com muita energia...”
	1.2. Resultados positivos no irmão	“...tínhamos visto resultado no irmão e decidimos inscrever...”
	1.3. Entusiasmo durante as aulas	“...mostra-se mais entusiasmada que o irmão.”
	1.4. Maior nível de responsabilidade	“...é ela que agora faz a mochila com a flauta e as capas (...) e o horário de estudo de flauta em casa.”

Temática 2: Distratibilidade nas aulas

Farta-se rápido com atividades – 1
Não consegue estar muito tempo a fazer o mesmo - 1
Distrai-se também por influência dos colegas- 2
Influência dos pais – 3
Queixas comportamentais – 3

Problemáticas

Categoria	Subcategorias	Exemplos
1. Consciência de ser impaciente	1.1 – Farta-se rápido de atividades 1.2 – Impaciente e irrequieta	“...não consegue estar muito tempo a ver televisão, ou muito tempo a brincar com os seus brinquedos (...) nunca está muito tempo a fazer a mesma coisa e tem de ir variando.”
2. Distratibilidade escolar	2.1.– Influenciável no comportamento pelos colegas 2.2.– Facilidade na desatenção	“...tem muitas capacidades (...) poderia evoluir se se concentrasse mais e não fosse tão distraída, normalmente, por influência de colegas”
3. Sinais de desajustamento atitudinal	3.1. – Queixas de comportamento pelos professores 3.2. – Conversas formais com os E.E’s.	“...queixas de comportamento por parte de professores (...) tivemos uma conversa bem mais séria com a aluna X sobre como estar numa sala de aula...”

Temática 3.1: Impacto no comportamento das aulas de Instrumento

Expetativa de melhoria na concentração - 1
Entusiasmo para as aulas de Flauta - 2
Atividade prática diferente - 2
Gosta de tocar em casa - 3
Frustrada quando não toca bem - 4
Interesse pelo instrumento - 3
Interesse na aprendizagem de peças musicais - 3
Gosta de atividades práticas - 2

Problemáticas

Categoria	Subcategorias	Exemplos
1. Expetativa positiva face ao comportamento	1.1 – Melhoria na concentração	“...espero que apesar de tudo consiga concentrar-se e portar-se bem...”
2. Gosto pela atividade prática	2.1. – Entusiasmo e satisfação 2.3.–Gosto por aulas práticas	“...muito entusiasmada em ir para as aulas de Flauta, é uma atividade não teórica diferente (...) interessa-se mais por fazer algo fora do comum!”
3. Satisfação e interesse da criança	3.1. – Prolongamento da atividade em casa 3.2. – Interesse pela aprendizagem do Instrumento. 3.3. – Progressos e evolução na aprendizagem	“...logo que chega ao carro começa por me contar o que fez na flauta (...) quer chegar a casa e tocar para os pais.”
4. Consciência das dificuldades	4.1. – Frustração face ao insucesso	“...até fica irritada quando as notas não saem bem...”

Temática 3.2: Efeitos da música

Retrospectiva dos comportamentos – 1
Hipótese de hiperatividade não confirmada – 1
Criança energética – 2
Gosta da escola – 3
Gosta de estar com os amigos – 3
Aluna mediana – 2
Boa perceção por parte dos professores – 1
Distratibilidade – 2

Problemáticas

Categoria	Subcategorias	Exemplos
1. Criança no ambiente escolar	1.1 – Retrospectiva 1.2 – Hipótese de hiperatividade não confirmada	“...chegámos a pensar que poderia ter hiperatividade...”
2. Categorias da criança	2.1. – Energética 2.2 – Aluna mediana 2.3 – Distratibilidade implicada nos resultados escolares	“...uma criança com muita energia e que por vezes pode prejudicar o seu percurso...” “É uma aluna mediana/boa, as notas costumam ser muito positivas.”
3. Atitude face à escola	3.1. – Gosta da escola 3.2. – Boa sociabilidade	“Ela gosta muito de ir à escola (...) levanta-se entusiasmada para sair de casa, muito social e gosta de estar com os amigos.”

Temática 4: Benefícios da música

Melhorias nos comentários dos professores da escola regular - 1
Melhora no sentido de responsabilidade - 2
Ganhar independência e sentido de responsabilidade - 2
Falar dos amigos da música em casa - 3
Partilhar em casa o que se passou na escola - 3
Diferenças no irmão - 3
Promoção da criatividade - 1
Efeito calmante - 1

Problemáticas

Categoria	Subcategorias	Exemplos
1. Resultados positivos na criança	1.1 – Melhoria dos resultados escolares (comentários positivos) 1.2 – Resultados semelhantes nos dois filhos 1.3 – Mais responsável e criativa	“...pusemo-lo (o filho mais velho) na música por volta da mesma idade da X...” “...até a ele notei diferenças de muito mais calmo, independente...”

	1.4 – Melhor concentração em estudos escolares	“...esses comentários finais ditavam muitas melhorias.”
2. Mudança na responsabilidade	2.1. – Criação de um horário de estudo 2.2 – Reconhecimento parental da mudança na responsabilidade	“...ajudou imenso no sentido de responsabilidade dela!”
3. Influência da música no ambiente familiar	3.1. – Socialização no Conservatório 3.2. – Entusiasmo na aprendizagem 3.3 – Partilha com os pais 3.4 – Reconhecimento da mãe dos efeitos positivos oriundos das aulas de música	“Ela gosta muito de ir à escola (...) levanta-se entusiasmada para sair de casa, muito social e gosta de estar com os amigos.” “...concordo que a música ajude as crianças a crescer, a ganhar independência e olhe, até a conviver.”

Entrevista à Professora de Iniciação Musical

Problemáticas:

1. Detalhe de estudos da Disciplina
2.1. Interesses e participação nas aulas
2.2. Comportamentos na sala de aula
3. Evolução atitudinal
4. Experiências semelhantes da entrevistada

Temática 1: Detalhes de estudo da disciplina

Interação da criança com a música – 1
Crianças entre os 6 e 9 anos – 1
Pulsação, ritmos e notas e cantar – 2
Partilha, convívio e colaboração – 3
Improvisação e criatividade – 3
Tocar com instrumentos Orff – 2

Problemáticas

Categoria	Subcategorias	Exemplos
1. Apresentação formal da disciplina	1.1 – Plano de estudos estruturado 1.2 – Idade limite dos 6 aos 9 anos 1.3 – Atividades sempre com interação musical	“...primeira interação da criança com a música...” “...só para crianças entre os 6 e os 9 anos...”
2. Conteúdos específicos da disciplina	2.1. – Pulsação 2.2 – Melodia e Ritmo 2.3 – Tocar e cantar	“...tocar com os instrumentos Orff, para cantar...” “...existe pulsação, que existe ritmos diferentes e que todas

	2.4 – Iniciação às notas musicais	as notas são diferentes umas das outras.”
3. Lições criativas e humanísticas a que apela	3.1. – Valores humanísticos como partilha, colaboração e convivência entre todos 3.2. – Respeito pelos outros 3.3. Criatividade e valor de expressão individual	“...adoram improvisar e deixar a criatividade fluir (...) é mesmo isso que a disciplina apela.” “...enaltecer a partilha, o trabalho em grupo, tocarmos juntos e eles aprenderem a conviver.”

Temática 2.1: Interesses e participação nas aulas

Muito entusiasmo e curiosidade pela disciplina – 1
Interesse por atividades mais práticas – 2
Gosta de tocar e cantar – 2
Muito participativa – 1
Quando quer concentra-se – 1
Gosta de participar nas aulas – 1
É comunicativa com os colegas – 1
Atividades que requerem movimentação – 2
Distrações momentâneas – 1

Categoria	Subcategorias	Exemplos
1. Atitudes e comportamentos na aula	1.1 – Entusiasmo e energia 1.2 – Participativa e criativa 1.3 – É comunicativa tanto com os colegas como para a docente 1.4 – Por vezes por falar tanto, distrai-se	“...uma alegria enorme, muito entusiasmada...” “...imensa curiosidade e com vontade de saber tudo e mais alguma coisa...” “...pode criar desconcentração no grupo de ela estar sempre a perguntar ou falar...”

2. Principais interesses na disciplina	2.1. – Atividades mais práticas 2.2 – Que requeiram mais movimentação 2.3 – Muito interesse para tocar e cantar	“...espaço propositado para eles se expressarem (...) especialmente nas atividades ditas mais “práticas”...” “...quando vem aquelas partes mais teóricas ela fica sim, mais irrequieta...”
---	--	---

Problemáticas

Temática 2.2: Comportamentos na sala de aula

Sempre a perguntar ou a falar - 1
Desconcentração - 1
Mais irrequieta em tarefas teóricas - 2
Influenciável no comportamento pelos colegas - 3
Entusiasmo excessivo - 1
Faladora - 1
Falta de concentração em matérias novas - 2
Distrai a turma - 3
Irrequietude em matérias mais teóricas - 2

Categoria	Subcategorias	Exemplos
1. Comportamentos recorrentes	1.1 – Curiosa e por consequência questiona muito 1.2 – Distrai-se facilmente 1.3 – Faladora 1.4 – Entusiasmada pela disciplina	“...um pouco faladora demais...” “...tem uma relação saudável com os colegas...” “...ela adora participar e fazer...”
2. Atitude perante desinteresse em disciplinas	2.1. – Mais irrequieta 2.2 – Menos interesse	“...quando vem aquelas partes mais teóricas ela fica, sim mais irrequieta...”

	2.3 – Menor concentração 2.4 – Acontece mais em matérias teóricas	
3. Influência atitudinal	3.1 – Influenciável por mau comportamento de colegas 3.2 – Por vezes distrai a turma	<p>“...muitas vezes provém da parte dos colegas e ela deixa-se levar muito.”</p> <p>“...chega a um ponto que se distrai a si própria da atividade pretendida e distrai o resto da turma.”</p>

Problemáticas

Temática 3: Evolução Atitudinal

Evolução comportamental - 1
Continua “elétrica” - 2
Muita energia - 2
Adaptação aos novos colegas - 3
Nova escola - 3
Não está habituada a certo tipo de aulas - 3
Mais concentrada e atenta - 1
Menos distraída - 2
Importada em fazer mais e melhor - 1
Vontade de aprender - 1

Categoria	Subcategorias	Exemplos
1. Mudanças significativas	1.1 – Concentração e atenção aumentaram 1.2 – Vontade de aprender 1.3 – Interessada nas atividades 1.4 – Evolução comportamental	<p>“...teve uma grande evolução...”</p> <p>“principais diferenças são a concentração e atenção que subiram a 100%...”</p> <p>“...diminui a parte da distração...”</p> <p>“...importada em querer fazer mais e melhor...”</p>

2. Comportamentos recorrentes	2.1. – Muita energia 2.2 – Menos distraída comparativamente a avaliações anteriores	“...continua elétrica e com aquela energia toda que falámos...” “...no início foi bem pior...”
3. Possíveis razões para comportamento e/ou distratibilidade	3.1 – Adaptação aos novos colegas 3.2 – Adaptação à escola 3.3 – Habituação à rotina das aulas 3.4 – Influência dos colegas	“...fase de adaptação de estar com novos colegas...” “...numa escola nova...” “...não estar habituada a estas aulas específicas de formação de música...”

Problemáticas

Temática 4: Experiências semelhantes da entrevistada

Influência da música nas crianças - 1
Influência da música no futuro - 1
Casos extremos de mau comportamento - 2
Faltas de respeito - 2
Intervenção de terceiros - 3
Educação em casa - 3
Mudanças drásticas de atitude - 1
Crescimento a nível humanístico - 1
Conversas com a criança - 3

Categoria	Subcategorias	Exemplos
1. Evidências pessoais	1.1 – Alunos esforçados e interessados evoluem 1.2 – Educação artística pode mudar crianças	“...não seriam os mesmos se não tivessem tido estas disciplinas...” “...no futuro não serão os mesmos adultos.”

	1.3 – Mudanças drásticas comportamentais em alunos 1.4 – Evolução comportamental	<p>“...não parecia o aluno que tinha conhecido...”</p> <p>“...que se mostram com interesse, participativos e com vontade de aprender (...) um grande salto...”</p>
2. Experiências negativas	2.1 – Mau comportamento 2.2 – Faltas de respeito 2.3 – Intervenção de terceiros	<p>“...não conseguia (...) conviver numa sala com outras crianças...”</p> <p>“...não tinha respeito pelos próprios professores.”</p> <p>“...falei na altura com a direção da escola...”</p>
3. Necessidades da criança	3.1 – Educação parental 3.2 – Afeição e atenção 3.3 – Conversas de apoio 3.4 – Saber que tem ajuda	<p>“...a situação e casa era horrível...”</p> <p>“...os pais basicamente não estavam lá...”</p> <p>“...precisava de atenção e alguém que lhe desse algum tipo de carinho...”</p> <p>“...mudança drástica de atitude...”</p>

Entrevista – Professora de Classe e Diretora de Turma

Problemáticas:

1. Detalhe de estudos da Disciplina
2. Atitude e participação nas aulas
3. Interesses por disciplina
4. Contributo das artes para o desenvolvimento da criança

Temática 1: Detalhes de estudo da disciplina

Estudos na vida da docente – 1
Várias disciplinas lecionadas – 2
Motivações para a profissão – 3
Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico - 1
Curso desafiante – 3
Aprendizagem educativa – 3
Paixão pela educação – 3

1. Percurso profissional	1.1 – Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico 1.2 – Abordam disciplinas como História, Português, Matemática, Cidadania, etc. 1.3 – Responsável pela turma e Coordenadora	<p>“...pelo Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico em que me formei, somos preparados para lecionar várias disciplinas.”</p> <p>“parte do meu plano de estudos Ensino da Matemática dos 4 aos 10 anos, Didática da História e da Geografia...”</p> <p>“...fiquei responsável este ano pela turma de 2ºano (...)e também sou a Coordenadora...”</p>
2. Disciplinas lecionadas	2.1 – Gerais como Português, Matemática, História, Ciências 2.2 – Outras mais específicas dadas por outros professores como Inglês, Educação Musical 2.3 – Abordagem de disciplinas como Cidadania	<p>“...neste momento leciono dentro das áreas da Língua Portuguesa, Matemática, História, início de Ciências, Cidadania.”</p> <p>“lecionam outras áreas como Educação Física ou Inglês.”</p>

Temática 2: Atitude e participação nas aulas

Muito interessada - 1
Participativa - 1
Muita energia e entusiasmo – 1

Esforça-se por fazer as tarefas a aprender - 2
Excelente educação - 3
Gosta de ir à escola - 2
Idade da curiosidade - 1
Distrai-se sozinha e por influência de colegas - 4
Fator de distração - 4

1. Atitude nas aulas	1.1 – Gosta de participar 1.2 – Mostra-se interessada e entusiasmada 1.3 – Gosta de fazer as tarefas corretamente	“...aluna super interessada, muito querida e respondendo à tua questão definitivamente participativa.” “a aluna que se esforça por fazer as tarefas todas e por tentar fazê-las bem.”
2. Atitude perante a escola	2.1 – Quer cumprir todas as tarefas propostas 2.2 – Gosta da escola 2.3 – Como todas as crianças prefere umas disciplinas a outras	“...que se sente que gosta da escola e de lá estar.” “...Interessa-se mais por algumas disciplinas e menos por outras...”
3. Influência da educação parental	3.1 – Excelente educação 3.2 – Atitudes provenientes do que se passa em casa	“...definitivamente uma criança com uma excelente educação”

Temática 3: Interesses por disciplina

Gosta de ler e escrever (Português) - 1
Gosta de aprender sobre os animais e seres vivos - 1
Não tem muito interesse pela Matemática e História - 2
Atitudes perante desinteresse em disciplinas - 3
Educação Musical - 1
Gosta de Cidadania - 1
Mais distraída em disciplinas menos interessantes – 3

1. Disciplinas de maior interesse	1.1 – Gosta muito de ler e escrever (Português) 1.2 – Gosta muito de Ciências 1.3 – Está sempre a referir que poderá a vir ser veterinária 1.4 – Bons comentários por parte do professor de Educação Musical 1.5 – Gosta de debater (Cidadania)	<p>“Interessa-se muito por Português... (...) Também Ciências...”</p> <p>“...evidenciar que adora animais (...) que sabe que vai ser veterinária...”</p> <p>“de certeza por influência do Conservatório já ouvi dizer do Professor de Educação Musical que é ótima e adora tê-la como aluna.”</p> <p>“...a Cidadania que ela também gosta muito, é uma aula mais de debate...”</p>
2. Disciplinas em que possui menos interesse	2.1 – Não se interessa muito por números apesar de ser boa aluna 2.2 – História 2.3 – Esforça-se por aprender	<p>“...não mostra muito interesse pela Matemática e História...”</p> <p>“...mas que tenta esforçar-se por aprender a matéria e em geral que gosta da escola.”</p>
3. Atitudes perante desinteresse em disciplinas	3.1 – Desconcentrada e destabilizada 3.2 – Mais faladora 3.3 – Menos interessada 3.4 – Distração por si própria e por colegas	<p>“...não se sentir segura acaba por estar mais desconcentrada e destabilizada.”</p> <p>“Por vezes distrai-se, sozinha ou por influência de colegas mais traquinas...”</p> <p>“...associa-se uma postura menos interessada e concentrada nas aulas”</p>

Temática 4: Contributo das artes para o desenvolvimento da criança

Expressa o seu interesse pelo Conservatório - 1
É apoiante de que todas as crianças deveriam estar numa atividade artística – 2
Experiência pessoal – 3
Filha mais responsável – 3
Mais responsabilidade – 3

Contributos da música – 2
O desporto também é um alto motivador – 2

1. Gosto pelo Conservatório	1.1 – Partilha das atividades de música com os educadores 1.2 – Mostra-se entusiasmada ao falar da música	<p>“ela deve falar muito mais sobre esse assunto com o professor de Educação Musical...”</p> <p>“...quanto gosta de frequentar o Conservatório e tocar.”</p> <p>“...até comenta o que fez na tarde passada, na música.”</p>
2. Importância das atividades artísticas	2.1 – É apoiante que todas as crianças deveriam fazer uma 2.2 – A música afeta todos os tipos de desenvolvimento: motor, cerebral, ... 2.3 – Musicoterapia 2.4 – Motivadores para a criatividade 2.5 – Poderá ser o momento em que descobrem vocações 2.6 – Motivador cerebral	<p>“De uma opinião mais pessoal (...) ótimo que as crianças frequentem a Música ou qualquer atividade artística.”</p> <p>“... tinha lido em uns artigos (...) a música pode fazer ao cérebro da criança e consegue afetar várias áreas como a memória, em aprender uma língua e acho que a coordenação.”</p> <p>“...efeitos positivos da música e musicoterapia.”</p> <p>“...A criatividade é dos principais motivadores para o cérebro na idade destes miúdos...”</p> <p>“...o desporto também é uma ótima atividade não só física...”</p> <p>“música em específico parece-me que envolve imensas partes importantes e desafiantes. Ler a música, mexer os dedos, em alguns estar a soprar...”</p>

3. Experiência pessoal	3.1 – A filha frequenta o ballet 3.2 – Mais responsabilidade e independência 3.3 – Grande influência nas crianças 3.4 - Futuro	“A minha filha está no ballet (...) diferença a nível de responsabilidade, atitude (...) pareceu que cresceu mais depressa” “...influenciará a versão futura destes.”
-------------------------------	---	--

Anexo E

Transcrição das Entrevistas

Entrevista Transcrita

A – Alexandra

E.E – Encarregado de Educação

A – Olá, bom dia! Espero que esteja tudo bem consigo! Desde já agradeço-lhe participar nesta entrevista, é muito importante para mim. Relembro que esta está a ser feita em questão do Meu Projeto Final de Mestrado em Ensino da Música. A minha tese consiste em falar sobre o efeito da música nas crianças e especialmente crianças que apresentem mudanças de comportamento. Queria entrevistá-la porque além da Carolina ser uma menina super interessada é também aquela bola de energia giganteahaha.

E.E – Ahaha, antes de mais bom dia! Fico contente de ajudar de alguma forma...há alguns anos a Carolina ainda era mais energética, chegámos a pensar que poderia ter hiperatividade que foi desconfirmado pelo médico. Apenas é uma criança com muita energia e que por vezes pode prejudicar o seu percurso ou atitudes que tem. Mas esteja à vontade para fazer as perguntas que quiser.

A – Bem sendo assim, vou começar por perguntar o que é que a Carolina faz em casa em tempos livres, ou seja, por que atividades se interessa, como ocupa o tempo, se gosta de brincar com outros membros da família...

E.E – Uiii, a Carolina é daquelas meninas que se farta muito depressa com atividades, não consegue estar muito tempo a ver televisão, ou muito tempo a brincar com os brinquedos, tem sempre de ir mudando de atividade para se manter entretida. Adora a companhia do irmão e gosta muito de brincar com ele, mas como é mais velho acaba por não ter tanto “tempo livre” como a Carolina e às vezes vejo que a deixa mais

aborrecida. Queria passar mais tempo com o irmão, mas ele tem aulas e trabalhos de casa e ela tem de aprender que não pode ser sempre tudo como ela quer eheh. Gosta de me ajudar na cozinha, quando vou fazer o jantar ou fazer um bolo... também luto para que brinquem lá fora, não faz bem a nenhuma criança estar sempre fechada em casa! Por acaso também lhe dá assim a meio da tarde para ir estudar flauta e chega a estar algum tempo a tocar!

Assim em conclusão nunca está muiiito tempo a fazer a mesma coisa e tem de ir variando.

A – Era mesmo isso que precisava de saber, obrigada! Também lhe gostava de perguntar sobre o comportamento da Carolina nas aulas. Ou seja, se é boa aluna, se por vezes a energia dela pode chegar a desconcentrá-la nas atividades, se gosta de estar na escola...

E.E – Ela gosta muito de ir à escola e na verdade é daquelas que se levanta entusiasmada para sair de casa, muito social e gosta de estar com os amigos! Então agora depois deste confinamento nem se fala ehehe. É uma aluna mediana/boa, as notas costumam ser muito positivas.

Os professores dizem que tem muitas capacidades e que na verdade poderia evoluir se se concentrasse mais e não fosse tão distraída, normalmente por influência de colegas que destabilizam a aula.

Já chegámos a ter queixas de comportamento por parte de professores da escola e nessa altura tivemos uma conversa bem mais séria com a Carolina sobre como estar numa sala de aula e que tipo de atitudes são admissíveis....

Espero que não tenha queixa eheh, nunca tivemos queixa por parte do Conservatório, depois dessa conversa mais dura ela melhorou!

A- Ahahah, não tem nada com que se preocupar! É uma menina muito querida e entusiasmada, foi o que falou...por vezes entusiasmasse demais e acaba por se distrair dos objetivos da aula, mas nada problemático. Fico contente de ela gostar de vir para as aulas, é logo um sinal positivo! Agora queria-lhe perguntar mais direcionado para a minha área, dentro da música e da Flauta Transversal...A Carolina sente-se entusiasmada e motivada em ir para as aulas de Flauta Transversal e parece-lhe feliz após estas?

E.E – Espero que ela apesar de tudo consiga concentrar-se e portar-se bem nas suas aulas...a Carolina mostra-se sempre muuuito entusiasmada em ir para as aulas de Flauta, é uma atividade não teórica diferente e ela interessa-se mais por fazer algo fora do comum! Até é bom quando chega à quarta-feira ahah
Gosta muito de tocar em casa e vejo que até fica irritada quando as notas não saem bem ahah, das minhas melhores decisões foi de certeza inscrevê-la no conservatório, +e uma atividade extracurricular espetacular! Quanto à parte em que ela sai satisfeita...bem, ela a seguir ainda tem Classe de Conjunto e penso que Iniciação Musical, acaba por sair tarde nesse dia, mas logo que chega ao carro começa por me contar o que fez na flauta, que novas peças tocou e que quer chegar a casa e tocá-las para os pais! Claro que também se entusiasma pelas outras disciplinas que teve, mas o facto de ser uma parte não teórica penso que a capta ainda mais.

A - Acha que de alguma forma as aulas de Flauta Transversal ajudam ou já ajudaram a Carolina no seu desenvolvimento? E sente alguma diferença na Carolina quando compara o antes e o depois de começar a aprender Flauta.

E.E – Ah sim, totalmente! Temos um filho mais velho e pusemo-lo na música por volta da mesma idade da Carolina, estudou piano mas entretanto acabou por desistir para se dedicar mais ao desporto na escola. De qualquer das formas, até a ele notei diferenças de muito mais calmo, independente na maneira de arrecadar responsabilidades e até mais responsável. Talvez por andar em duas atividades o desgastasse e ao final do dia estava mais cansado, mas a verdade é que ajudou muito não só a nível de desenvolvimento como de comportamento.

Com a Carolina foi mais ou menos igual, pome-la na música por ser uma criança um pouco irrequieta e com muita energia e já que tínhamos visto resultado no irmão decidimos inscrever a Carolina. Só penso que vai ser diferente pelo facto de que vai continuar na música por mais algum tempo! Para já mostra-se mais entusiasmada do que o irmão na altura ehehe. Mas claro que notei diferenças. É ela que faz a mochila com a flauta e as capas com as músicas para ir para o conservatório e é ela que faz o horário de estudo de flauta em casa. Além da responsabilidade, sim, também noto mudanças no comportamento da Carolina desde que começou. Muito mais concentrada nas coisas, talvez mais calma...

Acho que qualquer pai que tenha oportunidade devia incentivar um filho numa atividade pós escola! Seja futsal, ballet, teatro. E claro, se estou a ver mudanças positivas e vejo

que ela está feliz a fazer o que faz, vai continuar na música. Para além de ser um orgulho vê-la a tocar em audições, mas isso sou eu que sou uma mãe babada!

A – Ahaha, e ainda bem que é! Apesar de tudo, nós professores, temos é de agradecer aos pais por escolherem pôr o filho ou filha numa atividade cultural e artística como a música! Bem, estou mesmo quase a acabar, só falta mesmo duas perguntinhas!

E.E – À vontade professora, esteja descansada, estou a gostar muito de falar consigo.

A- Oh, muito obrigada, também eu. Queria-a questionar se acha que a música e as respetivas aulas são capazes de ajudar na capacidade de concentração e atenção das crianças. Ou seja, ainda dentro desta questão, se acha que pelo menos ajudou na concentração da Carolina.

E.E – Sim, sim, até já tinha dito antes. Posso-lhe dar outro exemplo, quando no final de cada período vem aquela ficha com as notas da Carolina e junto o comentário de cada professor, esses comentários finais ditavam muitas melhorias. Além de tudo volto a dizer, ajudou imenso no sentido de responsabilidade dela! Por isso respondendo agora à primeira pergunta que me fez, sim, concordo que a música ajude as crianças a crescer, a ganhar independência e olhe, até a conviver. Para além de ela me falar dos amigos da escola, fala-me igualmente dos amigos da turma de música, e especialmente daquela outra menina com quem partilha a aula de Flauta...e que naquele dia cantaram e tocaram instrumentos...É muito giro!

A – Muito obrigada!! Para finalizar queria terminar com uma afirmação e fala um pouco sobre ela! Então a afirmação é: “Existem estudos que demonstram que a música pode ter efeitos positivos em crianças com problemas de atenção. Acha isso possível?”.

E.E – Ora tenho a dizer que acredito plenamente nessa frase e não me surpreende! Ajudou muito os meus dois filhos, na responsabilidade, comportamento e penso que nos estudos em casa especialmente ficaram bem mais concentrados! Em casos mais graves, quem tenha...sei lá, distúrbios agressivos de comportamento, acredito que ainda mais efeito tenha. Por acaso, agora que falou lembrei-me que no outro dia li um estudo que dizia que ouvir e praticar música transmitia um efeito calmante e acho que é mesmo

isso, é o convívio com os colegas no conservatório, o facto de ser uma atividade não teórica como já tinha dito e puxa muito pela criatividade deles. Por isso sim, se alguém que não fosse a professora me dissesse isso, acreditaria sem problemas!

A – Olhe só lhe tenho a agradecer por ter concordado em participar e falar comigo! Adorei estar aqui consigo à conversa e ouvir uma perspetiva diferente da música: o do lado de uma mãe que acredita na cultura e na arte e ainda mais, nos benefícios que a música pode ter!

E.E – De nada, foi uma conversa muito interessante, nunca tinha pensado “tão a fundo” no facto de a música ter trazido tantos benefícios como diz! Gostei muito de estar aqui consigo e se precisar de mais alguma coisa é só dizer! Boa sorte no seu projeto de Mestrado!

A – Muito obrigada eu! Beijinho grande para si e para a Carolina!

E.E – Beijinho, muito obrigada!

Entrevista Transcrita Professora Iniciação Musical

A – Alexandra

P – Professora

A – Olá, Olívia, tudo bem? Olha primeiro de tudo, prazer em conhecer-te eheh. Sei que damos aulas no Conservatório no mesmo dia, mas ainda não nos cruzámos, tenho pena que nos conheçamos assim!

P – Olá Alexandra! Fico muito contente de te conhecer finalmente, pena realmente que seja assim. Temos de combinar um intervalo para cafezinho! E fico contente de ajudar na tua pesquisa!

A – Oh, eu é que agradeço! Só para te pôr a par e ficar gravado, esta entrevista está a ser realizada em questão do meu Projeto Final de Mestrado em Ensino da Música. A minha tese consiste em falar sobre o efeito da música nas crianças e especialmente crianças que apresentem mudanças de comportamento. Neste caso queria falar contigo sobre a aluna X. Estás de acordo?

P – Parece-me um ótimo tema, claro que estou de acordo. Depois vou querer ler o resultado final eheh.

A – Claro que sim! Olha para começarmos queria pedir-te para me falares um pouco sobre em que consiste a tua disciplina. Atividades, plano de ensino, o que fazes nas aulas...

P – Eu penso que a minha disciplina é a primeira interação da criança com a música, sem ser claro, com o instrumento delas, aliás é só para crianças entre os 6 e os 9 anos. Existem vários pontos que tocamos nesta disciplina, mas todos sempre de maneira a que estejam em contacto com a música. Que existe uma pulsação, que existe ritmos diferentes e que as notas são todas diferentes umas das outras. Uma parte da disciplina que é preciso enaltecer é a partilha, o trabalho em grupo, o tocarmos juntos e eles

saberem todos conviver. Além de isto tudo e de eles aprenderem os básicos como os nomes das figuras rítmicas e quanto vale cada uma, temos sessões de orquestra Orff. Seja com uma música já pré-escrita ou não. Eles adoram improvisar e deixar a criatividade deles fluir e é mesmo isso que a disciplina apela.

Desculpa se me estou a alongar..

A – Oh por amor de Deus, Olívia! Claro que não, não te preocupes, elabora! Quanto mais informação eu tiver melhor para o meu trabalho! Agora vou passar mais especificamente para o caso da Carolina. Queria que me disseses se ela demonstra interesse em participar e aprender nas atividades que fazes durante as aulas.

P – Bem, a Carolina é uma menina com uma alegria enorme, muito entusiasmada com quase tudo como deves saber eheh. Mas sim, tem imensa curiosidade e por consequência tem vontade de saber tudo e mais alguma coisa! Por vezes esta parte pode criar desconcentração no grupo de ela estar sempre a perguntar ou a falar, mas sinceramente prefiro alunos com esta vontade do que caladinhos no seu canto. É um espaço propositado para eles se expressarem! Especialmente nas atividades ditas mais “práticas”, quando é para tocar com os instrumentos Orff, para cantar, para criarmos uma composição da turma, ela mostra-se super entusiasmada. Quando vem aquelas partes mais teóricas ela fica sim, mais irrequieta, mas olha que muitas vezes provém da parte dos colegas e ela deixa-se levar muito.

A – Olha a minha próxima pergunta vinha exatamente de acordo com o que estavas a falar agora, para me falares também um bocadinho do comportamento dela nas aulas e a relação com os colegas de sala.

P – Pois, vem mesmo de encontro ao que te estava a dizer, ela adora participar e fazer, mas depois às vezes chega a um ponto em que se distrai a si própria da atividade pretendida e distrai o resto da turma. Mas depende muito, às vezes é o entusiasmo fantástico que ela tem que acaba por descontrolar e outras é mesmo influência de colegas dito “mal comportados” por vezes. Ela dá-se bem com todos os colegas, partilha, participa, lá está, às vezes um pouco faladora de mais, mas acaba por ser uma relação saudável com os colegas.

A – Sinto exatamente igual na minha aula, que curiosidade! Há dias em que chega muito concentrada e quer tocar e fazer melhor e à outras que distrai-se com qualquer coisa e leva a colega de sala atrás.

P – Mas é o que digo também, prefiro alunos assim que apesar de tudo se esforçam e noto que estão interessados do que calados e sem motivação para estar ali.

A – Concordo a 100% contigo! Sei que já falaste também à bocado, mas podias aprofundar que tipo de atividades e matérias é que a Carolina se interessa e participa mais e o contrário?

P – Em geral, tudo o que seja prático ela fica mais interessada e a meu ver muito mais concentrada! Isto inclui estar a tocar instrumentos Orff como as clavas, pandeireta, caixa, tu sabes! Também a parte da criatividade, como criarmos um ritmo novo para ler ou compormos uma nova música para tocar, está sempre a dar ideias! Jogos musicais também ela adora como exemplos para entenderem ritmos usarmos palmas ou passos. Em contrapartida, explicar matérias novas, com uma nova célula rítmica ou exercícios de leitura de notas, já sinto que não existe tanta concentração e assim por dizer tanta “paciência”. Mas esta parte não acontece só com ela!

A – Ok, vamos para a seguinte sem demora para não te roubar muito tempo. Achas que as aulas de Iniciação Musical já ajudaram de alguma forma no desenvolvimento da Carolina e ao longo do tempo já conseguiste ver mudanças a nível comportamental?

P – Olha, excelente questão! Posso dizer com muita certeza que sim! Os alunos que se mostram com interesse, participativos e com vontade de aprender já deram um grande salto desde que começaram comigo. Especialmente naquela idade que parece que eles crescem tão rápido, a evolução ainda se nota mais! Tenho a certeza absoluta de que estes alunos não seriam os mesmos se não tivessem tido estas disciplinas e esta formação na música, e de certeza que no futuro não serão os mesmos adultos. De certeza que pelo teu trabalho sabes melhor que eu que especialmente em idades jovens a música afeta imenso, se bem que eu sou apologista de que qualquer idade é boa para tocar um instrumento. Quanto ao comportamento, a Carolina em específico teve uma grande evolução. Continua elétrica e com aquela energia toda já falámos, mas no início foi bem pior. Pode ter sido por várias razões, atenção...pode ter sido uma fase de adaptação de estar com novos colegas, numa escola nova, não estar habituada a estas aulas específicas para a formação de música e outras. Mas sim, as principais diferenças são a concentração e atenção que subiram a 100%, diminuiu a parte da distração apesar

de ainda ocorrer e o facto de estar muito importada em querer fazer mais e melhor, sabes? De querer aprender e realmente estar interessada nas aulas.

A – Obrigada pela resposta! Juro que são só mais duas e depois não te chateio mais eheh.

P – Não estás a chatear nada, é um assunto tão interessante!

A – Oh, obrigada! Também acho eheh. Olha queria-te questionar numa parte que não sei se já passaste por esta experiência, além da Carolina, mas mesmo que não tenhas pedia-te que desses a tua opinião. Então, existem estudos que demonstram que a música pode ter efeitos positivos em crianças com problemas de atenção ou com distúrbios comportamentais. Sei que tens a Carolina, mas já tiveste outros alunos com estes problemas e mesmo se não tiveste diz se concordas ou não com a afirmação.

P – Outra muito boa pergunta!! Olha posso-te dizer que já apanhei alguns casos desses, já tenho assim alguns aninhos de ensino, mas posso-te falar de um específico que me marcou. Era um aluno também em Iniciação Musical e tinha sérios problemas de...como disseste a tua expressão há bocado dos comportamentos?

A – Distúrbios comportamentais? Eheh

P – Sim! Eheh, que ótima expressão! Mas era mesmo grave, ele não conseguia de todo conviver numa sala com outras crianças e pior que nem sequer tinha respeito pelos próprios professores. Até eu a certo ponto fiquei frustrada da falta de respeito e de não conseguir dar a aula aos outros alunos da sala por causa dele e pensei mesmo em recusar-me a dar-lhe aula e desistir simplesmente. Falei na altura com a direção da escola e eles disseram-me para tentar mais duas ou três aulas e se realmente não resultasse que iria tomar as providências necessárias. E decidi ter uma conversa com este rapaz e perceber de onde vinha aquele comportamento. E depois percebi que a situação em casa era horrível, os pais basicamente não estavam lá para e tinham vários problemas de dependência...e quando estavam era para lhe ralhar de alguma coisa. Isto para perceber que ele na verdade precisava de atenção e que alguém lhe desse algum tipo de carinho, por assim dizer. Depois de falarmos disse-lhe que o ajudava, mas para isso precisava que ele me respeitasse, que me deixasse dar as aulas, mas além disso que ele se tentasse interessar pela matéria e tentar estar atento. Claro que não acontecem milagres e não foi de um dia para o outro, no mês seguinte ele continuou com

comportamentos muito importunos e ainda a distrair e a ter más atitudes com os colegas de sala. Mas, a verdade é que acabou o ano letivo a fazer a audição com o resto dos alunos, a participar de forma ordeira e com uma mudança drástica de atitude.

Genuinamente, não parecia o aluno que tinha conhecido. Depois fiquei a saber que essas mesmas atitudes também tinham mudado na escola regular. E além deste aluno, tive muitos outros onde se viu uma evolução enorme como criança, a nível de respeito, atenção, concentração, basicamente como pessoa. Portanto sim, vou concordar com total confiança nessa afirmação.

A – Olha Olivia, com essa resposta até me respondeste à questão que viria a seguir por isso só te tenho a agradecer pela tua disponibilidade, pelo teu carinho e pela forma como partilhaste a tua opinião e situações que passaste.

P – De nada mesmo Alexandra! Acho um ótimo tema e fico mesmo muito contente de ter podido ajudar.

A – Obrigada eu! Beijinho

Entrevista Transcrita Professora Escola Carolina

Prof. Paula

A – Alexandra

P – Professora

A – Boa tarde! Olá, muito prazer em conhecê-la Paula!

P – Boa tarde! Igualmente Alexandra, estou muito entusiasmada! É muito raro ter estas oportunidades de falar com professores do Conservatório de Música.

A – Sim, para também, falar os professores da Educação Escolar não é uma parte regular para nós, mas achei importante ver o “outro lado” e ter uma perspectiva diferente sobre este assunto.

P – Claro que sim. Além de que estamos a falar de educação da nossa sociedade e sobre o comportamento educacional, parece-me uma área ótima!

A – Bem, sendo assim vou começar eheh. Só para ficar gravado aqui na entrevista, esta está a ser realizada em questão do Meu Projeto Final de Mestrado em Ensino da Música e a minha tese consiste em falar sobre o efeito da música nas crianças e especialmente crianças que apresentem mudanças de comportamento, principalmente questionar-te sobre a Carolina Almeida. Queria-te questionar primeiro sobre a tua função na escola, aprofundares a tua disciplina e os seus conceitos.

P – Ora, pelo Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico em que me formei, somos preparados para lecionar várias disciplinas. Por exemplo tive como parte do meu plano de estudos Ensino da Matemática dos 4 aos 10 anos, Didática da História e da Geografia...ou seja, neste momento leciono dentro das áreas da Língua Portuguesa, Matemática, História, início de Ciências, Cidadania. Depois temos os meus restantes colegas da escola que lecionam outras áreas como Educação Física ou Inglês. No final, sim, eu fiquei responsável este ano pela turma de 2ºano e sou eu a que acabo

por passar mais tempo com estes meninos. No final então acabo por fazer imenso, porque também sou a Coordenadora aqui da escola. Em questão de aulas acabamos por dar imensos conteúdos porque estamos a falar de muitas áreas, que além de teóricas também partimos para o lado da Cidadania, Inclusão, por aí.

A – Uau, desculpa o meu espanto eheh. Digamos que já não me lembrava bem das minhas alturas de 1º ciclo e já não tinha a noção que era apenas um professor a ensinar tantos conteúdos diferentes. Parece que só depois disto começamos a dar um pouco de valor ao que tínhamos e aos professores que nos ajudaram no nosso caminho!

P – Sim, é mesmo verdade. Acaba por ser um curso difícil e desafiante por essa mesma razão. A cultura geral e os básicos para garantir uma aprendizagem educativa ótima e segura a estas crianças inclui muitos tópicos, mas nós adoramos o que fazemos.

A – Claro e definitivamente que não estaríamos aqui se não quiséssemos seguir este rumo. Passando então para a próxima pergunta, agora mais centrada na Carolina. Considere-la uma aluna participativa e interessada?

P – A Carolina é uma aluna super interessada, muito querida e respondendo à tua questão definitivamente participativa. Tem muita energia e traz uma certa luz à turma pelo seu entusiasmo. É uma aluna que se esforça por fazer as tarefas todas e por tentar fazê-las bem. Interessa-se mais por algumas disciplinas e menos por outras, como é normal nas crianças...Mas definitivamente uma criança com uma excelente educação e que se sente que gosta da escola e de lá estar.

A – Posso-te perguntar que disciplinas ela tem mais preferência e de quais não gosta tanto?

P – Interessa-se muito por Português, a parte de ler e escrever sinto que é algo que a desafia e lhe dá motivação para estudar e se esforçar mais. Também Ciências porque está sempre a evidenciar que adora animais e que quer saber mais sobre eles, pronto...até diz sempre que sabe que vai ser veterinária eheh. Depois...não mostra muito interesse pela Matemática e História, diz que os números não lhe dizem muito e mesmo nessas aulas por às vezes não gostar das atividades propostas ou não se sentir segura acaba por estar mais desconcentrada e destabilizada. Depois, claro, de certeza por influência do Conservatório já ouvi dizer do Professor de Educação Musical que é ótima e adora tê-la como aluna. Além destas temos as que falei à pouco mais centradas

na Cidadania que ela também gosta muito, é uma aula mais de debate, sobre atitudes certas ou erradas e ela é muito participativa.

A – Mesmo nas aulas de Flauta, posso-lhe dizer o mesmo, é super participativa e gosta muito de contribuir para a aula. Queria-lhe questionar mais sobre o comportamento da Carolina. Como é a sua atitude nas aulas, a sua relação com os colegas, se tem comportamentos diferentes dependendo das aulas....

P – Como já disse anteriormente, é uma aluna muito entusiasmada o que para a sua idade é uma parte completamente normal nas crianças. Estão na idade da descoberta e têm curiosidade em perceber como o mundo e as coisas funcionam. Por vezes distrai-se, sozinha ou por influência de colegas mais traquinas. Depois associa-se uma postura menos interessada e concentrada nas aulas que menos lhe captam a atenção, como falei acima, por exemplo, a Matemática. O nosso dever como professores é tentar interessá-los o suficiente por estas disciplinas que menos gostam. Como já referi, é uma menina com muita energia, por vezes distraída, sim, mas que tenta esforçar-se por aprender a matéria e em geral que gosta da escola.

A – Posso dizer que sinto igual, uma menina muito empolgada em aprender e no meu caso, conseguir tocar cada vez melhor. Por vezes sinto é que devido à energia ou entusiasmo acaba por se distrair mais.

P – Sim, por vezes o querer o participar e falar muito pode acabar por ser um fator para a distração, então associado a colegas que façam igual e/ou proporcionam um ambiente mais falador e caótico, ainda mais.

A – Exatamente! Olha, não sei se eventualmente já veio à conversa, mas se achas que de alguma forma as aulas de Música têm ajudado a Carolina no seu desenvolvimento ou se notas alguma diferença no seu comportamento.

P – Apesar de achar que ela deve falar muito mais sobre esse assunto com o professor de Educação Musical, já comentou comigo o quanto gosta de frequentar o Conservatório e tocar. Por vezes, nas aulas matinais até comenta o que fez na tarde passada na música. De uma opinião mais pessoal, acho ótimo que as crianças frequentem a Música ou qualquer atividade artística. A minha filha está no ballet e a aprender piano, e pelo menos a ela notei uma diferença a nível de responsabilidade, atitude e soando estranho, pareceu que cresceu mais depressa eheh. Transforma-os em

muito melhores crianças e tenho a certeza que influenciará a versão futura destes. Aliás já tinha lido em uns artigos o quão bem a música pode fazer ao cérebro da criança e consegue afetar várias áreas como a memória, em aprender uma língua e acho que a coordenação.

A – Por acaso estou mesmo a falar disso no meu projeto final! Eheh. E posso-lhe dizer que tudo o que acabou de dizer é verdade e comprovado cientificamente em vários estudos. A música tem imensos benefícios para as crianças.

P – Por acaso lembrei-me agora que estávamos a falar sobre isto, que tivemos uma disciplina direcionada para a educação especial e como lidar com crianças com necessidades especiais e falámos imenso dos efeitos positivos da música e musicoterapia.

A – Sim, sim! Na verdade, a música consegue ajudar todo o tipo de crianças e até a musicoterapia se pode realizar em idade adulta ou sénior! Tem sempre imensos benefícios! Mas bem, para finalizar e apesar de já termos falado sobre isto agora, queria-te questionar de uma forma mais pessoal se achas que o ensino da música consegue realmente mudar ou ajudar as crianças no seu comportamento e desenvolvimento.

P – Acho sinceramente que sim. Já te disse, sou muito apoiante do ensino artístico, seja este teatro, dança, sei lá, pintura! Ou música. A criatividade é dos principais motivadores para o cérebro na idade destes miúdos e tudo o que seja uma atividade que lhes proporcione o trabalhar deste, é ótimo! Lembrei-me agora que o desporto também é uma ótima atividade não só física, muito para o tipo de crianças com necessidade de gasto de energia, mas também cerebral! Isto, para resumidamente dizer que a educação é fulcral para o desenvolvimento da criança, mas ter uma atividade extracurricular pode ser quase tão importante como a escola. Pode ser o momento em que descobrem a sua paixão ou, como já dito atrás, um motivador cerebral. A música em específico parece-me que envolve imensas partes importantes e desafiadoras. Ler a música, mexer os dedos, em alguns estar a soprar...

Dá-me a ideia de ser quase tão prazerosa quanto difícil!

A – Olha muito obrigada pelo teu contributo Paula, adorei esta entrevista e consegui mesmo recolher dados supervaliosos para o meu trabalho. Desculpa o trabalho e mais uma vez, muito obrigada!

P – Não tens nada de agradecer, parece-me um ótimo tema e só espero que corra tudo bem. Muitos sucessos futuros!

A – Muito obrigada, beijinhos.